



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA

ELISA MARIA PACHECO COSTA

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO:
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

FORTALEZA

2026

ELISA MARIA PACHECO COSTA

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO:
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de História. Área de concentração: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva.

FORTALEZA

2026

ELISA MARIA PACHECO COSTA

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO:
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ensino de História. Área de concentração: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Aprovada em: 26/05/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jailson Pereira da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Edmilson Alves Maia Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^ª. Dr^ª. Raquel da Silva Alves
Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza (SME)

Aos meus eternos alunos, Kauã Victor da Cruz Agostinho e
João Pedro de Souza Mesquita (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Silvana, e à minha irmã, Letícia, por terem sempre me apoiado em todos os sentidos.

Ao meu pai, Marcos Aurélio, sempre presente na minha memória.

Ao meu companheiro Bernardo, que, nas palavras de Manoel de Barros, renova minhas tardes, estica horizontes, enriquece a natureza.

Aos meus amigos, que são também minha família. Amigos de Aracati, do ensino médio no Rio de Janeiro, de Fortaleza. Meus queridos David Felício e Vinícius Mesquita, meus alicerces. Amados Plauto Daniel e Kalil Tavares, que me inspiram e incentivam a seguir.

Aos meus professores de ontem e hoje. Do Colégio Marista de Aracati, da Escola SESC de Ensino Médio (ESEM), na pessoa do Dr. Eduardo Ferraz, que me inspirou a seguir a profissão. Aos professores do departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), e em especial aos professores do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória). Toda gratidão à professora Ana Carla Sabino, razão da existência desse programa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Jailson Pereira, obrigada por todo apoio e carinho desde a graduação e por acreditar nas minhas ideias.

Aos meus atuais e aos antigos colegas de trabalho, parceiros de caminhada na Escola de Ensino Médio (E.E.M.) Rita Estelita dos Santos Rodrigues e Escola de Ensino Médio (E.E.M.) Doutor Gentil Barreira.

Aos colegas da turma de mestrado ano 2024, que se mostraram parceiros essenciais nesta caminhada.

A todos os meus alunos, que me ensinam todos os dias.

RESUMO

A pesquisa teve por escopo a investigação das possibilidades do Ensino de História a partir das histórias de assombração, destacando a viabilidade do trabalho com essas narrativas nas aulas de História. As experiências foram desenvolvidas em duas escolas da rede pública estadual do Ceará: a E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, em Amontada-CE, e a E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, em Fortaleza-CE, e visaram a construção do entendimento das narrativas de assombro em contextos locais e globais. Estudantes do Ensino Fundamental e Médio, ao narrarem histórias de assombração, revelam concepções sobre o passado, o presente e o futuro. A partir do trabalho com contos e relatos orais de assombração, foram trazidas para a reflexão em sala de aula questões como: as transformações urbanas, as manifestações da religiosidade e os traumas coletivos, relacionando-as às sensibilidades e medos do tempo presente. Para tanto, dialoguei com as ideias de autoras e autores, à saber: Jörn Rüsen (2011), Isabel Barca (2004), Alessandro Portelli (1997), Jean Delumeau (2009) e Tzvetan Todorov (1992). Utilizei-me ainda das histórias de assombração compiladas pelos autores Antero Pereira Filho (2016), Gilberto Freyre (2008), Ângela Leite Xavier (2021) e Walcyr Monteiro (2016), que narram histórias em cidades como Aracati-CE, Recife-PE, Ouro Preto-MG e Belém-PA. Destaco a importância da utilização da história oral e das representações sociais no espaço escolar, apontando experiências exitosas de projetos que relacionam as narrativas de assombração com a disciplina de História. A história de assombração foi compreendida como documento, fonte histórica e recurso pedagógico, sendo um produto da tradição oral e literária que dialoga com diversas temporalidades. Ao trabalhar com essas narrativas, busquei articular o ensino-aprendizagem de História com a sensibilização através do maravilhoso e do medo que pudesse levar a uma compreensão crítica do mundo e dos lugares que nele ocupamos. Os resultados obtidos no percurso de investigação foram analisados a partir das vivências em aulas-oficina desenvolvidas entre 2021 e 2025, que culminaram no produto didático *Aulas-oficina mal-assombradas: um caderno didático* que reúne propostas de aulas-oficina em diversas linguagens em torno de temas relacionados às histórias de assombração.

Palavras-chave: ensino de história; práticas docentes; histórias de assombração; narrativas.

ABSTRACT

The research aimed to investigate the possibilities of teaching History through haunting stories, highlighting the viability of working with such narratives in history classes. The experiences developed in two public state schools in Ceará: E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, in Amontada–CE, and E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, in Fortaleza–CE, sought to foster an understanding of haunting narratives in both local and global contexts. Elementary and high school students, when narrating haunting stories, reveal their conceptions of the past, present, and future. Through the use of short stories and oral accounts of hauntings, classroom discussions addressed issues such as urban transformations, expressions of religiosity, and collective traumas, relating them to the sensibilities and fears of the present time. To this end, the study engaged in dialogue with the ideas of scholars such as Jörn Rüsen (2011), Isabel Barca (2004), Alessandro Portelli (1997), Jean Delumeau (2009), and Tzvetan Todorov (1992). It also drew on haunting stories compiled by authors including Antero Pereira Filho (2016), Gilberto Freyre (2008), Ângela Leite Xavier (2021), and Walcyr Monteiro (2016), who recount narratives set in cities such as Aracati–CE, Recife–PE, Ouro Preto–MG, and Belém–PA. The study emphasizes the importance of oral history and social representations within the school environment, highlighting successful project experiences that connect haunting narratives with the teaching of History. Haunting stories were understood as documents, historical sources, and pedagogical resources, as well as products of both oral and literary traditions that engage with multiple temporalities. By working with these narratives, the research sought to articulate the teaching and learning of History with a process of sensitization through the marvelous and fear, fostering a critical understanding of the world and of the places we occupy within it. The results obtained throughout the research process were analyzed based on experiences in workshop-classes conducted between 2021 and 2025, culminating in the educational product *Haunted Workshop-Classes: A Teaching Workbook*, which brings together proposals for workshop-based lessons in multiple formats centered on themes related to haunting stories.

Keywords: History teaching; teaching practices; haunting stories; narratives.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Cartaz do curta-metragem *O Assobiador*.

Imagem 02 - Equipe selecionada para a etapa regional do Ceará Científico 2022.

Imagem 03 - Nuvem de palavras "Você tem medo de quê?".

Imagem 04 - Ficha produzida para as entrevistas.

Imagem 05 - Caderno de campo para o Ceará Científico 2022.

Imagem 06 - Fragmento do roteiro do episódio *A Cachorra Mole*.

Imagem 07 - Registro das fotografias produzidas na eletiva de História Local (2024).

Imagem 08 - Fragmento do Mapa das Assombrações 1.

Imagem 09 - Fragmento do Mapa das Assombrações 2.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

CREDE - Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação.

DCRC - Documento Curricular Referencial do Ceará.

E.E.E.P. - Escola Estadual de Educação Profissional.

E.E.F.M. - Escola de Ensino Fundamental e Médio.

E.E.M. - Escola de Ensino Médio.

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

ESEM - Escola SESC de Ensino Médio.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LEI - Laboratório Educativo de Informática.

MEC - Ministério da Educação.

ONHB - Olimpíada Nacional em História do Brasil.

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

SEDUC - Secretaria da Educação do Ceará.

SEFOR - Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza.

SESC - Serviço Social do Comércio.

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicações.

UECE - Universidade Estadual do Ceará.

UFC - Universidade Federal do Ceará.

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E AS AULAS DE HISTÓRIA.....	16
2.1	Histórias de assombração: entre o estranho e o maravilhoso.....	17
2.2	Histórias de assombração no ensino de História.....	21
2.3	Análises de contos de assombração.....	29
3	ASSOMBROS, HISTÓRIA ORAL E MEDO.....	47
3.1	Histórias de assombração: ensino de História, história oral e representações.....	47
3.2	Medo de assombração.....	56
3.3	Experiências com histórias de assombração.....	59
3.3.1	<i>Projeto Assombros e Memórias (Fortaleza-CE).....</i>	<i>59</i>
3.3.2	<i>Projeto Becos da Memória: novos contos do Aracati.....</i>	<i>60</i>
3.3.3	<i>Projeto Recife Mal-Assombrado.....</i>	<i>62</i>
4	RELATOS DE UMA PROFESSORA ASSOMBRANDO AS AULAS DE HISTÓRIA.....	64
4.1	Experiências assombrosas entre o interior e a capital cearense.....	64
4.2	Formas de contar uma história de assombração.....	80
5	CADERNO DIDÁTICO: AULAS-OFICINA MAL-ASSOMBRADAS.....	97
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A – TABELA DE CATALOGAÇÃO DAS FONTES.....	102
	APÊNDICE B – AULAS-OFICINA MAL-ASSOMBRADAS: UM CADERNO DIDÁTICO.....	163

1 INTRODUÇÃO

As histórias de assombração me fascinaram nos últimos anos, creio que pelo fato de não ter acessado muitas delas na minha infância. Nasci em Aracati-CE, no ano de 1996, sou filha de uma enfermeira, Silvana, e um fotógrafo, Aurélio, ambos foram a primeira geração de suas respectivas famílias que puderam frequentar a escola integralmente, sendo minha mãe, a primeira da família a cursar o ensino superior. A escola se tornou o lugar mais importante da minha vida. Contribuiu para isso, após perder meu pai de maneira abrupta aos cinco anos de idade, um irmão do Colégio Marista de Aracati ter tido a incumbência de nos contar, a mim e a minha irmã, que nosso pai não estava mais entre nós.

O referido colégio tinha orientação católica, valorizava o ensino formal e a educação cultural do educando. Naquela instituição entrei em contato com excelentes professores que lecionavam Matemática, História, no campo das artes, tive aulas diversas de teatro, de dança e de música. Participei em diferentes ocasiões de olimpíadas científicas e de espetáculos teatrais. A escola, embora não fosse de tempo integral, e eu optasse por estudar no turno matutino, eu costumava com certa frequência permanecer o dia inteiro, me sentia acolhida pela instituição.

Em 2006, cinco anos após o falecimento do meu pai, minha mãe recebeu um convite para contribuir na composição de um livro, mediante a cessão de algumas fotografias produzidas por meu pai. O livro se chama *Histórias de Assombração do Aracati*, do memorialista Antero Pereira Filho (2006). Compareci ao seu lançamento que aconteceu em um casarão da Rua Grande, como é denominada a rua Coronel Alexanzito, localizado no centro da cidade de Aracati. Essa experiência me atravessou. Na ocasião, Anterinho, como o autor da obra é conhecido na cidade, convidou o Grupo de Teatro Lua Cheia para realizar a leitura dramática de alguns dos contos de assombração, muitas daquelas narrativas tinham como cenário a própria rua em que acontecia o lançamento. Naquele exato momento, eu me senti mais próxima do meu pai, diante da leitura feita por seu grande amigo, o ator Marciano Ponciano, e da escolha das fotografias feitas de forma carinhosa pelo escritor.

Aos 14 anos, finalizando o ensino fundamental, segui o mesmo movimento que a classe média aracatiense costumava fazer, busquei por escolas preparatórias que me capacitassem para passar do exame para o vestibular, em Fortaleza-CE e em Mossoró-RN. O ano de 2010 foi marcado por incontáveis entrevistas, viagens e processos seletivos, dentre eles uma oportunidade que acabou se concretizando. No ano seguinte, mudei-me para o Rio de Janeiro –RJ para estudar e morar na Escola SESC de Ensino Médio (ESEM).

A ESEM é uma escola mantida pelo Serviço Social do Comércio (SESC), a escola-residência ofertava, entre os anos de 2008 e 2022, vagas para adolescentes de todos os estados do país mediante processo seletivo, de forma integralmente gratuita. O lema da ESEM é: “Educação para a vida” e buscava a formação integral dos alunos. A instituição continua existindo, mas já não funciona como residência, recebendo somente estudantes da cidade do Rio de Janeiro.

Na ESEM, a escola era literalmente a minha casa. De segunda à sábado, das 7h às 20h, eu estava imersa em atividades educativas. Pela manhã, com um currículo regular e à tarde com aulas diversificadas. Além de aulas de História, Literatura e Geometria, tive aulas de Fotografia, Geopolítica, Experimentações Contemporâneas e Percepção Musical. No teatro da escola assistia regularmente a espetáculos teatrais do Palco Giratório (projeto do Sesc de intercâmbio de artes cênicas), bem como, a shows de músicos brasileiros como Arnaldo Antunes. Viajei para diversas cidades: Inhotim–MG, Ouro Preto–MG, Região dos Lagos–RJ, São Paulo–SP e Pantanal–MT, com aulas de campo planejadas de forma transdisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Ao final do Ensino Médio, meu vínculo com a educação se estreitou, decidi fazer faculdade de História, mesmo sem saber se queria o magistério por profissão.

Foi em uma das primeiras disciplinas que cursei na Universidade Federal do Ceará (UFC), com a Profa. Dra. Kênia de Souza Rios, que eu pude compreender que a História não está só nos documentos escritos. Que o que é imaginado, o que é compartilhado socialmente, pode ser objeto de estudo desta disciplina, inclusive as histórias de assombração! Posteriormente, durante uma conversa informal com o Prof. Dr. Jailson Pereira, hoje orientador desta pesquisa, que eu fui apresentada ao livro de Gilberto Freyre (2008), *Assombrações do Recife Velho*. Isso era por volta de 2015. Como é interessante observar os tempos da pesquisa!

Durante a graduação na UFC me compreendi professora, sobretudo, através da experiência oportunizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - *Educação em Direitos Humanos: Gênero e Sexualidade na Escola*, ao longo dos anos 2015, 2016 e 2017. O programa era coordenado à época pela Profa. Dra. Ana Rita Fonteles. Aprendi, naquele contexto, as primeiras lições em sala de aula.

Após a graduação e tive uma experiência curta como professora temporária de História na Prefeitura de Fortaleza e na sequência, em 2021, assumi o concurso público da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc), sendo lotada no município de Amontada–CE, que fica a cerca de 176 km da capital cearense. Naquele contexto, as escolas se preparavam para retornar às aulas presenciais após o período de isolamento em decorrência da pandemia da doença por

coronavírus 2019 (Covid-19). Foi na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues que experimentei pela primeira vez, diante da empolgação dos meus alunos, investigar o tema das histórias de assombração no espaço escolar.

Essas narrativas de assombração gestadas na tradição oral fazem parte da memória coletiva de diversas cidades brasileiras. Atualmente o interesse por histórias sobrenaturais vem crescendo, haja vista o volume de canais no *Youtube*, *podcasts* e livros de memória¹ disponíveis sobre o tema, além de *tours* guiados por lugares assombrados em cidades como Recife, Ouro Preto e São Paulo.

O interesse pelo registro dessas narrativas não é novidade. Como já citado anteriormente, Gilberto Freyre reuniu em *Assombrações do Recife Velho*, publicado em 1955, alguns casos de casas mal-assombradas e aparições fantásticas na capital pernambucana que teve conhecimento durante o período em que passou pela direção do jornal “A Província”. Para Freyre, esses mistérios fazem parte da história da cidade do Recife, ele defende que:

Quem se surpreender com um livro sobre assombrações, de escritor que tem na Sociologia [...] seu mais constante ponto de apoio [...] que contenha sua surpresa ou modere seu espanto. Pois não há contradição radical entre Sociologia e História, mesmo quando a História deixa de ser revoluções para tornar-se de assombrações (Freyre, 2008, p. 25).

Assim como Freyre apostou na relevância dessas narrativas para os estudos das Ciências Humanas, o memorialista Câmara Cascudo (1986) dedicou boa parte de sua obra a registrar hábitos culturais brasileiros. Em *Contos Tradicionais do Brasil* o autor reúne 100 (cem) narrativas que classifica como contos populares ou folclóricos, coletados junto a familiares e pessoas do seu convívio cotidiano. Esse pesquisador investigou se as narrativas identificadas por ele se repetiam em outras regiões do Brasil ou em outros países, nestes casos, por meio de correspondências com pesquisadores internacionais do folclore.

As narrativas de fantasmas locais mal-assombrados e outras aparições sobrenaturais vivos na tradição oral brasileira e também registradas em texto, cinema e outras linguagens, trazem à superfície questões relevantes para o Ensino de História. Já que "baseados em narrativas orais, relatos pessoais, memórias e eventos históricos, esses textos constituem prolíficas fontes para se examinar as conexões entre a memória de uma sociedade e seus espaços figurativos e materiais" (Gabriel, 2022, p. 3).

¹ Para ver mais: canal do *Youtube AssombraO.com.br* conta com mais de três milhões de inscritos, de autoria de Mateus Fornazari e Ana Paula Fornazari; o *podcast O que te assombra?* produzido por Thiago de Souza, Silo Sotil e Matheus Hass; a publicação de história em quadrinhos, *Histórias de Assombração: causos assustadores do Vale do Paraíba*, do designer gráfico Maurício Pereira (2023).

Os relatos de assombração podem surgir de memórias traumáticas e rememoram hábitos e tradições de tempos passados, mas também lidam com o humor, com as fugas, com as práticas de resistência e de esperança que animam as pessoas. Os fantasmas urbanos costumam aparecer em casarões decadentes, cemitérios, ruas históricas, já os seres sobrenaturais rurais aparecem em formas físicas semelhantes a animais. Essas manifestações podem ser encontradas em muitas cidades brasileiras.

Para o caso dos relatos recolhidos por Gilberto Freyre, a historiadora Maria Alice Gabriel (2022) reflete sobre o possível cenário em que surgem diversos fantasmas do Recife. Com o declínio dos engenhos de cana-de-açúcar no século XIX, atrelado à abolição do tráfico de escravizados, houve um aumento populacional nos centros urbanos. Os senhores de engenho em decadência e, com eles, a ordem política até então vigente, foram se transformando em personagens de histórias de fantasmas nos relatos dos trabalhadores rurais.

Alguns cenários de narrativas de assombro são lugares de memória destruídos. A casa-grande de Megaípe em Recife, destruída em 1928. Em Aracati-CE, o “sobrado das corujas” foi escolhido como cenário pelo memorialista Antero Pereira Filho na obra outrora mencionada, *Histórias de Assombração do Aracati*, para uma reunião dos abolicionistas fantasmas. Assim como indivíduos que perdem um membro físico sentem uma dor fantasma na parte do corpo perdida, “Também no plano social, pessoas experienciam ‘dores fantasmas’, por sentir de algum modo a presença de pessoas, lugares e coisas obliterados, perdidos, ausentes ou que ainda não se materializaram” (Bille; Hastrup; Flohr, 2003, *apud* Gabriel, 2022, p. 8).

As narrativas de assombração, concebidas na tradição oral das sociedades que as produzem, são transmitidas pelos indivíduos mais velhos que carregam consigo suas visões do passado. Essas histórias estabelecem uma relação geracional e, ao narrá-las, os indivíduos dão a ver os sentidos que atribuem ao passado.

Por meio das histórias de assombração, professores de História podem trazer para o debate, aspectos da história local, costumes, personagens, eventos históricos, lugares de memória, sentimentos e medos que fazem parte da realidade dos alunos e da comunidade em que vivem. Além de representar uma oportunidade de resgatar o “mistério” e o “encanto” nas aulas de história, afinal, conforme refletiu Gilberto Freyre:

O mistério continua conosco [...] embora diminuído pela luz elétrica e por outras luzes. Por que desconhecê-lo ou desprezá-lo em dias tão críticos não só para certas fantasias psíquicas como para certas verdades científicas, como os dias que atravessamos? (Freyre, 2008, p. 31).

Tornar o ensino de História significativo para os estudantes é uma das preocupações que permeiam os debates entre professores na atualidade. Atrelado a isso, vivenciamos nas salas de aula brasileiras uma espécie de dificuldade em desenvolver atividades que requerem atenção por tempo prolongado, a exemplo da leitura de textos mais extensos, assistir a vídeos longos ou ouvir falas e narrativas distendidas. Sobre a morte da narrativa, Walter Benjamin anunciou que:

[...] as ações de experiências estão em baixa: é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. [...] A experiência que passa de uma pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Por isso, ele diz que a narrativa, que durante tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si”, da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. O narrador tem sempre suas raízes no povo. Independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos (Silva, 2023, p. 192).

Benjamin defendia que a arte de narrar está em vias de extinção, porque a experiência não está sendo partilhada. Narrar envolve um labor artesanal, não se trata simplesmente de transferir informações, mas de tornar a história significativa para quem conta e para quem as ouve. Se não compartilhamos experiências, a narrativa morre. Tais reflexões apontam caminhos para o Ensino de História destinados ao público infantil e adolescente.

Educar pelas experiências através da memória pode ser uma saída para o desenvolvimento da aprendizagem histórica significativa. O ato de narrar forja a identidade individual e coletiva, cria vínculos comunitários. Recorrendo a histórias folclóricas, fantásticas ou de assombro, os anciãos transmitem às novas gerações as memórias, os costumes e as crenças de suas comunidades (Gabriel, 2020).

Quando articulamos histórias de assombração e o Ensino de Histórias, não operamos apenas com o estranho, o desconexo, ou algo sem sentido. Ao contrário, partimos da ideia de que é preciso pensar os modos como as sociedades elaboram histórias sobre si; e como essas histórias lidam com saberes históricos e chegam ao espaço escolar. Diante do que foi exposto, a presente dissertação se localiza na linha de pesquisa *Saberes Históricos no Espaço Escolar*.

Apesar da resistência de estudantes nas aulas de História em ouvir relatos orais mais longos, quando se tratam de narrativas mitológicas ou fantásticas a experiência pode ser diferente. A professora Vanessa Lino (2022), em sua dissertação do ProfHistória: *Mitos Afro-Ameríndios na Educação: Os 'Contos da Terra' nas aulas de História*, relata o desenvolvimento de um projeto escolar sobre mitologia greco-romana que a motivou a pensar

no problema de pesquisa, as crianças demonstraram profundo interesse pelo universo mítico apresentado.

A professora adaptou seu projeto para trabalhar as narrativas indígenas buscando uma perspectiva decolonial. Lino (2022) apresenta uma discussão a respeito da forma como as mitologias são utilizadas como ferramenta pedagógica, em geral no seu aspecto literário, outras vezes, realizando um contraste entre as dimensões do mito e da verdade. Ela defende a presença das narrativas míticas e religiosas nos processos educativos. A respeito desse debate que defronta mito e verdade, a historiadora Karina Sindhu de Paula (2013) considera:

Os conceitos têm sua historicidade, dados os sentidos de significações que recebem no cotidiano e na relação entre poder e saber. O conceito de lenda, ao longo da história humana, obteve empregos e lugares variáveis no jogo de relevâncias, visto que a sua significância comunica-se à dimensão do crível, do incrível e do não-crível. As lendas podem constituir fonte explicativa (ou ilustrativa) de muitos percursos do dinamismo histórico das culturas nas quais floresceram, por relacionarem-se com o ambiente natural e com os elementos que permeiam o imaginário das pessoas. Devido às muitas significações e conexões que possuem os imaginários sociais, as lendas são uma rica fonte para os estudos deste campo (Paula, 2013, p. 194).

Por tanto, superar o debate do “crível e não-crível” é necessário para o trabalho com fontes históricas gestadas no imaginário social. As histórias fantásticas, lendas e narrativas de assombração apresentam muitas camadas passíveis de análise histórica, muito além da dicotomia verdade-mentira. Elas deixam transparecer os valores, os medos coletivos e os nossos alunos sabem lidar com isso. Eles entendem e podem se interessar por saber mais dessas histórias que, muitas vezes, pertencem a outros sujeitos, são igualmente compartilhadas por eles.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as histórias de assombração no contexto do Ensino de História na educação básica. Como método de abordagem para a utilização de narrativas de assombração nas aulas de História, parto da concepção de aula-oficina, apresentada por Isabel Barca (2004), que defende que o indivíduo para ser instrumentalizado em História precisa passar por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, bem como, por um desenvolvimento de orientação temporal que seja traduzido na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado.

A dissertação se divide em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Histórias de assombração, consciência histórica e as aulas de História”, onde investigo as interseções entre as histórias de assombração e o Ensino de História, propondo que essas narrativas são potentes para conectar estudantes do Ensino Básico aos debates das aulas de História e essenciais para

compreender como eles significam o passado. A partir da teoria de Todorov (1992), situei as narrativas de assombro no gênero do fantástico, em seguida discuto como professores dessa disciplina podem perceber como as crianças e os adolescentes compreendem passado, presente e futuro a partir do trabalho com histórias de fantasmas, lobisomens, dentre outros analisando algumas obras que reúnem contos de assombração, indicando, por conseguinte, caminhos para desenvolver aulas de História a partir dessas narrativas.

No segundo capítulo, nomeado como: "Assombros, história oral e medo", aprofundo a discussão sobre o trabalho com narrativas de assombração através da análise de projetos desenvolvidos com estudantes da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues em Amontada-CE, mobilizando categorias relevantes para as aulas de História, tais como: o medo e a morte. Por fim, apresento experiências exitosas de projetos desenvolvidos em algumas cidades do Brasil que relacionam histórias de assombração, História e Memória.

O terceiro capítulo, denominado: "Relatos de uma professora assombrando as aulas de História", elaboro reflexões da minha prática docente entre 2021 e 2025, detalhando como desenvolvi projetos e aulas-oficina a partir das histórias de assombração em duas escolas públicas do estado do Ceará.

No quarto e último capítulo, apresento a proposta didática da dissertação, um caderno didático que reúne 07 (sete) propostas de aulas-oficina na temática das histórias de assombração, esse capítulo intitulei *Aulas-oficina mal-assombradas: um caderno didático*.

2 HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E AS AULAS DE HISTÓRIA

Na educação básica contemporânea, diferentes desafios se colocam de acordo com a realidade escolar, dentre eles a dificuldade em se estabelecer um vínculo entre o que é estudado e o que interessa às crianças e adolescentes. Antes da popularização dos *smartphones* já havia essa questão. Todavia, ela tem se agravado na atualidade. A dificuldade de concentração ampliada pelo uso excessivo de telas acarreta um problema que considero grave: a incapacidade de ouvir o outro.

Paralelo a esse cenário na educação, percebo a popularização do tema das histórias de assombração, já tão exploradas pelo cinema e pela literatura. Histórias de fantasmas e outros seres que figuram nas narrativas de assombro não são novidade no Brasil. Entretanto, nos últimos anos, se popularizaram *tours* assombrados em algumas cidades como Recife-PE, Ouro Preto-MG e São Paulo - SP². Nesse contexto, a presente pesquisa busca criar uma associação entre o ensino de História e as narrativas de assombração, apontando possibilidades para o trabalho com contos e narrativas³ coletadas nas comunidades onde nossas escolas se localizam e onde nossos estudantes residem.

No primeiro tópico, *Histórias de assombração: entre o estranho e o maravilhoso*, partiremos da classificação dessas narrativas que denomino “histórias de assombração”, a partir da investigação de qual gênero narrativo esses contos populares pertencem, os espaços nos quais as narrativas são compartilhadas e as temáticas que aparecem com frequência nessas histórias.

O tópico seguinte, *Histórias de assombração no ensino de História*, discorre sobre como essas histórias podem contribuir com as aulas de História, no sentido de possibilitarem uma aproximação dos alunos com os temas e objetivos escolares. O trabalho com essas narrativas oportuniza ao professor de História perceber de que forma o educando significa o passado, pois ao analisar e narrar histórias de assombração, crianças e adolescentes demonstram os sentidos que atribuem ao passado.

Por fim, no terceiro tópico, *Análises de contos de assombração*, apresento obras de memorialistas que escreveram contos de assombração, a partir de relatos orais de suas

² No segundo tópico deste capítulo, intitulado *Histórias de assombração no ensino de História*, analiso experiências do chamado “turismo macabro”, que relaciona visitas guiadas à espaços públicos e histórias de assombração.

³ Narrativas de assombração consistem em histórias transmitidas oralmente que inspiram a produção escrita de contos do mesmo gênero. Proponho, assim, a abordagem de ambas as formas no Ensino de História.

comunidades. Essas escritas traçam temas e motivações comuns entre os diversos autores. Desta forma, é possível pensar nesses temas e conceitos para a inserção dessas narrativas nas aulas de História.

2.1 Histórias de assombração: entre o estranho e o maravilhoso

É preciso criar uma classificação para o que denomino *histórias de assombração*. Para tanto, partirei de três categorias de análise: sua forma (gênero literário em que se insere), o espaço em que são compartilhadas e os temas frequentes.

O linguista e teórico literário Tzvetan Todorov, em *Introdução à literatura fantástica* (1992), dedicou-se a estabelecer parâmetros para classificar obras literárias como pertencentes ao gênero da literatura fantástica. O autor entende por fantástico o momento em que, em uma narrativa literária que se desenvolve inicialmente em um mundo reconhecível, o leitor acaba surpreendido por um evento que não se explica pelas leis naturais.

Nesse momento se estabelece uma incerteza entre duas soluções para explicar o evento: ou o leitor acredita que está diante de uma ilusão, sendo ludibriado pela trama e, assim, as regras do seu mundo continuam valendo, ou então, o evento realmente ocorreu na trama e as leis daquele universo literário são desconhecidas pelo sujeito que toma contato com a obra. A partir do estudo de Todorov (1992), o fantástico é precisamente definido pelo tempo da incerteza entre uma solução ou outra. Ao tomar a primeira decisão, de que o evento se trata de uma ilusão, a obra passa ao campo do estranho. No entanto, quando se admite a existência de novas leis naturais para explicar o fenômeno, o leitor está diante do gênero maravilhoso.

A partir da definição de Todorov (1992) para classificar o gênero da literatura fantástica partirei da ideia de que as histórias de assombração, quando escritas, pertencem ao gênero fantástico, pois o leitor se vê diante do momento de tomada de decisão para explicar um evento que não se justifica por leis conhecidas, estando entre o estranho e o maravilhoso. Diante da proposta de sugerir um subgênero que se insere no gênero fantástico, me pergunto a respeito do volume de textos aos quais preciso me atentar para operar a tarefa à qual me proponho.

Todorov (1992) afirma que toda teoria dos gêneros parte de uma representação da obra literária e, portanto, de um recorte. Logo, “qualquer que seja o número de fenômenos estudados (neste caso, de obras), não estaremos autorizados a deduzir deles leis universais; o pertinente não é a quantidade de observações, se não, exclusivamente a coerência lógica da teoria” (Todorov, 1992, p. 5).

Analisarei inicialmente 04 (quatro) obras literárias fantásticas: *Histórias de Assombração do Aracati*, de Antero Pereira Filho (2016); *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre (2008)⁴; *Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto*, de Angela Leite Xavier (2021) e *Visagens e Assombrações de Belém*, de Walcyr Monteiro (2016). Neste capítulo, aponto as potências do trabalho com esse gênero nas aulas de História do ensino básico, ao considerar as obras acima citadas, as quais se baseiam em narrativas orais de assombração.

O recorte das obras escolhidas é diverso espacialmente pois, apesar dos quatro autores serem brasileiros, estão espalhados por três regiões do país (Norte, Nordeste e Sudeste). Os autores escrevem em tempos diversos. Os livros de Walcyr Monteiro e Gilberto Freyre são do século XX. Já Antero Pereira Filho e Ângela Leite Xavier escrevem no século XXI. Entretanto, observo a existência de um anseio em comum, que aparece nos prefácios, orelhas dos livros ou, no corpo dos textos: o receio de que essas narrativas - as quais classifico como histórias de assombração, se percam no tempo, uma vez que elas foram gestadas na tradição oral das comunidades nas quais os autores estão inseridos, ainda que não sejam restritas ao campo da oralidade.

A historiadora Regina Ilka Vieira Vasconcelos (2001), em seu artigo: *Oralidade e Tradição na Caatinga: Experiências do sertanejo cearense com assombrações*, reflete sobre a relação entre histórias de assombração e o ato de narrar:

Essas histórias estão fortemente associadas ao ato mesmo de contar. Elas passam a existir após o ato da narrativa, que se configura durante uma reunião familiar, de vizinhos, geralmente durante o descanso da noite. O costume da “contação” de histórias é a prática a perseguir (Vasconcelos, 2001, p. 304).

As histórias de assombração nascem e permanecem vivas nas rodas de conversa que se formam nas calçadas, hábito que tem sido ameaçado, segundo a análise das obras indicadas acima, pelo advento das tecnologias como: a energia elétrica, a televisão ou, alimentada por um sentimento de insegurança que se instaurou nas zonas rurais e, principalmente, nas cidades.

O historiador Edcarlos da Silva Araújo (2021), em seu trabalho: *Depois da meia-noite: experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos que narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969)*, expressa sobre o receio do desaparecimento do hábito de contar histórias de assombração como uma realidade dessa localidade:

Percebemos pela fala dos entrevistados que a grande brincadeira de contar histórias de terror e assombrações era algo que divertia as noites. Muitas vezes iluminados pela

⁴ Embora publicado originalmente em 1955, utilizei nesta pesquisa a edição de 2008, publicada pela Editora Global.

luz da lua ou por alguma fogueira, conversavam sobre os vultos que viam pela mata, mas também se nota a importância da chegada da energia elétrica na cidade em 1969, pois assim teriam mais opções de lazer. Então, o ato de narrar histórias parecia ficar latente e, aos poucos, foi suprimido por novas práticas cotidianas, inseridas a partir da modernização da cidade. O que causaria também um impacto na memória dos que viveram tal processo (Araújo, 2021, p. 31).

Uma segunda marca que identifico nas histórias de assombração é que elas nascem da tradição oral. As obras analisadas partem de histórias de assombração coletadas nas comunidades a que os autores pertencem.

Outro aspecto que me chama a atenção nessas histórias são os temas frequentes nas narrativas. Estando inseridas no gênero do fantástico, essas histórias provocam curiosidade, medo ou horror (Todorov, 1992). Para definir o que são assombrações, o historiador Francisco Wellington Filho se apropria da definição do folclorista Câmara Cascudo, que consiste em dizer que a “denominação assombração [...] se refere a um grande medo” (Cascudo, 1999 *apud* Filho, 2023, p. 220).

As assombrações causam efeito de medo, mas não seria viável utilizar como critério para um subgênero literário o efeito que provoca no leitor, se trataria de uma operação demasiado subjetiva e difícil de medir. Discorrer sobre os temas mais recorrentes nas histórias de assombração me parece mais efetivo como terceiro parâmetro.

Com frequência, os contos de assombração apresentam como personagens fantasmas ou eventos fantasmagóricos como procissões fantasmas, sons do além, vultos, manchas de sangue, sensação súbita de frio, para citar alguns exemplos. O historiador Cícero Joaquim dos Santos (2017), em sua tese de doutorado: *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*, investigou as narrativas orais sobre mortos no Cariri. É interessante observar como esse pesquisador apresenta o conceito “história de almas”:

[...] uma expressão oral usada no Ceará para designar narrativas cujo teor é o sobrenatural, como causos de assombração, aparições misteriosas dos mortos nos variados espaços do mundo terreno, viagens e passagens enigmáticas às dimensões do além, dentre outras experiências (Santos, 2017, p. 15).

Para além dos temas fantasmagóricos, as histórias de assombração apresentam outros personagens fantásticos⁵ que “são, comumente, histórias sobre lobisomens, caiporas, sacis e

⁵ A fauna de fantasmas e seres fantásticos é vasta, assim como sua topografia. O livro *dos seres imaginários* (Borges, Guerrero; 2000) e *Bestiário brasileiro: monstros, visagens e assombrações* (Simas, 2024), indicam essa diversidade.

outros seres relacionados com uma suposta vida selvagem, e contam também encontros com entidades de “reinos encantados”, como príncipes e princesas” (Vasconcelos, 2001, p. 304).

Fantasmas e lobisomens figuram amiúde nas histórias de assombração analisadas. Contudo, diante do levantamento de temas elaborado por Vasconcelos (2001), considerando os reinos encantados enquanto paisagens dos contos de fadas, Todorov (1992) reflete:

Costuma-se a relacionar o gênero do maravilhoso com o do conto de fadas; em realidade, o conto de fadas não é mais que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma: nem o sonho que dura cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (Todorov, 1992, p. 30).

Se os contos de fadas estão inseridos no universo literário do maravilhoso, que segundo Todorov (1992) é quando não há estranhamento do leitor em relação aos eventos sobrenaturais, e o primeiro critério que estabelecemos para identificar as histórias de assombração é justamente a presença de um momento de indecisão diante do sobrenatural. Logo, os contos de fadas não se adequam à definição que construo para histórias de assombração.

Ainda a respeito dos temas das histórias de assombração indicados por Vasconcelos (2001), não necessariamente os seres retratados nessas narrativas estão relacionados a uma “suposta vida selvagem”. Observo nas obras analisadas que as assombrações não se limitam a fronteiras estáticas. Gilberto Freyre (2008) aponta que com o crescimento da cidade do Recife-PE e a mudança das populações rurais para as cidades, junto com elas teria ocorrido também a migração das histórias de assombrações. Esse trânsito de narrativas se torna evidente ao comparar histórias de assombração coletadas em diferentes territórios.

Essas histórias acontecem em lugares familiares às comunidades que as narram, ao mesmo tempo em que carregam um reconhecimento que pode ser compartilhado por diferentes culturas, pois diz respeito a ausência de fronteiras para as assombrações. Os elementos próximos, conhecidos pelo público local, tais como: as ruas, as edificações, os festejos, os costumes representados nas histórias, são características potentes para aproximar os estudantes do ensino básico das suas próprias comunidades. Considero que essas mesmas qualidades são capazes de dialogar com outras comunidades, possibilitando que sejam trabalhadas em qualquer território.

À vista dessa discussão, afirmamos que as histórias de assombração podem ser definidas como narrativas localizadas entre o estranho e o maravilhoso, gestadas nas tradições orais, mesmo que compartilhadas em diversos formatos. Podemos dizer ainda que, figuram personagens múltiplos como: fantasmas, lobisomens, bruxas, monstros e espaços reconhecíveis

pelas comunidades que as compartilham. Definindo desse modo o subgênero - história de assombração, no tópico seguinte, farei uma reflexão sobre as potencialidades do trabalho com essas narrativas nas aulas de História.

2.2 Histórias de assombração no ensino de História

Quem, porventura, passasse pela região do centro de Fortaleza-CE, nas imediações do cemitério São João Batista⁶, em alguma noite de sexta-feira do mês de outubro de 2025, provavelmente, se depararia com uma movimentação incomum. Tratava-se do projeto *Assombros e Memórias*, promovido pelo grupo *Fortaleza Necrópole*⁷ - uma iniciativa dos historiadores Sandoval Matoso e Thiago Roque, em parceria com o contador de histórias Samuel Jacinto. Grupos de até 100 (cem) pessoas, interessadas em conhecer a história do cemitério e ouvir as narrativas de assombração da cidade. Os entusiasmados visitantes caminhavam por entre os túmulos em um passeio guiado por quase duas horas de duração. Essa iniciativa não é exclusiva da capital cearense⁸, mas integra um movimento que ocorre em várias cidades do país.

As pesquisas no campo da Didática da História se propõem a estudar as expressões da História em espaços formais e não formais de educação, inclusive as que se manifestam na escola, não se limitando às práticas escolares (Cardoso, 2008). As histórias de assombração mobilizam pessoas de várias faixas etárias, seja no formato de contos de assombração, ou seja, por meio do compartilhamento oral dessas narrativas, além de outras linguagens como o cinema, por exemplo. Mas como essas histórias podem ser mobilizadas a partir do Ensino de História?

⁶ O Cemitério São João Batista é o mais antigo cemitério da capital cearense, localizado no bairro Jacarecanga. Ele foi inaugurado em 1866, em um movimento de modernização e higienização da cidade. Para saber mais, consultar: SILVA, José Solon Sales e. **Novas territorialidades para o turismo em Fortaleza (CE): as potencialidades do Cemitério São João Batista visto como um espaço sagrado**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2013.

⁷ Ver: MENEZES, Penélope. Assombros e memórias guiam rota imersiva no cemitério São João Batista. **O Povo**, Fortaleza, 16 out. 2025. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2025/10/16/assombros-e-memorias-guiam-rota-imersiva-no-cemiterio-sao-joao-batista.html>. Acesso em: 27 nov. 2025.

⁸ Iniciativas de “turismo macabro”, que articulam História, Memória e Cultura como: o *Recife Mal-assombrado*, na capital pernambucana, com dez anos de existência; a *Caminhada Assombrada*, promovida pelo ator Marcelino Xibil, no centro histórico de Ouro Preto-MG; o *SP Haunted Tour*, na cidade de São Paulo; o *Grupo O que te assombra?*, em Campinas-SP, Piracicaba-SP, Santos-SP, Rio de Janeiro-RJ, Belo Horizonte-BH e o *Porto Alegre Mal Assombrada*, no centro histórico da capital gaúcha. Fonte: TURISMO do terror: nesta sexta-feira 13, conheça programas sobrenaturais em cidades brasileiras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13. jun. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/06/13/turismo-do-terror-nesta-sexta-feira-13-conheca-programas-so-brenaturais-em-cidades-brasileiras.ghhtml>. Acesso em: 27/11/2025.

Ensinar História é ensinar a pensar historicamente por meio da relação entre a teoria e a prática da aprendizagem histórica. Historiadores, ao desenvolverem uma pesquisa, utilizam do método histórico para analisar as fontes e construir imagens do passado, e mobilizam ao elaborar uma narrativa histórica os conceitos de segunda ordem (Barca, 2021). Dentre eles, destaco o conceito de orientação temporal, essencial para que a aprendizagem histórica se efetive.

Nós temos a necessidade de dar sentido a nossas ações no mundo, buscando compreender quem somos enquanto indivíduos e em relação aos outros. Esse movimento de significar o mundo só é possível se temporalizarmos nossas vivências, se tomarmos percepção do espaço-tempo no qual existimos. Dito de outro modo, é preciso articular passado, presente e futuro para tomarmos consciência de como chegamos a ser o que somos (Gago, 2016). Essa forma de se orientar no tempo é a chamada consciência histórica, “uma das estruturas do pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição da identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que se está inserido” (Cerri, 2011, p. 13).

Consciência histórica não é algo que pode ser adquirido, pois é inerente ao pensamento humano. A criança e o adolescente, ao chegarem na escola, não são tábulas rasas no que se refere ao pensar historicamente, portanto, não é papel do professor incentivar o desenvolvimento de consciência histórica, afinal ela já existe. Desconsiderar essa bagagem dos alunos implicaria dizer que existem pessoas que são conscientes e outras inconscientes, alienadas ou desprovidas de consciência histórica. Destarte, a missão do Ensino de História na escola:

[...] não é dar algo a quem não tem, não é dar saber ao ignorante, mas é gerenciar o fenômeno pelo qual saberes históricos são colocados em relação, ampliados, escolhidos, modificados. Nada pode ser mais prejudicial para isso do que uma tábua inflexível de conteúdos selecionados previamente e fora da relação educativa (Cerri, 2011, p. 69).

Para que possa haver aprendizagem histórica é preciso construir sentido sobre a experiência do tempo, e essa construção de sentido se faz pela narrativa (Rüsen, 1994). Mas, no Ensino de História, não é qualquer narrativa. Não é uma narrativa onisciente, produzida apenas pela fala dos professores. Diferente disso, trata-se de uma narrativa compartilhada, na qual os estudantes se sintam co-construtores, sujeitos ativos na confecção das histórias com as quais tomam contato.

Uma proposta possível é a aula-oficina (Barca, 2004) que permite um contato maior entre professores e alunos e assim propiciar um diagnóstico mais efetivo de como os

adolescentes estão se desenvolvendo no que diz respeito às ferramentas da disciplina, para então, recalculando a rota no planejamento escolar quando for necessário.

Para Jörn Rüsen, a consciência histórica não é uniforme, pois se manifesta de diversas maneiras, atribuindo sentido ao passado. As “formas de geração de sentido histórico” podem ser observadas principalmente nas narrativas (Rüsen, 1992 *apud* Cerri, 2011, p. 99). O autor divide esses sentidos históricos em quatro tipos ideais: o tradicional, o exemplar, o crítico e o genético. Esses tipos não se referem a uma escala de progresso, no sentido de serem estágios em que uma é mais desenvolvida em relação a outra, esses tipos podem conviver em um mesmo indivíduo, se adequando às necessidades cotidianas.

Para o professor de História, o trabalho com histórias de assombração pode ser uma oportunidade para identificar os tipos de sentidos históricos predominantes na sala de aula, oportunidade esta que permite traçar estratégias para estimular o desenvolvimento dos estudantes:

Retirar os jovens do presente contínuo é abrir as portas para a sensibilidade em relação ao passado e à compreensão da dinâmica do tempo. Trata-se da competência de experiência [...] que integra a competência narrativa. Conhecer as surpresas, as mudanças imprevistas do desenrolar dos acontecimentos abre as portas da inteligência à possibilidade histórica. Viver apenas o presente tende a reproduzir a condição atual - com todas as suas mazelas - pela ausência de sujeitos interessados em tentar fazer as coisas de outra forma (Cerri, 2011, p. 116).

Os adolescentes com os quais convivo diariamente em sala de aula apresentam dificuldade ao projetar imagens do futuro. Pelas produções audiovisuais, esse futuro aparece quase sempre como uma imagem distópica, como uma anunciação do fim dos tempos.

A narração surge da necessidade de atribuir sentido às nossas ações no tempo, pois precisamos compartilhar nossas experiências de vida e os sentidos que a elas atribuímos. Aprendemos a interpretar experiências de vida ao narrá-las. No ato de construir sentidos para a ação através do ato de narrar, pode-se ter uma preocupação em enfatizar um ponto de vista preestabelecido ou, o foco pode ser apresentar argumentos para negar obrigações com o passado, ou ainda, a narração pode ter um compromisso com a realidade, sem deixar de se orientar em relação ao passado, presente e futuro (Gago, 2016).

Trabalhar a competência narrativa nas aulas de História é, portanto, essencial para que os alunos possam desenvolver uma aprendizagem histórica. Jörn Rüsen (Rüsen, 1992 *apud* Cerri, 2011, p. 122) divide essa competência em três categorias. A primeira, seria a competência narrativa de experiência, esta se refere à capacidade de olhar para o passado a fim de se compreender as diferenças em comparação ao presente e ao futuro no sentido de se

alcançar uma compreensão da capacidade humana de interpretar, conhecer e narrar o passado simultaneamente, entendendo que não se pode mudá-lo.

Em seguida, a competência narrativa de interpretação, ou seja, a habilidade do indivíduo de criar seu próprio sistema de significações para interpretar o passado. Uma terceira categoria se refere à competência narrativa de orientação ou “letramento histórico”, que é a capacidade de interpretar os processos históricos e atribuir significados para o próprio cotidiano do indivíduo.

O Ensino de História, levando essas categorias em conta, está intimamente ligado à arte de narrar. Aprendemos a contar histórias a partir das nossas próprias experiências de vida. Para que eu consiga me colocar no lugar do outro e contar sua história, preciso primeiramente me compreender neste mundo.

Partir da experiência dos alunos é indispensável para estabelecer vínculos, mas ensinar História não pode se limitar ao estudo de objetos de interesse do cotidiano dos estudantes. O estudo de conteúdos mais afastados da realidade escolar e da comunidade tem a função de entrar em contato com a diversidade “... e sem eles não é possível a crítica de nossa própria sociedade [...] que se constrói sobre o não presente, o não cotidiano, e que é importante na definição de cursos de ação e projetos, sobretudo os projetos coletivos” (Cerri, 2011, p. 124).

Consciência histórica e memória são conceitos que dialogam entre si, ainda que possuam origens distintas, ambas se articulam pela narrativa. Se estamos vivos, estamos no tempo, mergulhados em um oceano cronológico. Assim sendo, precisamos nos orientar, nos localizar em relação à onde estamos, e para onde iremos. A consciência histórica é a forma pela qual nos localizamos no tempo, são as nossas cartografias temporais (Cerri, 2011). Entender essas cartografias, saber quais mapas elas desenham, imaginar modos de lidar com os labirintos do tempo é o que deve mover o trabalho de professores ligados a essa disciplina.

Sobre o ato de recordar, tendo em vista a questão da memória:

[...] elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Na medida em que a nossa <<natureza>>- o que realmente somos - se pode revelar de um modo articulado, somos aquilo de que nos lembramos. Sendo assim, então um estudo da maneira como nos lembramos - a maneira como nos apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e colectivas através das nossas memórias, a maneira como ordenamos e estruturamos as nossas ideias nas nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias a outros - é o estudo da maneira como somos (Fentrees; Wickham, 1992, p. 20).

A professora Maria Carolina Galzerani (2021), no artigo *A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias*, reivindica a relevância de se trabalhar com a

memória na construção do saber histórico na escola. Galzerani (2021) apresenta uma importante reflexão a respeito das transformações na educação brasileira após o regime civil-militar⁹, quando educadores propuseram transformar as relações educacionais no Ensino de História, percebendo alunos e professores como produtores de conhecimentos históricos. Apesar dos avanços desenvolvidos durante a redemocratização, a autora da citação transcrita acima, considera que as relações educacionais ainda seguem um sistema hierarquizado de saberes. Desta forma, ela propõe que os usos da memória sejam mecanismos de enfrentamento desse problema.

Ao articular a memória ao conceito de narrativa, na concepção benjaminiana representa o compartilhamento das tradições no coletivo, Galzerani (2021) indica a potência do ato de rememorar e narrar para construção de sensibilidades mobilizadas no presente.

É pensando nas possibilidades de articulação entre as memórias dos estudantes e suas narrativas de histórias de assombramento que compreendo um caminho para o Ensino de História, em especial no que concerne a uma das saídas possíveis do engessamento curricular que hierarquiza os saberes.

O trabalho com contos de assombramento e a coleta de narrativas nas comunidades corroboram com a reflexão de Galzerani (2021), quando aponta que:

[...] a concepção de produção de conhecimento histórico, muito mais articulada à vida, como “viagem”, como experiência que sempre parte do e retorna ao presente, abrindo possibilidades para o futuro. Produção de saberes históricos escolares que se propõe como um exercício dialogal, aberto à interação com o outro, imbricado nas experiências vividas, que não se posiciona como verdade absoluta, mas, pelo contrário, que renuncia a tudo preencher para deixar que algo do outro possa dizer-se (Galzerani, 2021, p. 79).

Quando o estudantes da educação básica, é orientado a exercer a escuta ativa das histórias de assombramento narradas por seus familiares e, posteriormente, têm a oportunidade de relatar essas experiências aos colegas de sala, eles estão indo muito além da execução de um mero projeto escolar¹⁰. Nesse exercício, a criança ou o adolescente cria e fortalece vínculos com a sua comunidade, assim como também, partilham as vivências, as crenças e os medos com os quais entraram em contato, sejam essas experiências novas ou não.

⁹ Embora a Ditadura tenha chegado ao fim, seus 'entulhos' persistiram, sobretudo na educação. Um exemplo marcante é a Lei nº 5.692/1971, que regulamentava o ensino de 1º e 2º graus; ela só foi revogada pela atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, mais de uma década após a redemocratização.

¹⁰ Esse é um dos exercícios propostos através desta dissertação, levar estudantes do ensino básico à coleta e narração de histórias de assombramento, não simplesmente pelo ato de coleccionar narrativas, mas por perceber a potência das histórias de assombramento como ponto de inflexão em torno do qual o conhecimento histórico se apresenta. Nos deteremos neste tema com maior afinco ao longo deste ensaio dissertativo.

Educadores de ouvidos atentos aprendem sobre o cotidiano dos alunos a partir dessa experiência, como escreveu Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*: “Ensinar exige saber escutar” (Freire, 2002, p. 43). O aprendizado histórico acontece quando há um processo de construção de sentido que transforma a experiência prévia do tempo e essa aprendizagem, por certo, se processa por meio da narrativa histórica (Rüsen, 2011).

O ato de narrar recupera a temporalidade e a ação de ouvir invoca o exercício de agir empaticamente. Empatia se refere ao ato de se colocar no lugar do outro, o que representa um exercício importante no ensino da disciplina de História. Destaco que é necessário ter cautela com o uso do conceito de “empatia histórica”. Ana Paula Carvalho (2023), no artigo *O que não é empatia histórica? Definição e usos de um conceito controverso*, enfatiza que exercitar empatia histórica não é fazer um jogo de imaginação, pois requer atenção às evidências históricas, assim como, não significa ter simpatia ou identificação pelas pessoas no passado, mas buscar compreender como àquelas agiam, a partir do estudo das fontes.

Carvalho (2023) destaca ainda a relevância de desenvolver empatia histórica para o presente, ela informa:

Pensar de forma empática o comportamento humano do passado, além de possibilitar uma compreensão válida do passado, contribui para o desenvolvimento de habilidades importantes no presente. [...] A capacidade de escutar e aceitar pontos de vista diferentes dos próprios é fundamental para o desenvolvimento da tolerância e do pensamento crítico. Nesse sentido, a empatia histórica desempenha um papel relevante na formação de identidades aptas para o convívio democrático (Carvalho, 2023, p. 260).

Pensando no trabalho da empatia histórica nas aulas de História, o desenvolvimento de projetos com narrativas de assombração cria a oportunidade de reflexões sobre o passado da humanidade em sua complexidade, extrapolando a compreensão da História enquanto sequência narrativa de fatos e eventos.

O estudo dos contos e relatos de assombro envolvendo lobisomens, fantasmas, casas mal-assombradas, monstros, dentre outros seres e eventos sobrenaturais, apresenta opiniões em torno dessas narrativas serem críveis ou não. Em uma aula-oficina de contação de histórias de assombração realizada em 2024, na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues (Amontada-CE), relatos coletados previamente com familiares de alunos da 2ª série do Ensino Médio, o aluno Erisvaldo assim iniciou seu relato: “*Diz que quando era mais pequena [sua avó], né? A mãe dela, contava história pra ela dormir, tia. Só que dentro dessa história, uma*

era verdadeira. Que era de uma mulher que usava roupa toda branca, que era uma assombração”¹¹.

O debate em torno da verdade de um relato é instigado durante a contação de histórias de assombração. Sobre o tema, o historiador Paul Veyne (2014) sugere que:

[...] em vez de falar de crenças, devíamos falar de verdades. E que as verdades eram elas próprias imaginações. Nós não fazemos uma ideia errada das coisas: a verdade das coisas é que, através dos séculos, foi constituída de maneira peculiar. Longe de ser a mais simples experiência realista, a verdade é a experiência mais histórica de todas (Veyne, 2014, p. 11).

Ao propor a análise de fontes históricas em sala de aula, o professor deve convidar os estudantes a problematizá-las. Observar, investigar, analisar e questionar, esse procedimento não se difere ao se trabalhar com narrativas de assombração. Para que os estudantes possam pensar criticamente sobre as narrativas históricas, é necessário que haja o estímulo ao desenvolvimento de ferramentas capazes de questionar afirmações sobre o passado. O estudo das interpretações históricas é importante porque permite a compreensão de que o passado pode ser interpretado de diferentes formas, evidenciando os caminhos que conduzem a essas concepções e suas motivações, possibilitando a avaliação crítica dessas interpretações (Chapman, 2018).

Ao analisar narrativas de assombração nas aulas de História, crianças e adolescentes podem adicionar camadas de complexidade às suas interpretações do passado. Kieran Egan (1989), em *Layers of historical understanding*, aponta como o interesse de crianças por narrativas míticas possibilita que construam uma compreensão de conceitos abstratos, tais como: medo/coragem, bom/mau. No caso de crianças mais velhas, já letradas, as narrativas fantásticas como Super-homem e Cinderela, dialogam com os extremos, o que as permite entrar em contato com os limites do mundo que estão conhecendo.

O trabalho com a imaginação nas aulas de História é importante em todas as etapas do desenvolvimento, afinal não podemos extrair certezas das fontes. Por meio da interpretação de várias fontes que o historiador constrói o conhecimento, exatamente por esse motivo que o filósofo e historiador, Collingwood, denominou imaginação histórica, a tarefa de ocupar espaços interpretativos (Collingwood, 1981 *apud* Arrais, 2009).

Imaginação e memória se complementam. A memória é um componente do ato de narrar e é narrando que o sujeito se desloca da realidade concreta e passa a transitar no campo

¹¹ Relato extraído da transcrição da aula-oficina realizada na turma da disciplina eletiva de Ciências Humanas da 2ª série, turno tarde, no dia 09/10/2024 na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues em Amontada-CE.

do simbólico, do imaginário. Paul Ricoeur nos ajuda a pensar a relação entre narrativa e acontecimento. O acontecimento e a experiência, se faz e refaz constantemente por meio da narrativa. É através da narrativa que seres humanos "delineiam a sua imagem, constroem a sua identidade. A narração oferece reconhecimento à experiência e passa a orientá-la e a se renarrar à luz dela" (Ricoeur, 1994 *apud* Reis, 2006, p. 28). Não alcançamos os acontecimentos diretamente, uma vez que, presentificamos as experiências através do ato de narrar.

Em artigo intitulado *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral*, a historiadora Janaína Amado (1995), ao buscar depoimentos orais para a realização de uma pesquisa sobre a Revolta do Formoso, movimento social que ocorreu na metade do século XX, em Goiás, se deparou com um entrevistado disposto a falar sobre a revolta e sua intensa participação nos eventos políticos que marcaram o movimento.

À medida que a pesquisa avançava e outras entrevistas eram realizadas, a pesquisadora percebeu que o seu primeiro interlocutor havia criado uma narrativa que não coincidia com os documentos e informações apresentadas por outros sujeitos pesquisados, o que a fez, inicialmente, descartar àquela entrevista como fonte. Ao ouvir novamente a mesma entrevista, já na etapa de finalização da pesquisa, a autora percebe que o depoimento havia sido inspirado no livro de Miguel de Cervantes Saavedra, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (Saavedra, 1901 *apud* Amado, 1995). A estudiosa encontrou evidências da presença da obra na região desde o século XVIII, elementos da tradição medieval ibérica que influenciavam manifestações culturais locais.

A partir da análise da experiência de uma entrevista com um “mentiroso”, Amado evidencia como a dimensão simbólica em entrevistas de história oral permite aos historiadores compreender os significados que sujeitos e grupos sociais atribuem às suas próprias experiências. A autora afirma:

Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do "real", em que, supostamente, residiria sua "verdadeira natureza", que caberia aos historiadores "resgatar" para a posteridade (Amado, 1995, p. 135).

Os relatos de assombração, vivos no imaginário social de várias cidades brasileiras, são fontes históricas relevantes para os estudos históricos, pois revelam práticas, costumes, eventos, crenças e medos dessas comunidades. Ao retratar a questão do medo enquanto

categoria para os estudos históricos, o historiador Jean Delumeau questionou o porquê do “silêncio prolongado sobre o papel do medo na história?” (Delumeau, 2009, p. 14). É possível aprender muito sobre uma sociedade questionando e estudando sobre os medos que a afligem. Além disso, a categoria em questão - medo, mobiliza o interesse e a atenção de crianças e adolescentes, valendo-se dessa constatação os professores de História podem se apropriar dessas discussões ao historicizar esse conceito nas aulas, por meio das histórias de assombração.

Dessa forma, o trabalho com histórias de assombração nas aulas permite ao professor perceber, conforme já exposto, os sentidos que os estudantes do ensino básico atribuem ao passado, ao mesmo tempo que o trabalho com as memórias e as narrativas contribuirão para a criação e fortalecimento de vínculos comunitários, bem como, pode possibilitar a identificação dos mesmos com o que está sendo estudado. Acredito que esse exercício é fundamental para o desenvolvimento da empatia histórica, tornando-se assim relevante para a análise do passado e do presente.

Proponho o trabalho na escola com histórias de assombração que estejam previamente escritas, bem como, a depender do contexto, com aquelas possíveis de serem produzidas e coletadas. É sabido que cada escola tem uma realidade própria, com condições objetivas que viabilizam ou não, essa atividade.

Nesse sentido, apresentarei, como sugestão, um projeto na aula de História que prevê um tempo prolongado de execução, com o desenvolvimento pensado para o semestre, por exemplo. Entendendo ainda que, alguns professores só conseguirão disponibilizar uma aula ou outra, de forma mais pontual, a depender das demandas de seus planejamentos anuais, elaborei, para esses casos, a experiências que possam ser replicadas na forma de uma aula-oficina fora do currículo previsto. Em ambas as situações, as narrativas de assombração não serão tratadas como simples ilustrações dos conteúdos, em outras palavras, passaram a ser devidamente analisadas como fontes históricas nos temas propostos na sala de aula mediante interesse do docente.

2.3 Análises de contos de assombração

As histórias de assombração podem ser utilizadas nas aulas de História do ensino básico de diversas formas. No terceiro capítulo dessa dissertação, apontarei experiências de aulas-oficina, metodologia proposta por Isabel Barca (2004) que coloca o estudante como protagonista do processo de ensino e aprendizagem, cabendo aos professores a função de

orientar, analisar fontes e desenvolver a narrativa histórica. As experiências investigam o trabalho com formatos e linguagens diferentes, a partir da coleta das narrativas de assombração, da elaboração de textos e de expressões artísticas. Por esse motivo, limitarei o presente tópico à intenção de apontar caminhos possíveis para se trabalhar contos de assombração nas aulas de história.

Procurei elaborar um recorte de fontes que levasse em consideração a diversidade territorial e cultural no Brasil. As obras escolhidas reúnem histórias de assombração de Aracati–CE, Ouro Preto–MG, Belém–PA e Recife–PE. Seus autores possuem formação diversa, mas busco sublinhar aspectos e intenções em comum que os motivaram a publicar livros de histórias de assombração.

Começaremos pela fonte que motivou o atual problema de pesquisa, *Histórias de Assombração do Aracati*, de Antero Pereira Filho (2016). Popularmente conhecido por Anterinho¹², nascido em 1946, na cidade de Aracati, interior do Ceará, local com o qual mantém relação de afeto e responsável por inspirar suas pesquisas. Teve seus primeiros ensinamentos e lições com Dona Preta, senhora que vivia na cidade, em frente à Praça da Independência, ela alfabetizou inúmeras crianças na sala de sua própria residência.

Sr. Antero realizou seu ensino primário no Grupo Escolar Barão do Aracati e o ginásio, que corresponde hoje aos anos finais do ensino fundamental, no Colégio Marista, no período em que a instituição era frequentada apenas por homens. Ele considera parte importante na sua formação as experiências no Marista, onde teve aulas de francês e iniciação à música clássica.

Mudou-se para Fortaleza em 1964, para cursar o científico, hoje ensino médio, no Colégio Castelo, que ficava na Avenida Dom Manuel, esquina com a rua Costa Barros, na época era dirigido por dois padres. Nesse período se encantou com o circuito da boêmia que envolvia a cidade. No final dos anos 1960, frequentou o Bar do Anísio, a Beira-Mar, no mesmo período ele concluiu o científico e ingressou na universidade Foi em Campina Grande que prestou vestibular e, uma vez aprovado, passou a cursar Economia por um ano, para, em seguida, retornar à Fortaleza, transferindo o curso para a UFC.

Em 1974, se casou e voltou a morar em Aracati. A vida do Sr. Antero na cidade gira em torno da Rua Grande, como é chamada a rua Coronel Alexanzito pelos aracatienses. Sua casa se localiza nesse espaço e o seu trabalho está situado na avenida paralela.

Ao longo da sua infância, relata que era comum o hábito de sentar-se à calçada logo após o jantar para falar da “vida alheia”. Levada à exaustão as questões sobre sua história de

¹² Entrevista que realizei com o escritor Antero Pereira Filho, em julho de 2017, na ocasião, ele me recebeu gentilmente em seu escritório localizado na Loja Apacel (Aracati–CE).

vida, passamos, então, a conversar sobre o tema que mais me entusiasmava naquele encontro - as histórias de assombração. O medo da mulher de branco que caminhava pela Rua Grande de madrugada é uma lembrança forte da sua infância, assim como, das histórias de botija, tesouros escondidos pelos antigos habitantes daquela mesma rua.

Esse elemento da contação de histórias que performa um papel de socialização e aglutinação da comunidade também é destacado pela autora de *Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto*, Ângela Leite Xavier (2021). Nascida em Pará de Minas-MG, a escritora viveu a infância na pequena cidade que, de acordo com entrevista concedida ao *blog* Lamparina da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 2021 à jornalista Luzimara Santos, a população não tinha apreço pelas construções antigas, uma vez que a cidade de Pará de Minas havia sido praticamente reconstruída. Ela destaca esse aspecto da sua época de meninice, pois foi exatamente o oposto do que viu e a encantou em Ouro Preto-MG, onde vive atualmente.

Ângela estudou História na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais durante a ditadura civil-militar e depois de formada passou cerca de um ano no Peru, quando fez um curso de Artes Industriais. Em seguida, retornou ao Brasil e foi aprovada em concurso público, tornando-se professora de História no Colégio Dom Bosco.

A escrita do livro: *Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto* foi fruto de sua dedicação e pesquisa, foi também objeto trabalhado por ela em suas aulas. A obra elabora uma narrativa sobre a história da cidade de Ouro Preto, apontando para eventos da História dita oficial, como é o caso da Inconfidência Mineira. Para a pesquisa, destaco o capítulo quatro "Assombrações, almas penadas e diabos", por se debruçar especificamente sobre os relatos de assombração. Interessante a experiência da historiadora Ângela Xavier (2021) com a contação de histórias de assombração na ministração de sua disciplina, demonstrando uma perspectiva de quem valoriza a sabedoria popular e a história oral na construção do conhecimento historiográfico.

Essa concepção aparece também na terceira fonte que analisaremos nesta dissertação, trata-se da obra: *Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*, de Gilberto Freyre (2008). A obra deste sociólogo é fruto de sua experiência como diretor do jornal *A Província*, onde ele elaborou a partir de arquivos policiais, entrevistas e textos de cronistas do período imperial o que chamou de uma “contribuição senão muito modesta para o estudo de um aspecto meio esquecido do passado recifense: aquele em que esse passado se apresenta tocado pelo sobrenatural” (Freyre, 2008, p. 19). Freyre destaca a importância dos mortos para as sociedades

humanas, afirmando que esse contato com o sobrenatural não deve ser ignorado nos estudos das culturas humanas.

Semelhante trajetória foi percorrida por Walcyr Monteiro (2016), na produção de *Visagens e Assombrações de Belém*, essa é a quarta literatura que analisarei neste tópico. Jornalista, escritor e sociólogo paraense, Monteiro colaborou com o jornal *A Província do Pará*, estreando, em 1972, uma série de publicações sobre visagens e assombrações de Belém com a intenção de preservar um “traço cultural que estava fadado ao desaparecimento” (Monteiro, 1972, p. 14). O trabalho reuniu uma seleção de 25 (vinte e cinco) histórias de assombração que foram coletadas entre os anos de 1969 e 1972, além da pesquisa desenvolvida por ele sobre o “Culto das Almas”, trata-se de uma análise histórico-geográfica da cidade de Belém do Pará e região. O estudo ainda traz diferentes registros fotográficos acerca do assunto. O livro se tornou popular contando com ampla utilização nas escolas públicas paraenses, inclusive sendo republicado pela sétima vez.

Aliás, a popularidade dos livros aqui apresentados é intrigante. Uma das razões que explicam sua potência é que as histórias de assombração lidam com o local e o universal. O medo é uma instância dessa universalidade, o medo assusta, mas também fascina. Essas histórias, por vezes, nos tiram risadas e nos divertem também. Essas dimensões universais sofrem adequações no espaço local, adotando características reconhecíveis, com a presença de personagens e cenários facilmente identificáveis para o leitor.

Nas histórias de assombração por mim analisadas têm sido recorrentes um sentimento de nostalgia nos relatos sobre o passado das cidades brasileiras quando comparado ao presente. As transformações nas tecnologias de transporte, por exemplo, são um tema comum nos relatos. Na história de assombração, “O carro assombrado”, de Walcyr Monteiro (2016), ele relata o processo de desenvolvimento urbano da cidade de Belém durante o ciclo da borracha, apresentando uma assombração sonora que encanta a região do Cemitério de Santa Izabel. Trata-se do barulho de um carro mal-assombrado - som de um carro velho que nunca pôde ser visto.

Em “Rodar de Carro”, conto publicado por Gilberto Freyre (2008), conta-se que é recorrente em cidades antigas do Brasil a assombração de um carro velho transitando pela madrugada. Em Recife, o autor relata que já foram vistos carros fúnebres... fantasmas. Mais a frente, no texto “Cemitério de Carros”, ele demonstra o sentimento de nostalgia ao compartilhar uma frustração pessoal após passar um longo período na Europa, conta-nos que quando retornou ao Recife, encontrou a cidade modificada. Os carros de passeio haviam desaparecido

das ruas. No mesmo conto é apresentada a história da Casa Agra¹³, uma empresa funerária e de aluguel de carros de passeio que até a Primeira Guerra Mundial era muito popular nas ruas daquela cidade. Nele, Freyre investiga o paradeiro daqueles “carros desaparecidos” e descobre um cemitério de veículos desativados, local em que aparecia o fantasma de uma moça toda vestida de seda e que tinha um apego por um *cupê* forrado em cor-de-rosa.

O conto “No tempo dos pontões” publicado em 2016 no livro de Pereira Filho, *Histórias de Assombração do Aracati*, localiza-se temporalmente em um período da cidade onde não havia ponte sobre o Rio Jaguaribe, o que significava dizer que para um veículo atravessar o rio e ter acesso à cidade era necessário utilizar o serviço dos chamados pontões, pequenas balsas trafegadas por homens entre às 4 horas da manhã e às 18 horas. Nesse intervalo eles transportavam os veículos da margem ocidental com destino ao porto José Alves na área urbana.

Nessa história mal-assombrada, um viajante chegando de Fortaleza na noite mais escura do ano, sem esperanças de conseguir fazer a travessia, se deparou com um barqueiro disposto a fazer o traslado do seu veículo. Durante o percurso, o barqueiro confidenciou-lhe que muitas pessoas morreram naquele rio. Após a travessia, o condutor da barca desaparece. Aqui, a passagem entre as margens do rio cumpre um papel metafórico indicando a relação entre o local e o universal, característica recorrente das narrativas de assombração.

O texto “O clarinete da orquestra” de sua mesma autoria, também apresenta uma experiência com o transporte por barco no rio Jaguaribe, narrando que durante uma tempestade, o músico Bijuta que tocava clarinete na banda do mestre Cazuzza, acaba caindo na água para, em seguida, desaparecer. O clarinetista, como forma de assombração sonora, aparece diversas vezes para se apresentar junto à banda de música, que era bastante popular na cidade de Aracati da primeira metade do século XX.

As histórias de assombração apresentadas até aqui permitem a historicização da experiência de cidade, a partir da modernização dos meios de transporte. Nas aulas de História do ensino básico é possível trazê-las como reflexão em consonância com temas como o ciclo da borracha que transformou as cidades de Manaus e Belém, bem como, interconexões com estudos das Guerras Mundiais e como o Brasil se inseriu nesses conflitos.

Do ponto de vista da história local, ao desenvolver uma pesquisa a respeito das transformações urbanas nessas cidades, crianças e adolescentes têm a oportunidade de perceber que as cidades em que vivem nem sempre foram como eles conhecem na atualidade. A partir

¹³ No texto, Freyre (2008) faz referência ao poema *Recife. Ponte Buarque de Macedo*, de Augusto dos Anjos, no qual menciona a Casa Agra em uma atmosfera assombrosa, marcada pelo medo ao caminhar pelas ruas do Recife.

da ideia de assombração sonora é possível imaginar os sentidos, os sons presentes no passado desses centros urbanos.

A experiência de segurança também se transforma com as mudanças tecnológicas das cidades. Inclusive é algo que Antero Pereira Filho (2016) aponta como um dos fatores para a decadência da arte de contar histórias de assombração, porque tanto o surgimento da televisão, como dos aparelhos celulares, bem como, o aumento da violência em Aracati afetou o hábito de sentar nas calçadas para conversar com familiares e vizinhos.

No conto “Uma rua inteira mal-assombrada” de Freyre (2008), menciona-se a Avenida Malaquias, área que era repleta de árvores e que havia sido cenário de muitos assassinatos. Era o terror dos acendedores de lampião que ficavam amedrontados ao passar por lá, pois era comum a aparição de “lobisomens”, “vultos”, “mulas-sem-cabeça” e “vozes de outro mundo”. Em “Morada de um caboclo”, Walcyr Monteiro (2016), narra uma crença muito intrigante da amazônia brasileira - as tajás. Tajás são uma espécie de planta amazônica que possuem variedades, em especial o tajá rio negro pode ser “curado”, ou seja, significa que passou por um processo de encantamento em que foi regado com água de lavagem de carne. Quando o tajá é curado, passa a viver ali na planta o espírito de um indígena protetor, um caboclo. Na história de assombração, um rapaz resolve testar se o tajá de uma senhora realmente era protetor, ele acaba assombrado no dia do jogo do clássico do futebol de Belém do Pará, Paysandu e Remo. Essa história, coletada por Monteiro a partir de entrevista com Walter de Souza Moreira, indica a crença e confiança do belenense nos tajás para proteção de suas moradas (Monteiro, 2016).

Outra perspectiva importante a ser destacada é a conexão entre as assombrações de diferentes cidades brasileiras. Isso pode evidenciar uma tradição oral comum aos centros urbanos. A história de assombração do Aracati, “o rosto do baú”, tem como personagem principal a dona Hilda, uma senhora que vivia de falar da vida alheia, moradora da Rua Grande (Avenida Coronel Alexanzito) que costumava fitar a rua pelas brechas das venezianas madrugada adentro, em busca de assunto para o dia seguinte (Pereira Filho, 2016).

Certo dia, dona Hilda presenciou uma procissão fantasma, não sabia ela que se tratava de um evento sobrenatural, guardou em seu baú a vela que um homem que acompanhava a procissão lhe entregou. No dia seguinte, a senhorinha comentou sobre a procissão com vizinhos, mas ninguém da cidade sabia sobre o evento. Dona Hilda resolveu mostrar a vela que lhe foi presenteada como forma de prova de que houvera na noite anterior a tal procissão. Ao abrir o baú deu de cara com um rosto que só ela conseguia ver. A senhora precisou ser exorcizada a fim de encerrar sua visão de assombração (Pereira Filho, 2016).

Em *Visagens e assombrações de Belém*, a senhora fofoqueira do conto “A procissão das almas” (Monteiro, 2016) se chama dona Carmelina. A história se passa de forma muito semelhante, exceto que a vela presenteada pelo fantasma se transforma em um fêmur humano. Essa mesma estrutura de conto de assombração foi registrada por Câmara Cascudo em *Contos Tradicionais do Brasil*, o texto tem como título: “A Moça e a Vela” (Cascudo, 2014), o folclorista, durante a realização da pesquisa que consistia em trocar cartas com seus vários informantes a fim de comparar narrativas, concluiu que semelhante narrativa também se apresenta na tradição oral portuguesa e espanhola.

Na versão portuguesa do Algarve é uma procissão de mortos. Essa tradição se prende à Procissão das Almas, préstito invisível de almas do outro mundo, em determinados dias, às Trindades ou à meia-noite. Só a vê quem tem uma palavra a menos no latim do batismo ou quem morrerá nesse ano (Cascudo, 2014, p. 263).

As histórias de procissão fantasma são vestígios de uma tradição oral ibérica profundamente marcada por valores cristãos e apresenta elementos que conectam vivências presentes em várias cidades brasileiras. Nas aulas de História é possível discutir a historicidade da experiência da morte, pois a procissão é uma das etapas do rito funerário católico em que os vivos carregam seu morto a pé até o lugar de descanso eterno, replicando a experiência de Cristo. Pode ser pertinente refletir sobre como diferentes culturas experienciam a morte, ou mesmo na própria comunidade em que a escola está inserida, afinal de contas, existem vivências e crenças distintas quando se trata do tema da morte.

A tradição católica é evidente nas narrativas de assombração analisadas, contando frequentemente com figuras religiosas (padres, devotos) e cenários (missas, procissões). Tais contos são fontes férteis para discutir em sala de aula a influência da Igreja Católica em diversos aspectos da história nacional.

Em Ouro Preto–MG, a professora Ângela Leite Xavier coletou muitas histórias que corroboram com a afirmação feita nas linhas anteriores. Senão vejamos, no conto: “Cavaleiro misterioso”, um padre que perdeu a chave da sacristia assombra a cidade há cerca de 200 anos em busca do objeto perdido. Em “Fantasmas nos templos” é possível observar aparições de homens escravizados e padres em meio a construções do centro histórico da cidade. Em “Missa das almas”, um sacristão presencia uma missa fantasma. Outro exemplo é narrado em o “Monsenhor Horta”, onde temos a história de um padre que está em processo de beatificação por diversos milagres, dentre eles está a cura de enfermos e o exorcismo de demônios mesmo após sua morte (Xavier, 2021).

Em Belém do Pará, Walcyr Monteiro (2016), indica no conto: “O Cruzeiro do Telégrafo”, conta sobre o surgimento do fantasma de um padre sem cabeça para moças que estão andando pela região do Cruzeiro tarde da noite. Há de se destacar a construção de cruzeiros como elementos arquitetônicos da colonização portuguesa, uma das conexões para as aulas de História, edificações importantes para o debate sobre a estreita relação entre a Coroa Portuguesa e a Igreja Católica no processo de colonização na América do Sul.

Apesar das experiências religiosas distintas na tradição cristã serem mais raras nas obras analisadas, é possível encontrar alguns relatos das primeiras experiências kardecistas em Recife, apresentadas por Gilberto Freyre (2008). Através dos escritos de Ângela (2021) é possível evocar elementos de religiões de matriz africana em Ouro Preto. Ao passo que em Walcyr Monteiro (2016), encontramos indicativos de crenças e práticas indígenas da Amazônia paraense.

Destaco aqui o conto do sociólogo Gilberto Freyre (2008): “O que Conta a Filha de Outro Psicólogo Ilustre do Recife”, embora a história aparentemente seja um pretexto do escritor para dar destaque aos psicólogos recifenses, é um dos poucos textos que traz um personagem não católico. Na narrativa, Pai Adão do Fundão, segundo Freyre, o maior babalorixá do Recife, surge e informa sua própria morte para um psicólogo. É de suma importância dar destaque a biografias de líderes religiosos para além das figuras cristãs tão presentes nas narrativas historiográficas.

Muitas das histórias de assombração são narrativas difíceis (Von Borries, 2016). “Para a memória coletiva, o fenômeno da assombração surge de catástrofes, desastres e tragédias” (Gabriel, 2020, p. 41). Essa reflexão de Gilberto Freyre se demonstra nas análises realizadas nas fontes ao longo do presente trabalho. Tal conceito representa os fardos que grupos sociais preferem não recordar ou, simplesmente ocultar, tendo em vista suas experiências traumáticas.

Com raras exceções como o “fantasminha” de um bebê sorridente que aparece brincando no Recife, relatado no conto “Fantasma de menino feliz” (Freyre, 2008), o peso dos temas das narrativas de assombração são memórias de dor. É evidente que o maior trauma da história da formação do povo brasileiro é tema frequente dos contos de assombração: a escravização dos povos africanos durante o período colonial e imperial. Diante de uma sociedade eminentemente racista, o tempo presente emana parte desse imaginário por meio das histórias de assombração.

As assombrações de Ouro Preto-MG reunidas por Ângela Leite Xavier costumam se localizar temporalmente no período do início da exploração do ouro na região. No conto “Almas penadas” (Xavier, 2021), a historiadora aponta que é comum aparecerem fantasmas de

homens escravizados nos trabalhos das minas próximo a cemitérios das irmandades que eram tidas "como uma sociedade de oração e de socorro mútuo" (Nascimento; Dillmann, 2022, p. 141).

As irmandades de africanos e seus descendentes eram espaços de sociabilidade que possibilitavam o contato com seu passado e tradições. Tratava-se de uma função essencial para prover a boa morte, haja vista que, para um indivíduo católico dos séculos XVIII e XIX era preciso seguir o rito fúnebre, com roupa adequada, sepultura, cortejo e missas para que a alma pudesse ser bem encaminhada ao céu. As irmandades cuidavam desse rito, intercedendo por seus mortos (Nascimento; Dillmann, 2022).

Em outro conto presente no livro: *Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto*, “Visão do sofrimento” (Xavier, 2021), as assombrações de homens escravizados aparecem em diferentes edifícios, como a Casa de Câmara e Cadeia e a Casa dos Contos, que abriga em seu porão, ainda nos dias de hoje, objetos remanescentes de uma senzala. No Calabouço, um restaurante turístico da cidade, uma estrangeira que passou uma temporada trabalhando no estabelecimento viu a aparição de duas mulheres negras que seguravam um alicate, comunicando que seus dentes foram arrancados por seu senhor.

Na obra de Freyre (2008), o conto “Assombração no rio” tem como cenário o Rio Capibaribe. De acordo com o autor, este local foi palco de muitos momentos dolorosos, como: afogamentos, crimes e suicídios. Na história que ele conta, um tal Antônio, homem escravizado, quase se afogou ao tentar atravessar o rio na direção da Ponte d’Uchoa para a Torre. Este sujeito apenas se salvou quando gritou pedindo a intervenção de Nossa Senhora da Conceição, que apareceu e intercedeu por ele.

Como forma de agradecimento à santa, Antônio deixou um ex-voto em que à época da publicação do livro pertencia ao acervo do Museu do Estado de Pernambuco, com as seguintes inscrições:

Mercê q fes N. S. da Conceição; a Antonio escravo do Mestre de Campo Henrique Miz; querendo atraueçar este rio naponte dochoa para outra banda sem saber nadar, cahio nofundam, eacorrenteza dagoa olevou por baso daponte te coaze aolaria do Cappitam Joam de Andrade, echamando por esta Snra; da mesma olaria leacodirão. E o salvaram, ficano Livre demorrer afogado, em dias de Agosto de 1770 (Freyre, 2008, p. 90).

Histórias de assombração, como essa registrada por Freyre (2008), são um caminho para se tratar do tema da escravidão através de narrativas de sobrevivência e resistência. Lembro-me de uma viagem de campo em Ouro Preto–MG, realizada no ano de 2011, no

contexto do Ensino Médio. No Museu da Inconfidência, o guia turístico que nos acompanhava, historiador formado pela UFOP, indicou para o grupo de adolescentes visitantes, um oratório colonial simples, feito de madeira. Enquanto prendia a nossa atenção, ele nos perguntou se havia objetos ali que não identificávamos como sendo comuns às práticas católicas. Rapidamente, falamos dos búzios que estavam organizados junto às imagens de santo, bem como, algumas fitas.

Naquele momento, consegui visualizar como as formas de resistência dos povos africanos estavam em diversas práticas cotidianas, mesmo nas mais silenciosas. Práticas semelhantes podem ser realizadas durante as aulas de História a partir da análise de imagens de acervos de museus que estão digitalizados, ou mesmo em aulas de campo nos museus históricos das cidades onde atuamos.

No conto intitulado: “A morte da escrava”, extraído do livro *Histórias de Assombração do Aracati*, Pereira Filho (2016) apresenta a história de Rosário, uma mulher negra escravizada que havia sido separada de sua filha de um ano de idade. A história de assombração se passa no Aracati do século XIX e o autor descreve o centro urbano, que àquela época, destacava-se por seu comércio e desenvolvimento da urbe em contraste com a manutenção do sistema escravocrata.

Rosário ao longo da narrativa é assassinada por seu senhor, o sujeito não é nomeado, porém, é descrito como um homem importante na sociedade da época. O homicídio ocorreu após uma série de tentativas de roubo empreendidas pela mulher para conseguir verba para reencontrar sua filha. O autor informa no conto que o evento foi noticiado por jornais de correntes políticas adversárias da cidade: *O Aracaty*, financiado pelo Partido Liberal, e o jornal *A Epocha*, ligado ao Partido Conservador.

A partir desse conto, o professor de história pode discutir as diferenças regionais no tráfico de escravizados, após a proibição da entrada de navios negreiros com a Lei Eusébio de Queiroz de 1850, bem como, refletir sobre a constituição da população da cidade de Aracati. Dados informados por Antero Pereira Filho (2016) no conto, além de permitir um trabalho com fontes hemerográficas e suas correlações locais com os embates nacionais, no que se refere às tendências políticas do Império na segunda metade do XIX, também podem ser utilizados para o ensino de História na educação básica.

No conto “O sobrado das corujas”, (Pereira Filho, 2016) presente no livro *Histórias de Assombração do Aracati*, identificamos o operário Manuel Fineza, tecelão da 3ª turma da fábrica Santa Tereza que, em meio a madrugada, se depara com um casarão abandonado estranhamente aceso. Ao entrar, ele se assombra com uma reunião fantasma do Diretório

Emancipador dos Escravos de Aracati. Neste caso, o conto evidencia a relação entre os movimentos abolicionistas e as histórias de assombração.

Gilberto Freyre, em *Assombrações do Recife Velho*, no conto “Um lobisomem doutor” (Freyre, 2008), nos apresenta a história de uma assombração vivida por Josefina Minha-Fé, uma senhora negra que fora sua informante para diversas histórias de assombração. Quando jovem, ela saiu para comprar azeite para a lamparina de seus santos. No entanto, a jovem foi atacada no caminho por um monstro amarelento que identificou como sendo um lobisomem, o qual rasgou-lhe o vestido azul. A mãe de Josefina, que lavava roupa para os bacharéis da região, um dia encontrou pedaços do referido vestido nas roupas de um doutor que vivia no Poço da Panela. O lobisomem era conhecido como inimigo do abolicionista José Mariano.

Ambas as assombrações que retratam grupos ou figuras abolicionistas podem ser analisadas ao se trabalhar com o tema do Abolicionismo nas aulas de História. Além disso, é interessante identificar a utilização do arquétipo do monstro, no caso do lobisomem do Poço da Panela no Recife. Vejamos a seguir na descrição:

[...] historicamente, esse conceito [monstro] foi explorado de maneiras diversas com intuito de reforçar ideias de hierarquia social, simbólica e econômica, destacando a "normalidade" de alguns em contraste com a "anormalidade" de outros. Isto porque o monstro sempre existe em perspectiva, para que algo ou alguém seja determinado como perverso, amedrontador ou anormal, o conceito de pureza, coragem e normalidade devem estar presentes também (Almeida, 2024, p. 102).

Diante do exposto, é possível aferir que Freyre (2008) insere seu posicionamento diante do tema ao identificar um homem de posses, abertamente racista e anti-abolicionista, como um monstro-lobisomem que ataca jovens senhoras. Semelhante análise pode ser feita a partir do conto “O Velho Suassuna Pedindo Missa?” publicado em *Assombrações do Recife Velho*. Aqui, o autor retrata um fantasma que aparece no casarão do Visconde Suassuna, hoje chamado Solar do Pombal, localizado no bairro da Boa Vista. A aparição de um velho alto e branco é vista no casarão pedindo perdão aos escravos os quais maltratou. A narrativa indica ainda que sejam rezadas missas por sua alma.

O autor afirma que o Visconde Suassuna (velho Suassuna) torturava homens escravizados, chegando a matá-los e enterrá-los em seu jardim. Freyre deixa transparecer uma crítica ao velho escravocrata, ao mesmo tempo, em que ensaia uma defesa sórdida do ato de se enterrar o cadáver de escravizados no quintal, comparando a ação a um ato de afeto, como quando uma família enterra seu animal de estimação no quintal.

Algumas histórias de assombração oportunizam a identificação de diferentes experiências sociais com a morte, ou seja, as vivências da morte mudam a depender da classe social. Na narrativa “O Homúnculo do Largo da Sé” do *Visagens e assombrações de Belém*, Walcyr Monteiro (2016) apresenta uma crença dos moradores da cidade de que existe uma cobra gigante adormecida embaixo da Basílica de Nazaré. Caso um dia a serpente acorde a cidade será destruída e tragada pela Baía do Guajará. O autor apresenta uma reflexão sobre o medo que permeia o referido terreno, pois no período pré-colonial os *Tupinambá* estabeleceram moradia exatamente onde está a Basílica e como era seu costume lá também enterravam seus mortos.

Após a colonização, o espaço estabelecido para sepultamentos passou a ser a igreja. No entanto, somente pessoas que haviam sido batizadas e tinham condições de pagar pelo espaço poderiam ter seu descanso eterno dentro dos templos católicos.

Aos demais era destinado o espaço em frente às igrejas, chamado de adro:

Quem podia escolhia e pagava para que a sua última morada fosse onde desejava. Quem não podia ser inumado no interior do templo, era sepultado no adro. Assim, ao longo da Idade Moderna, o adro serviu de última morada principalmente aos pobres, que não possuíam recursos para serem inumados dentro da igreja (Nascimento, Dillimann, 2022).

Monteiro (2016) afirma que a prática de enterrar os mortos nas igrejas foi proibida por D. João VI em 1801. Contudo, a ordem foi desobedecida em Belém até 1850, quando houve uma epidemia de febre-amarela na cidade, o que forçou a criação do primeiro cemitério público de Belém, o Cemitério da Soledade.

O conto de assombração “O cortejo” registrado no livro *Histórias de Assombração do Aracati*, refere-se a um cortejo fúnebre de um vaqueiro do Tanque Salgado, zona rural de Aracati, ele teve seu sepultamento negado por conta da “hora avançada”. A assombração vaga por aí no intento de enterrar o vaqueiro falecido. Na narrativa, Pereira Filho (2016) reflete sobre as características dos enterros de pessoas pobres da cidade. No passado, estes sepultamentos eram realizados em caixão comum, pertencente a uma irmandade religiosa ou em uma rede de dormir. Na minha infância, em Aracati, recordo que era comum ouvir que algumas pessoas eram enterradas dessa forma. A respeito dos velórios, eram realizados na própria casa do falecido, costume que vem perdendo espaço para as casas funerárias na atualidade.

Já a história de assombração “Mestre Romeiro”, extraída da mesma obra, apresenta um personagem histórico da cidade, o mestre Romeiro, que era o responsável por produzir os caixões para os mortos do Aracati. Antero (2016) faz uma descrição interessante sobre as distinções dos elementos simbólicos no caixão artesanal produzido pelo mestre. Os caixões para homens eram pretos com enfeites prateados, cobertos por um pano da mesma cor; para as donzelas, rosa com enfeites dourados; para crianças eram cobertos com um pano azul simbolizando o céu, espaço reservado para elas. O autor conta ainda que no dia do velório do mestre Romeiro era possível ouvir as marteladas de produção do caixão pela cidade.

Assim como podemos observar questões de classe social mesmo após a morte, as riquezas produzidas em vida são um dos motivos pelos quais “almas penadas” entram em contato com os vivos. As histórias de botija são um tema comum nas narrativas de assombração brasileiras.

Apresento a definição de botija elaborada pelo aluno Erik Brito em 2022¹⁴ ao produzir um episódio de *podcast* dedicado ao tema:

As botijas são jarros, potes, entre outros recipientes que antigamente eram usados para guardar objetos de valor, como dinheiro, jóias, itens de ouro, dentre outras riquezas, eram enterradas e muitas delas se perdiam. Após a morte do dono de alguma botija, se estivessem perdidas, a alma do tal não teria descanso e ele seria destinado a encontrar alguém vivo para desenterrá-la. Por meio de sonhos, as almas se comunicavam e instruíram ao vivo onde se encontravam as botijas e pedia para que ele mantivesse segredo, caso contrário todos os tesouros seriam imediatamente transformados em carvão (COSTA, Elisa. As botijas de Amontada. **História de Assombração de Amontada**. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4ZRorIBBgRrUrrxpt6EKUi>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Semelhante ao relato coletado pelo estudante em Amontada–CE¹⁵, fantasmas aparecem nas fontes analisadas para informar o paradeiro de tesouros escondidos. É o caso do conto “O espectro e a botija”, relatado em *Visagens e assombrações de Belém*, em que o personagem, Seu Reinaldo, acorda de madrugada e segue uma aparição que lhe mostra uma botija enterrada próximo a um coqueiro. O autor Walcyr Monteiro informa que: “Diz a sabedoria popular que quem morre deixando algum valor enterrado, o espírito não tem paz até que seja descoberto” (Monteiro, 2016, p. 108). Seu Reinaldo manda rezar duas missas em agradecimento ao espírito. Histórias de assombração como essa parecem evocar a necessidade de lembrar e cuidar dos mortos.

¹⁴ O podcast *Histórias de Assombração de Amontada* foi desenvolvido por estudantes da 1ª série do Ensino Médio da EEM Rita Estelita dos Santos Rodrigues no segundo semestre de 2022. Essa e outras experiências com narrativas de assombração nas aulas de História estão presentes no terceiro capítulo desta dissertação.

¹⁵ Foi no município de Amontada–CE que primeiramente desenvolvi as experiências de diálogo entre o Ensino de História e as narrativas de assombração.

Em *Histórias de Assombração do Aracati*, o contista Pereira Filho (2016) inclui dois escritos que falam de botijas. Em “A botija da Cruz das Almas”, um rapaz recebe um recado de uma aparição de que existiria uma botija enterrada na Cruz das Almas, marco do início da colonização portuguesa na cidade. Entretanto, ele revela o segredo para outra pessoa e por conta desse fato o tesouro se transforma em carvão. No conto seguinte, “A Botija da Lagoa Nova”, observa-se o fantasma de uma moça que pede para os vivos rezarem uma missa para ela em troca de uma botija.

Sobre as narrativas de botijas, a historiadora Maria do Socorro Cipriano analisa que:

[...] inscritas no campo da história cultural, podem ser reveladoras da dimensão de experiências vivenciadas por pessoas e grupos sociais de uma cultura que transborda a própria história oficial, erigida pelos senhores do açúcar ou pelos seus memorialistas. Enquanto lugares de memórias, as histórias de botijas guardam seus fantasmas que se dão a ler e a ver. As narrativas nelas implicadas não somente falam da violência, da exploração, mas também da dimensão dos sonhos e dos desejos, muitas vezes, difíceis de ser realizados no curto espaço de uma única vida. Daí, talvez, as ressonâncias dessas histórias chegarem ao nosso presente, para se inscreverem a partir de outras relações de forças, para provocar outras dobras (Cipriano, 2010, p. 20).

Ao adotar como referência o projeto do *podcast* - *Histórias de Assombração de Amontada*, destacamos que “ultimamente acabaram-se as botijas, pois o método de guardar dinheiro fora substituído e as que existiam foram encontradas. Se você tem esperanças de encontrar uma botija, lembre-se, mantenha em sigilo, ou então seu precioso tesouro se tornará carvão” (COSTA, Elisa. As botijas de Amontada. História de Assombração de Amontada. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4ZRorIBBgRrUrrxpt6EKUi>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Apesar das transformações nos métodos de guardar riquezas, considero que muitos dos adolescentes com que convivo anseiam por encontrar seu tesouro, conforme a dimensão do desejo indicada por Cipriano (2010). Esse sonho de enriquecimento rápido, a partir do diálogo com o mistério e apesar do risco, afinal, não parece simples seguir, em segredo, as ordens de um morto, não desapareceu. É importante destacar que ele se atualiza e se coaduna com novas práticas, como os jogos de apostas digitais, que atraem e seduzem tanto os nossos estudantes.

Jogos de aposta também são retratados nas histórias de assombração analisadas, como é o caso do conto “O Lobisomem da Pereira” (Monteiro, 2016), publicado em *Visagens e assombrações de Belém*. Nele, Monteiro retrata um campeonato de dominó que teria ocorrido na década de 1940; no decorrer de uma partida que era jogada um homem teria se transformado em lobisomem. Por sua vez, no conto “O Pobre que Ganhou no Bicho Graças a Nossa Senhora” (Freyre, 2008) do *Assombrações do Recife Velho*, nos deparamos com a narrativa de

um homem que enriqueceu ao apostar no jogo do bicho¹⁶ a partir de uma revelação de Nossa Senhora do Carmo.

As histórias de assombração, para além de oportunizar conhecer hábitos e costumes que se transformaram ao longo do tempo, também trazem à tona elementos de um patrimônio cultural de edificações dos centros urbanos. Por exemplo, na cidade do Recife, Gilberto Freyre (2008), no conto “O Mastro de Navio da Casa de Ponte d’Uchoa”, narra a história de um senhor comerciante inglês que construiu uma mansão no estilo gótico no século XIX e, por ser marinheiro, colocou um mastro na fachada do casarão. A casa é conhecida como Mansão Henry Gibson, a qual, à época de sua construção, foi criticada pela imprensa. Já na cidade de Aracati, o conto “O baile de carnaval” (Pereira Filho, 2016), apresenta-nos um rapaz que dança com uma moça fantasma em um baile realizado na Casa de Câmara e Cadeia, edificação que pertence ao conjunto tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 2001, o local abriga atualmente a Câmara dos Vereadores.

No conto “O sobrado das corujas” (Pereira Filho, 2016,) citado anteriormente, o autor escolhe representar um casarão que foi derrubado antes do tombamento do sítio histórico, nos anos 1940, para dar lugar a uma rua. O casarão, com suas oito janelas de fachada, pertencia à família Zaranza.

Essas histórias de assombração podem ser trabalhadas em aulas sobre patrimônio cultural histórico edificado, com destaque para os significados dos processos de tombamento, buscando dialogar com o Iphan, a partir de temas relevantes para as aulas de História.

O projeto de extensão “Becos da memória: novos contos do Aracati”, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), *campus* Aracati, coordenado pelo prof. Dr. Cristiano Santos Araújo, em parceria com a Escola Estadual de Educação Profissional (E.E.E.P.) Profa. Elsa Maria Porto Costa Lima, representa uma experiência exitosa nesse sentido, pois propõe um olhar crítico sobre o espaço da cidade. O estudo parte dos contos do *Histórias de Assombração do Aracati* para reelaborar novas narrativas, a partir do olhar de estudantes do ensino médio.

Outro tema que encontrei em comum nas fontes analisadas foram histórias de assombração relacionadas a acidentes de avião. No conto “O Visconde Encantado”, narrado no

¹⁶ A criação do jogo do bicho foi tema da 7ª questão da primeira fase da 17ª Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB), promovida pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao apresentar como fonte um trecho do livro: “Maldito invento dum baronete: uma breve história do jogo do bicho”, do historiador Luís Antônio Simas (2024), bem como, dois ingressos digitalizados de 1892, do evento de reinauguração do Jardim Zoológico de Vila Isabel, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O zoológico fazia parte de um projeto civilizatório republicano que excluía as camadas populares, e, na ocasião da festa, foi criada uma brincadeira que se tornou um dos jogos de azar mais populares do país. O historiador Luís Antônio Simas, não à toa, também tem como objeto de pesquisa as escolas de samba do Rio de Janeiro, as quais foram financiadas pelo jogo do bicho carioca a partir da década de 1970.

livro *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre (2008) relembra um evento ocorrido na cidade, em 1927, no qual o Visconde Pierre de Saint-Roman, um aviador militar francês, decidiu atravessar o oceano Atlântico partindo de Paris para Recife. Ocorre que ele nunca chegou ao destino. Os recifenses, de acordo com o autor, ainda escutam barulhos de um avião fantasma que nunca pousa.

No conto “O perfume do sonho”, em *Histórias de Assombração do Aracati*, Antero Pereira Filho (2016) também narra um acidente de avião ocorrido em 1923, em que dois pilotos alemães, que aterrissaram o hidroavião Junker’s no Rio Jaguaribe, faleceram. O autor conta que um monumento foi construído para homenageá-los. Em 1942, a população destruiu o monumento com a convocação dos reservistas para a Segunda Guerra Mundial, deixando apenas uma placa remanescente no Museu Jaguaribano. As histórias podem ser debatidas em sala de aula ao estudar os temas das Guerras Mundiais, discutindo experiências locais de envolvimento nos conflitos.

Tomemos outros exemplos de temas relevantes para o ensino de História, os quais podem ser abordados a partir de histórias de assombrações. No conto “O Riacho da Prata” de *Assombrações do Recife Velho*, Freyre (2008) conta sobre a história de uma sinhá que decidiu ver seu futuro na água do Riacho da Prata na noite de São João, como era costume. Não sendo capaz de ver seu reflexo, acabou sendo assombrada pelo fantasma de Branca Dias e morreu afogada. De acordo com o autor, ambas seguem aparecendo nuas nas águas do Riacho da Prata. Branca Dias foi uma mulher judia sefardita que chegou em Recife, no ano de 1540, fugindo da inquisição. Conta-se que jogou sua riqueza no rio, este por sua vez, ficou conhecido como Riacho da Prata.

Temas como inquisição, ou ainda, a análise do perfil de europeus que migraram no início da colonização, são relevantes para as aulas de História. O fantasma de Branca Dias pode ser analisado à luz do arquétipo da bruxa, pois:

No Brasil, não houve estabelecimento das práticas tribunais do Santo Ofício responsáveis por julgar e perseguir mulheres acusadas de bruxaria, porém, ocorreram três visitas do Santo Ofício resultando em uma série de investigações e uma gama de processos documentados que envolvem acusações e condenações de práticas, que variavam entre adivinhação, curandeirismo e blasfêmia (Almeida, 2024, p. 37).

A perseguição de mulheres pela inquisição e a caça às bruxas permitem debater questões relativas às experiências de mulheres no sistema capitalista contemporâneo (Federici, 2019). Branca Dias não é classificada por Freyre como bruxa, nem tampouco como uma assombração popular na Amazônia, chamada Matinta Perera. Mas é possível classificá-las no

arquétipo da bruxa, conforme proposto pela historiadora Tayane de Almeida (2024), em sua dissertação: *Didática da história e arquétipos em quadrinhos de terror: uma análise a partir de “Carniça e a Blindagem Mística”*. Walcyr Monteiro (2016) em *Visagens e assombrações de Belém*, apresenta dois contos com a personagem Matinta Perera ou Mat-taperê. Em “A Matinta Perera do Acampamento”, um pássaro assobia todas as noites, parando apenas quando lhe oferecem tabaco. No dia seguinte, uma senhora aparece cobrando o fumo prometido.

Esse é o comportamento cotidiano da “bruxa”, mas na narrativa, os moradores do acampamento montam uma armadilha para prender o pássaro e desmascará-la. No conto “A Matinta Perera da Pedreira”, de mesma autoria, a Matinta é uma senhora conhecida como Velha Mariana, que vive sozinha, ela é entendedora das ervas de cura, que foi vista dançando dentro de casa. Almeida (2024), a partir do célebre trabalho da historiadora Laura de Mello e Souza (1986), “O Diabo e a Terra de Santa Cruz”, reflete que:

[...] a história das bruxas no Brasil, apesar de afastada em suas práticas oficiais das dinâmicas ocorridas, especialmente no contexto europeu, é também relacionada a relações de poder, religião e identidades feminina e negra na sociedade colonial brasileira. Neste contexto, as pessoas indígenas, africanas, e mestiças se referem ao grupo que por deter conhecimento de ervas e rituais específicos aos seus contextos culturais, seriam conhecidos como curandeiros e por isso um alvo mais delineado para acusações de contato com o sobrenatural (Almeida, 2024 *apud* Souza, 1986, p.166-167).

As figuras femininas dissidentes retratadas nas histórias de assombração aqui analisadas trazem à tona questões de gênero e classe social no passado e presente. Silvia Federici (2019), em “Mulheres e caça às bruxas”, apresenta reflexões a respeito do movimento de caça às bruxas na Europa, ao indicar que este processo está diretamente relacionado ao surgimento do sistema capitalista. Para ela, a acumulação de capital segue vitimando mulheres no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que aponta formas de resistência. Os textos são acessíveis aos adolescentes e permitem um paralelo com questões do tempo presente.

Por fim, busquei, por meio do presente capítulo, apontar algumas reflexões que podem ser discutidas nas aulas de História, a partir dos contos de assombração analisados. Existem outras obras que reúnem histórias de assombração, bem como, outros temas que também podem ser trabalhados. Compartilho a catalogação das fontes analisadas para que professores e estudantes possam encontrar outros caminhos de análise dessas obras. No próximo capítulo farei uma discussão sobre como a coleta de histórias de assombração, enquanto projeto escolar, se constitui em uma oportunidade para se exercitar a prática do método historiográfico a partir

da história oral, possibilitando, outrossim, a criação de vínculos comunitários entre as crianças e adolescentes com seus familiares.

3 ASSOMBROS, HISTÓRIA ORAL E MEDO

As histórias de assombração são transmitidas em diversos suportes, através da literatura, da oralidade e dos estudos sócio-históricos, conforme apresentei no capítulo anterior a partir da análise de contos de assombração como fonte para as aulas de História. Para além do texto, a experiência de ouvir e contar histórias de assombração tem ampla contribuição para o ensino de História.

Essas narrativas compartilhadas por gerações são uma oportunidade de criar um vínculo comunitário e, além disso, despertam sensações como: o medo e a morte. Esses temas são relevantes de serem trabalhados de forma transversal na escola, pois fazem parte de uma formação integral do indivíduo.

Cabe ressaltar que a relação entre o Ensino de História e as histórias de assombração é menos inovadora e assustadora do que pode parecer. Esse trabalho não é a primeira experiência de estudo sobre a temática, no entanto, os contos fantásticos, insisto, são uma das formas de nos aproximarmos de nós mesmos. Neste capítulo dedico-me a apresentar e analisar minha experiência como docente e o trabalho realizado com as histórias de assombração em sala de aula entre os anos de 2022 até 2025.

3.1 Histórias de assombração: ensino de História, história oral e representações

As histórias de assombração foram e seguem sendo um tema que desperta curiosidade. Tem instigado intelectuais de variadas formações e despertado interesse especial entre o público adolescente contemporâneo. Em um contexto escolar, essas histórias podem contribuir com o ensino de História, na medida em que mobilizam aspectos locais e universais, ao mesmo tempo em que despertam sensações de medo e provocam divertimento.

Os marcos normativos para o ensino nacional, como: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 e, no caso do estado do Ceará mais especificamente, o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) de 2019, no que se refere ao ensino de História em particular, apontam para a importância do trabalho com fontes históricas, desde a identificação dos diferentes tipos de fontes até a sua análise ao longo das aulas. Deste modo, proponho o estudo de histórias de assombração como possibilidade de análise de fonte oral em sala de aula, assim como, o exercício de experimentação do fazer historiográfico mediante o uso dessa metodologia. Mas será que podemos aprender algo sobre uma sociedade a partir das suas

histórias de assombração? Ampliando a questão, podemos nos perguntar, como as fontes orais contribuem com o conhecimento histórico e o ensino de História?

Atualmente, questionar a validade das fontes orais para a historiografia pode parecer um problema superado. Contudo, no contexto do ensino básico, onde os estudantes estão aprendendo como funciona a metodologia da disciplina, faz-se necessário que essa questão seja cuidadosamente discutida. O desenvolvimento de projetos que possibilitem aos estudantes entrevistar membros da comunidade e compartilhar a experiência em sala de aula é eficaz para refletir sobre as funções específicas que somente a história oral pode satisfazer.

O historiador italiano, Alessandro Portelli (1997), em seu artigo: *O que faz a história oral diferente*, aponta, por exemplo, características da linguagem oral que só são passíveis de serem analisadas a partir de objetos auditivos. O volume, a velocidade, o ritmo, o tom de uma narrativa, não podem ser captados por meio da transcrição de uma entrevista. Esses elementos podem indicar diferentes significados numa frase e, em se tratando de relatos de pessoas pertencentes às camadas populares, esses discursos são fartos em variações, em oposição à classe média que repete a uniformidade da escrita na fala.

Fontes orais de classes não hegemônicas são ligadas à tradição da narrativa popular. Nesta tradição as distinções entre gêneros de narrativa são percebidas diferentemente da tradição escrita das classes educadas. Isto é verdade na distinção genérica entre narrativas ‘factuais’ e ‘artísticas’, entre ‘eventos’ e sentimento ou imaginação. Enquanto a percepção de um registro como ‘verdade’ é relevante tanto para a lenda como para a experiência pessoal e para a memória histórica, não há gêneros de história oral especificamente destinados a transmitirem informações históricas; as narrativas históricas, poéticas e míticas sempre se tornam inextricavelmente misturadas. O resultado são narrativas nas quais a fronteira entre o que toma o lugar fora do narrador e o que acontece dentro, entre o que diz respeito ao individual e o que diz respeito ao grupo, pode se tornar mais enganosa que os gêneros escritos estabelecidos, de modo que a ‘verdade’ pessoal possa coincidir com a ‘imaginação’ compartilhada (Portelli, 1997, p. 30).

Buscando nas histórias de assombração essa fronteira entre o pessoal e o coletivo, próprio das narrativas da história oral, tomaremos por exemplo uma história de assombração coletada por estudantes do ensino médio de escola pública na cidade de Amontada, interior do Ceará, município majoritariamente circunscrito em área rural¹⁷. As entrevistas foram realizadas pelos adolescentes e direcionadas aos seus familiares, sendo àqueles responsáveis por socializar a experiência para a turma. Posteriormente, eles desenvolveram um roteiro de episódio para um *podcast* que foi intitulado - *A Chorona*.

A narrativa escolhida remonta a origem de uma famosa assombração não visível da cidade, sendo possível apenas ouvir o som de um lamento, materializada no choro inconsolável

¹⁷ Trata-se das experiências na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, citadas no capítulo anterior.

de uma mulher que vaga pelas ruas. No enredo construído pelos estudantes, contou-se a história de uma moça, filha de uma senhora muito rígida e religiosa. A jovem teria se apaixonado por um rapaz. Devido a postura da mãe, o relacionamento foi vivido em segredo.

Certo dia, a moça descobriu que estava grávida e resolveu contar ao progenitor sobre a gestação. Ele disse que não poderia assumir aquela criança, o fato é que o homem era casado. Arrasada, porém decidida a ter a criança, a moça escondeu a gravidez de sua família por todo o período gestacional. Caía uma tempestade no dia em que a pobre mulher entrou em trabalho de parto. Ela se encaminhou para as margens do Rio Aracatiaçu, onde nasceu o bebê, porém, tragicamente ambos se afogaram naquelas águas. A “Chorona”, como ficou conhecido o fantasma, segue lamentando a perda do seu filho pelas ruas de Amontada e ameaça cortar as línguas de quem caçoar da sua dor.

A história oral “nos conta menos sobre eventos que sobre significados” (Portelli, 1997, p. 31). Essa história de assombração expõe uma sociedade patriarcal, profundamente marcada por uma tradição religiosa cristã¹⁸ e apresenta um relato de abandono parental. Elementos que estão presentes no cotidiano dos adolescentes de Amontada e que surgem nos relatos da memória coletiva da comunidade. A partir desse exercício, o professor pode conhecer melhor os grupos sociais em que os alunos estão inseridos, seus valores, tradições, medos, sonhos, etc. Ao defender o estudo da memória pelos historiadores, para além da perspectiva da memória enquanto testemunho, James Fentress e Chris Wickham (1992), sugerem que a memória apresentada por um grupo elucida sobre sua identidade. Em seus estudos lemos:

Quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam. Na medida em que a nossa <<natureza>>- o que realmente somos - se pode revelar de um modo articulado, somos aquilo de que nos lembramos (Fentress; Wickham, 1992, p. 20).

As recordações, portanto, revelam aspectos da memória de um grupo que constituem a identidade da comunidade. As pessoas que vivem em Amontada conhecem uma outra assombração - *O Assobiador*. Em 2022, um grupo de quatro estudantes da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, sob minha orientação, desenvolveu um projeto intitulado *Histórias de Assombração de Amontada: uma pesquisa da tradição oral em linguagem audiovisual*, que buscou proporcionar a experiência de coleta de histórias de assombração na comunidade. Os

¹⁸ De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, mais de 70% da população do município de Amontada, com idade a partir de 10 anos, se autodeclarava católica, enquanto que os outros 25% afirmaram ser evangélicos.

relatos foram colhidos através de entrevistas realizadas com um público mais idoso da cidade. A produção do relato escrito subsidiou a confecção de um curta-metragem.¹⁹

No curta, os estudantes Erik Brito, Lara Letícia Rodrigues, Luana Magalhães e Sarina Cindy Teixeira viveram os personagens relatados nas entrevistas. O filme inicia com um grupo de amigos caminhando por uma paisagem natural de Amontada, às margens do Rio Aracatiaçu, rio este que corre ao longo do centro da cidade. O grupo escolhe um ponto para acender uma pequena fogueira e, ao redor das chamas, passam a contar a história. Ao iniciar o relato, os personagens voltam no tempo da narrativa, onde o protagonista atua no papel vivido por seu avô. O personagem principal, senhor Norberto, conta que, no seu tempo de juventude, os encontros entre os casais enamorados ocorriam nas calçadas das casas, sob a vigilância dos olhos familiares. Em um de seus encontros, como era de costume, sentou-se com as irmãs da moça e conversaram, na ocasião, sobre assuntos triviais, como: as cheias do rio e o período de colheita.

A conversa é então interrompida por um assobio desconhecido, ao qual as irmãs de sua namorada respondem com outros assobios. Ocorre que o sibilo era sobrenatural e, o protagonista, suspeitava se tratar de uma assombração, ele resolve levantar-se e ir embora. O assobio, no entanto, o acompanhou. O rapaz, viu-se perturbado pelo barulho, passando a noite em claro até que, no raiar do dia, resolve agir. Colheu uma palha de carnaúba e seguiu em direção a igreja da cidade para entregar a planta em oferta à assombração, pois, ele acreditava que assim procedendo, se livraria daquela perseguição sobrenatural. O filme retorna para a cena inicial dos estudantes ao redor da fogueira onde, entre olhares, eles confidenciam um ao outro que não acreditam nessas histórias. Nesse momento, um longo e fino assobio os interrompe, fazendo-os correr para longe do local, rindo-se da situação.

O conto coletado e a representação do relato, idealizado pelos alunos, posteriormente, expresso no formato do curta-metragem *O Assobiador*, evidencia aspectos da sociedade amontadense e a forma como os estudantes imaginam o passado de seus avós. Nas cenas em que os adolescentes atuam no passado, por exemplo, os figurinos escolhidos são roupas que tentam emular as vestimentas da época, ou quando definem colocar no roteiro os assuntos que imaginam que eram conversados no passado eles optam por tratar sobre as nuances da natureza, chuvas, secas. Decidem ainda, encenar a forma como os relacionamentos aconteciam antigamente, informando sobre o conservadorismo e a super vigilância das famílias.

¹⁹ Curta-metragem é uma produção audiovisual com duração de até 15 minutos. Para assistir: ASSOMBRAÇÕES DE AMONTADA. **O Assobiador**. Youtube, 16. out. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4UqM4f7JVz8&t=1s>>. Acesso em: 29. abr. 2026.

É possível inferir que a própria assombração, sendo o assobio de um pássaro que persegue o protagonista, vem de um universo natural, o que revela uma sociedade que possui uma relação estreita com a natureza. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível observar diferentes habilidades presentes no grupo de alunos, tais como: o ato de acender uma fogueira, os conhecimentos sobre as plantas locais e o mapa da cidade ao colherem a carnaúba e ao escolherem os espaços para gravar a trama. Os lugares por onde caminham, no presente, e os lugares que imaginaram, no passado, são, no fundo, formas de apropriação da história. O gesto imaginativo, nesse caso, elabora um passado ao mesmo tempo em que significa o presente.

O desfecho do curta-metragem se dá com uma espécie de ato sincrético, em que o protagonista oferta uma palha de carnaúba por baixo da porta da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Essa cena foi inserida pelos alunos para tornar a narrativa mais palatável para os espectadores. Optaram por excluir trechos gravados de outras histórias de assombração, ato que anuncia características da relação da sociedade amontadense com as suas religiosidades. A comunidade de Amontada é majoritariamente cristã, entre católicos e protestantes, ao mesmo tempo em que possui práticas e crenças sagradas próprias das religiões de matriz africana e indígena. É comum no cotidiano da cidade a procura por benzedadeiras para solucionar problemas de saúde ou de relacionamento, ao mesmo tempo em que o calendário das comemorações municipais é definido pela igreja católica.

A escolha da igreja matriz para encerrar o curta-metragem também foi feita pelos alunos, eles desejaram incluir o edifício por se tratar de uma edificação representativa do município. Podemos dizer que a igreja é um lugar de memória de Amontada. O historiador Pierre Nora (2012) reflete sobre o surgimento desses referenciais ao escrever:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e purificá-los eles não se tornariam lugares de memória (Nora, 2012, p. 13).

A ocupação da região remonta ao período de expansão da criação de gado no século XVII e a localidade em que hoje estão os municípios de Miraíma e Amontada possuíam ocupação às margens do Rio Aracatiaçu. Na fazenda São Bento de Amontada havia uma capela em que eram realizados os ritos religiosos até o momento em que o fazendeiro da região vizinha fez a doação das terras para o Vaticano, a troca lhe rendeu a autorização para construir

uma igreja. Assim, a capela original foi relegada ao esquecimento, hoje é possível visitar as ruínas do que se convencionou chamar de Amontada Velha²⁰. A igreja é, portanto, símbolo da ocupação da região ainda no período colonial.

Uma das histórias de assombração lembrada com frequência pelos mais velhos aconteceu no período inicial da colonização dessa região. Através de relatos em conversas informais com professores e funcionários da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, afirma-se que na capela primordial havia a imagem de uma santa e que logo após a construção da igreja matriz, ela teria sido realocada para o novo templo conforme autorização concedida pelo Vaticano. Todas as noites, no entanto, a santa era carregada em uma de carroça da velha capela para a igreja, isso acontecia porque todas as manhãs, a santa reaparecia no seu lugar original.

Essa narrativa de assombração revisita disputas em torno das práticas cristãs do período, uma vez que, o sincretismo e as adaptações naquele universo religioso se faziam cotidianamente pelos fiéis, quase sempre longe da presença regular de sacerdotes católicos. Com a oficialização e, conseqüentemente, a normatização das práticas católicas, podemos perceber a resistência do povo diante das transformações no culto popular, conforme o conto deixa evidenciar.

Outra história mal-assombrada coletada pelos estudantes da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, em 2024, foi transformada em conto com o título: *O Motoqueiro Fantasma da BR-402*. O entrevistado²¹ relatou uma experiência sobrenatural que viveu no trajeto de Itapipoca-CE para Amontada-CE, ao longo da BR-402. O narrador estava pilotando sua moto à noite quando avistou um motoqueiro pelo retrovisor. A figura só aparecia nos trechos em que não havia poste de iluminação pública, no completo escuro o fantasma brilhava, parecia haver uma luz por dentro do capacete, o que impedia de identificá-lo.

O entrevistado narra que acelerou a sua moto devido ao medo que sentia na ocasião. Chegando enfim, na entrada da cidade, onde há uma estátua de Nossa Senhora dos Navegantes,

²⁰ Informações advindas de uma conversa informal compartilhadas gentilmente pela professora Leiliane Kécia Magalhães, amontadense, mestre em História Social pela UFC, com quem trabalhei na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues.

²¹ O processo de desenvolvimento das aulas-oficina que culminaram na elaboração do *podcast* será discutido no quarto capítulo desta dissertação. Nesse contexto, os estudantes foram convidados a entrevistarem seus familiares, com o objetivo de coletar histórias de assombração da cidade. Durante as entrevistas, que não eram gravadas, os alunos preenchiam uma ficha contendo as principais informações sobre a narrativa coletada. Posteriormente, essas histórias eram narradas e trabalhadas em sala de aula, transformadas em roteiros de *podcast*. No caso do episódio não publicado, intitulado *O motoqueiro fantasma da BR-402*, a estudante Melissa, da 2ª série, apresentou um relato de assombração compartilhado por seu pai. As fontes analisadas, nesse caso, são a ficha produzida e o roteiro do episódio, uma vez que a gravação não foi realizada devido a dificuldades logísticas à época: a equipe apresentava frequência irregular e, embora diversas tentativas de gravação tenham sido feitas, não foi possível efetivá-la.

monumento conhecido popularmente como *A Santa*, o motoqueiro sobrenatural havia desaparecido. Ao comentar sobre o caso com seus conhecidos, o narrador tomou conhecimento de diversos casos de mortes por acidente que aconteceram naquela estrada e que existem túmulos construídos ao longo do percurso para homenagear as almas perdidas.

Embora a padroeira do município de Amontada seja Nossa Senhora da Conceição, a imagem que recebe os visitantes na entrada da cidade ou aqueles que estão apenas de passagem pela BR-402, foi feita em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, protetora dos navegantes e viajantes. É válido ressaltar que em diversos municípios do estado do Ceará e na periferia das grandes cidades, é comum a não utilização de capacetes de segurança por parte de alguns motoqueiros. Esse comportamento pode ser explicado pela falta de fiscalização e pela proibição do uso do equipamento em alguns territórios dominados por facções criminosas.

Some-se a isto a existência de uma prática cultural entre os jovens e os adolescentes conhecida popularmente como 'dar grau'; a ação consiste em empinar a motocicleta, mantendo a roda dianteira suspensa enquanto se está em alta velocidade. Devido à escassez e à quase inexistência de transporte público no município, desde cedo os adolescentes aprendem a pilotar motos, ensinados pelos próprios familiares, para conseguirem se locomover mais facilmente.

É corriqueiro no cotidiano escolar que as famílias informem sobre acidentes com motocicleta para justificar as faltas de alunos. Quando o acidente não é tão grave, os estudantes aparecem para assistir às aulas com grandes arranhões e feridas. *O Motoqueiro Fantasma da BR-402* nos permite ir além da dimensão do mito, como reflete o historiador Alessandro Portelli (2000) ao analisar uma apresentação teatral do massacre de Civitella, ele assevera:

Não há por que questionar a credibilidade desses episódios para identificar sua dimensão mítica: um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura (Portelli, 2000, p. 120).

A história de um motoqueiro que faleceu na BR-402 não tem nada de invenção para os moradores de Amontada. A narrativa é representativa da identidade coletiva daquela comunidade em que a cultura do vaqueiro sertanejo, frequente nos tempos coloniais em que os cercamentos de gado aconteciam, se transfigura no motoqueiro contemporâneo. Percebo a motocicleta como uma reinvenção do cavalo.

O cantor e compositor pernambucano Zé Vaqueiro abordou na letra de *Queda de Moto*, música produzida em 2021 e muito popular entre os adolescentes da cidade, a história de um

rapaz que, ao viver uma decepção amorosa, afirma que ficar sem a namorada é “pior que queda de moto”²².

Lutfi, Sochaczewski e Jahnel (1996) recorrem ao pensamento de Henri Lefebvre para fundamentar uma teoria crítica sobre o tema. No artigo *As Representações e o Possível*, os autores detalham como o sociólogo marxista define o conceito de representação:

Não se pode deixar de lado, diz Lefebvre, as condições de vida dos povos, grupos ou classes que as produzem e, embora sejam resultado de uma determinada relação de forças na sociedade, as representações dirigem-se a todos. Representam a imagem que um grupo, povo ou classe mostra, tanto para os outros como para si mesmo. Assim sendo, a representação, como produto de um determinado processo social, está referida à problemática da dominação e da exploração. Os dominantes, através da representação, podem, sem mentir, passar uma imagem que perpetua a dominação (Lutfi; Sochaczewski; Jahnel, 1996, p. 94).

A partir da reflexão das autoras da obra de Henri Lefebvre, a luta de classes está presente também nas representações e, portanto, podem ser utilizadas para conservar dominações. Duas imagens sacras-católicas foram apontadas previamente no presente texto, Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Conceição. A primeira, indica simbolicamente o conhecimento do poder público de um problema social que existe concretamente no município de Amontada: os acidentes de trânsito. Mas a atuação pública é a construção de um monumento para proteção simbólico-religiosa dos viajantes. O romance *A Cabeça do Santo*, da escritora cearense Socorro Acioli (2014), narra a história de um rapaz que afirma ouvir, no interior da estátua de Santo Antônio, as orações dos moradores de um município. Ao longo da trama, revela-se que a estátua fazia parte de um esquema de corrupção envolvendo o prefeito da cidade.

Quanto a história da estátua de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Amontada, ela remonta aos embates vivenciados dentro da Igreja Católica a respeito da dificuldade de os devotos aceitarem a ideia de virgindade de Maria, o que leva o Papa Bento XI a reunir, em 1304, uma assembleia de teólogos para solucionar a questão da imaculada mãe de Jesus Cristo. A mesma representação de Maria, no sincretismo da Umbanda, representa Oxum, a orixá dos rios e da fertilidade. Na história de assombração *A Chorona* os elementos da virgindade e da fertilidade apresentados estão relacionados às águas do rio. Os símbolos e as representações escolhidas pelos poderes dominantes, políticos e religiosos colaboram com a manutenção dos valores de exploração da comunidade.

²² QUEDA DE MOTO. Intérprete: Zé Vaqueiro. In: **Vibe Original**. Fortaleza: Sony Music Entertainment Brasil Ltda., 2021.

A disciplina de História pode proporcionar ao aluno uma compreensão mais abrangente e crítica sobre os valores que regem a sociedade que os cerca, particularmente no que tange as questões que envolvam, por exemplo, o disciplinamento do corpo feminino, recaindo sobre os ombros da mulher as consequências de atitudes que não são tomadas exclusivamente por ela. A gravidez da personagem fantasmagórica, *A Chorona*, não foi fruto de uma ação solitária. Entretanto, as consequências e o julgamento social serão imputados inteiramente sobre ela. A historiadora Célia Calvo (2006), em seu artigo *Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural*, analisa uma matéria do Jornal Correio de Uberlândia–MG que apresenta a Praça Tubal Vilela e as mudanças que esta sofreu ao longo dos anos. Após entrevistar frequentadores do logradouro, a autora escreve algumas reflexões sobre os usos simbólicos do espaço, que reforçam o poder instituído:

O que está sendo composto é uma proposta que repõe, no espaço da praça, uma memória que deveria ser valorizada como patrimônio histórico, porque firmada nos lugares que expressavam as relações de uso e de poder das classes dirigentes e que, no presente, exprimem-se nos monumentos por eles deixados. Por outro ângulo, esta perspectiva também atua no sentido de silenciar dali outras memórias, e a construção desse silêncio se dá à medida que vai projetando nos espaços aquilo que está sendo caracterizado como o seu “ausente” ou o que está sendo veiculado como “perdido” no percurso das transformações históricas da cidade (Calvo, 2006, p. 64).

De modo semelhante, é possível perceber na cidade de Amontada que os monumentos considerados patrimônio histórico da cidade estão relacionados à manutenção do poder das classes dirigentes. A presença das representações culturais da população é percebida, paradoxalmente, em sua ausência, nestes casos, a história oral se apresenta como uma possibilidade para trazer à tona aspectos da memória coletiva que não foram selecionadas, por isso mesmo, não estão representados na cidade. Neste sentido, uma das formas de explorar a potência das histórias de assombração pode ser feito ao indagar os nossos alunos sobre os lugares assombrados, fazendo-os perceber que, geralmente, o que aparece retratado são os lugares tradicionais de poder (casarões, cemitérios, igrejas...). Ao mesmo tempo, e fazendo o movimento inverso, pode servir como exercício reflexivo pensar sobre como e quais lugares periféricos aparecem nas narrativas de assombração.

As histórias de assombração são, portanto, fontes históricas importantes para se conhecer aspectos da memória coletiva de um grupo ou sociedade. Essas narrativas, quando analisadas criticamente, podem auxiliar discentes e docentes a desenvolverem uma compreensão aprofundada da cultura local.

3.2 Medo de assombração

As histórias de assombração representam o ínterim entre o mundo dos vivos e dos mortos, por vezes, esses universos fronteiriços aparecem relacionados a episódios traumáticos vivenciados nas comunidades em que a narrativa é contada e recontada. Podem ser abordados temas ligados a acontecimentos de natureza local como um acidente de trânsito, ou medos sociais complexos. Por tanto, é possível afirmar que as histórias de assombração não se apartam da vivência ordinária da comunidade que as produzem e as replicam. Elas estão repletas de personagens vinculados ao poder: padres, coronéis e homens ricos. Todos esses sujeitos lidam com sentimentos como o medo e o respeito, cujos limites entre um e outro nem sempre estão evidentes.

O aspecto do medo enquanto categoria para os estudos históricos, foi objeto de estudo do historiador das mentalidades, Jean Delumeau (2009), na obra: *A História do Medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Ao observar o passado do Ocidente medieval e moderno a partir da lente do medo, ele conclui que o tema foi negligenciado por longo tempo devido aos equívocos feitos ao associar as ideias de medo e covardia.

Diante dos vários tipos de medo estudados por Delumeau (2009), destaco o medo da noite e o medo daqueles que faleceram. Vale salientar que a noite é o horário privilegiado para as contações de histórias de assombração e é também o cenário da maior parte delas. O breu da noite é cúmplice dos infortúnios, horário em que os animais perigosos saem à espreita de presas fáceis, ideal também para assaltos projetados por sorrateiros ladrões, parece ser ainda o momento mais propício para os fantasmas vagarem.:

Que os “perigos objetivos” da noite tenham levado a humanidade, por acúmulo ao longo das eras, a povoá-la de “perigos subjetivos” é mais do que provável. E dessa maneira já o medo *na* escuridão pôde tornar-se mais intensamente e mais geralmente um medo *da* escuridão (Delumeau, 2009, p. 146).

Segundo Delumeau, o medo da noite foi o que motivou a dominação humana da escuridão por meio da iluminação urbana, elemento exaustivamente citado pelos autores das fontes analisadas no primeiro capítulo desta dissertação, eles acusam como sendo esse um dos motivos para se explicar a decadência da prática de contação de histórias de assombração.

As madrugadas continuam sendo, como antes, o cenário mais propício para o convívio com os mortos, ou melhor, para que estes entrem em contato com os vivos. No recorte temporal estudado por Delumeau, é anacrônico chamar aparições de pessoas que morreram como “fantasmas”, no entanto, ele opta por utilizar esse termo para facilitar a compreensão. Existiam

duas formas para explicar esse fenômeno fantasmagórico, o primeiro, remonta a concepção mais antiga que defendia a sobrevivência do próprio defunto, que continuaria a vagar por algum tempo, após a sua morte, por espaços que lhe eram familiares em vida. Edgar Morin chama essa forma de “sobrevivência do duplo” (Morin, 1970 *apud* Delumeau, 2009, p. 126). A outra maneira de conceber fantasmas é oferecida através de uma explicação teológica, ao indicar a existência de algo que transcende o corpo material (DELUMEAU, 2009).

A existência ou não de fantasmas foi um tema amplamente debatido durante o século XVI, motivado pelo movimento da Reforma Protestante que negava a existência do purgatório presente no imaginário cristão. A lógica desse raciocínio partia do princípio de que, se as almas dos falecidos foram salvas, não há motivos para eles deixarem o paraíso e visitar os vivos. Neste mesmo sentido, aqueles condenados ao inferno não poderiam ser salvos (Delumeau, 2009).

A historiadora Eudésia Bezerra (2015), em sua dissertação de mestrado *As vozes da "Maldizença" - Memória e Imaginário sobre a morte e o morrer no Sertão Central do Ceará*, investigou um fenômeno ocorrido em Oiticica, distrito de Ibaretama no Ceará, onde vozes e gritos de súplica sobrenaturais eram ouvidos por moradores da região, denominados por eles de “maldizença”. Esse fenômeno representava um mau-presságio, pois após várias ocorrências uma tragédia era noticiada na localidade. Dentre os muitos entrevistados durante a pesquisa, a historiadora analisa a perspectiva de um pastor evangélico a propósito da maldizença, em certa ocasião, ele afirmou que a chegada da igreja evangélica na região fez extinguir as súplicas sobrenaturais, o que dialoga diretamente com a análise de Delumeau (2009) exposta no parágrafo anterior.

É possível perceber a permanência nas narrativas de assombração de categorias de medo mais afastadas no tempo, mas é preciso diferenciar medo da angústia (Delumeau, 2009), ou melhor, da ansiedade (Courtine, 2020). O medo é causado por algo que podemos determinar, ou seja, sentimos medo de algo, alguém ou alguma situação. A ansiedade, entretanto, é um mal-estar causado por um perigo que não conseguimos identificar. Citando Zigmund Bauman, Courtine resume: “o medo se concentra no objeto”, enquanto que “a ansiedade faz abstração do objeto” (Bauman, 2008 *apud* Courtine, 2020, p. 516). Os medos contemporâneos surgem da ansiedade.

O medo é uma reação natural ao perigo iminente. Em outras palavras, é uma reação de sobrevivência sem a qual nossa espécie provavelmente não teria prosperado neste planeta. Evidentemente que outros animais têm instinto de sobrevivência, mas o que o nosso medo tem de particular no mundo animal é a consciência da finitude inevitável. “Ora, ocultando a morte,

é a própria vida que o homem atual atinge” (Marcílio, 1983, p. 62), daí a emergência de se debater o tema da morte nas aulas de História.

O historiador das mentalidades, Philippe Ariés (2012), dedicou décadas de seus estudos à investigação das transformações dos sentidos da morte e do morto ao longo do tempo. Essa sensibilidade diante da morte passa de uma aceitação e naturalização, até meados da Idade Média, quando, em geral, não existia uma individualização da morte, no sentido de haver espaços dedicados à memória individual de um falecido, uma vez que, os corpos eram enterrados coletivamente nos espaços sagrados. Essa percepção contrasta com o romantismo do século XIX, quando se solidificam os ritos de morte diante do corpo e dos espaços cemiteriais (Ariés, 2012).

Somado aos estudos das transformações nos sentidos atribuídos a morte no ocidente contemporâneo desenvolvidos por Ariés, podemos acessar também a pesquisa do sociólogo José de Souza Martins (1983), no capítulo *A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça*, publicado no livro: *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. Este autor, dedicou-se a analisar as experiências de morte e luto no sertão, outrora chamado de Santo Antônio do Rio das Mortes, hoje, Rio das Mortes, em São João Del-Rei–MG, pois interessava-lhe investigar as transformações dessas experiências nas grandes cidades.

Outro pesquisador, Cícero Joaquim dos Santos (2017), ao estudar narrativas orais sobre mortos na região do Cariri cearense, entre os anos de 2011 e 2015, analisou como as percepções de tempo relacionadas à morte e suas aparições possibilitam compreender as construções sobre a memória em torno dos mortos.

Através de uma iniciativa para a elaboração de um guia didático para o público da Educação Básica sobre a morte e o morrer, os historiadores Mara Regina do Nascimento e Mauro Dillmann (2022), justificam na apresentação do material confeccionado o motivo de se trabalhar com esse tema nas escolas:

Estudos têm revelado que o tema da morte está presente na vida cotidiana dos/as brasileiros/as nas mais diversas mídias, como a televisão aberta, as redes sociais, as rádios, mas, por vezes, com uma abordagem mórbida, sensacionalista e pouco educativa. Esta observação nos fez perceber que um assunto tão importante como este poderia ser abordado, por que não, em espaços de aprendizagem como as escolas – o ambiente por excelência da formação ética do ser humano (Nascimento; Dillmann, 2022, p. 8).

Trabalhar com o tema da morte em sala de aula, na perspectiva do ensino de História, pode ser desafiador, afinal esse é um tema interdito - a despeito de sua presença por toda parte, especialmente durante e após a pandemia de Covid-19. Em adição a isso, a realidade de

violência nas periferias brasileiras, na qual a morte parece estar à espreita na esquina, onde as “crianças e adolescentes convivem com essas imagens diariamente, ao mesmo tempo em que se tenta “poupá-los” para não os entristecer” (Kovacs, 2005, p. 486).

A publicação *Revisão Sistemática de Literatura*, de autoria de Daniele Trevisan e Cristiano Maciel (2018), abordou a temática da morte, trabalhadas sobretudo no contexto da educação básica. Os pesquisadores concluíram que apesar da relevância do assunto para o ensino básico, quando se almeja o desenvolvimento pleno do educando, o tema da morte permanece sendo silenciado. Este fato contribui para a persistência da dificuldade em lidar com questões relativas à morte, luto e finitude. Os autores insistem na necessidade de incluir a temática nos currículos escolares, por meio de projetos.

Uma oportunidade de inserir o tema da morte nas discussões da aula de História do ensino básico é por meio das histórias de assombramento, afinal, a produção e a propagação dessas narrativas ocorrem precisamente nos locais onde a dor comunitária está presente.

3.3 Experiências com histórias de assombramento

A ideia de trazer para os espaços de ensino formal o estudo de histórias de assombramento não é inédita. Tenho me debruçado nos últimos anos sobre algumas experiências exitosas desenvolvidas e aplicadas no contexto nacional. Neste tópico, compartilharei 03 (três) trabalhos exemplares que contribuem para ampliar as possibilidades de uso dessa fonte histórica em sala de aula. Os projetos expostos a seguir compreendem experiências vivenciadas nas cidades de Fortaleza–CE, Aracati–CE e Recife–PE. Acredito que esses exemplos podem servir de inspiração para outros professores da disciplina na hora de idealizar, planejar e executar projetos escolares nessa linha tendo em consideração o ensino de História.

3.3.1 Projeto Assombros e Memórias (Fortaleza-CE)

O projeto *Assombros e Memórias* é desenvolvido pelos professores Sandoval Matoso e Thiago Roque, em parceria com o contador de histórias, Samuel Jacinto. A iniciativa parte das experiências do professor de história, Sandoval Matoso, com as aulas de campo na cidade de Fortaleza. Em sua dissertação do Profhistória–UFC, *História local e ensino de história: um estudo dos modos de pensar o espaço da cidade de Fortaleza e sua relação com a ditadura 1964-85*, defendida em 2023, ele desenvolveu uma proposta de aula de campo pelo centro da

capital cearense. A proposta visa apresentar os espaços públicos que se relacionam com o processo histórico da ditadura civil-militar, numa perspectiva da história local.

Esse estudo originou a proposta da aula de campo vivenciado no Cemitério São João Batista, intitulado *Fortaleza Necrópole*, que propõe reflexões a respeito da história da cidade a partir da relação entre vivos e mortos. O projeto foi iniciado em 2024, analisa a arte tumular tendo por referência biografias de alguns túmulos famosos, além de apresentar e discutir questões ligadas à hierarquia social que permanece evidente nos espaços cemiteriais mesmo após a morte das personalidades estudadas. O campo incorpora também as narrativas de assombração presentes no Cemitério São João Batista.

A aula de campo noturna foi nomeada como *Assombros e Memórias*, trata-se de uma iniciativa que surgiu como atividade especial do mês de outubro, em alusão ao mês dos mortos, como afirmou o professor Thiago Roque em entrevista ao programa *Entre Assuntos* do jornal *Opinião CE*²³. Inspirado no projeto *Recife Mal-assombrado*, a aula conta com a contribuição de atores (artistas) que ao performar junto aos túmulos escolhidos constroem o clima de imersão necessário para promover as reflexões durante a aula.

Embora essa aula prática não seja necessariamente destinada aos estudantes regulares da educação básica, muitos deles são atraídos para conhecer o roteiro. Além disso, o público que integra o projeto, adolescentes regularmente matriculados na rede pública ou privada, ou não, comprova a curiosidade em torno da temática e cria uma demanda por mais aulas que proporcionem essas discussões.

3.3.2 Projeto Becos da Memória: novos contos do Aracati

Becos da Memória: novos contos do Aracati é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará, *campus* Aracati, em parceria com a E.E.E.P. Elsa Maria Porto. Durante uma aula da disciplina de Introdução à Filosofia para o Curso de Letras da UECE-FECIL, o professor de literatura, Dr. Cristiano Santos Araújo, tomou conhecimento da existência do livro *Histórias de Assombração do Aracati*. Após esse primeiro contato surge a “faísca” para o desenvolvimento do projeto que ganhará contornos mais bem definidos em 2024.

Pretendia-se estabelecer uma relação entre a literatura de Antero Pereira Filho (2016), as releituras da cidade elaboradas pela juventude aracatiense, representada por estudantes do curso de turismo da escola profissionalizante parceira. As atividades desenvolvidas pelo projeto

²³ OPINIÃO CE. **Fortaleza Necrópole resgata história da cidade a partir de aulas no cemitério.** Youtube, 15. out. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dUspU4ZgQDw>>. Acesso em: 24. abr. 2026.

propiciaram espaços de leitura e discussão da obra do Sr. Antero, caminhadas pelo centro histórico – cenário das narrativas de assombração, culminando com a escrita de novos contos de autoria dos alunos participantes no projeto (Araújo, 2025).

Araújo (2025) assinala uma importante percepção da experiência do viver a cidade que perpassa os desejos que alimentaram o desenvolvimento do projeto *Becos da Memória* junto à juventude aracatiense, ele informa:

há uma “multidão” de nomes de ruas e praças que seguem a lógica colonial e imperial brasileira, monumentalista herdada dos séculos XIX e XX, isto é, coronéis e capitães (latifundiários), barões, viscondes, bacharéis, monsenhores, padres, comerciantes, famílias históricas, e assim por diante, que devem ser repertoriados e investigados a cada tempo, sob novos olhares e hermenêuticas, quiçá, e foi o mote do projeto originador deste artigo, sob a pena e o protagonismo de jovens no século XXI (Araújo, 2025, p. 4).

Portanto, percebemos que além de buscar criar um vínculo com esse passado oficial presentificado nas edificações e monumentos tombados no sítio histórico da cidade, o *Becos da Memória*, buscava novas interpretações, novos relatos de experiências de cidade partindo do ponto de vista de estudantes do ensino médio.

Em entrevista concedida a mim, Régia Lima, professora do Curso de Turismo da E.E.E.P. Elsa Maria Porto, público-alvo do projeto de extensão da UECE-FECIL, explicava as percepções dela sobre o desenvolvimento do projeto na escola:

Elisa: Como a escola E.E.P. Elsa Maria Porto recebeu o convite para participar do projeto de extensão da UECE “Becos da memória: novos contos do Aracati”?

Régia: O professor Cristiano Araújo, da UECE/FECIL, nos convidou em 2024 para participar do projeto depois de nos conhecer em um circuito cultural, pela Rua Grande, promovido pelo Curso de Guia de Turismo, como projeto social da turma do terceiro ano, em 2023. Desde então, criamos um vínculo entre instituições que nos proporcionou a continuidade dos estudos do livro de “Histórias de Assombração do Aracati”, do escritor aracatiense Antero Pereira Filho. Juntamos o útil ao agradável.

Elisa: Como se deu o desenvolvimento do projeto?

Régia: O projeto foi desenvolvido ao longo do ano, com oficinas de leitura, escrita de novos contos e reescritas. A correção foi realizada pelos professores e estudantes de Língua Portuguesa da UECE/FECIL e por mim, da EEEP Profª Elsa Maria Porto Costa Lima. Depois dessas reescritas foi organizado um arquivo com os novos contos produzidos pelos alunos do Curso de Guia de Turismo, da 2ª e 3ª série.

Elisa: Houve desafios no desenvolvimento do projeto?

Régia: Os desafios foram constantes, o maior foi encaixar a agenda da UECE/FECIL com o calendário escolar da EEEP Profª Elsa Maria Porto Costa Lima, além de estimular os estudantes a produzir os novos contos diante das inúmeras atividades escolares.

Elisa: Quais foram os resultados do projeto, sejam materiais ou imateriais?

Régia: Além do aprofundamento do estudo do livro de Antero, conversa com o autor, o despertar e a valorização pelas lendas do Aracati e região, os estudantes puderam trabalhar a escrita do gênero conto, e produzir um arquivo físico de novos contos do Aracati, com base em suas vivências e estudos.

Elisa: O projeto *Becos da Memória* transita por diversas áreas do conhecimento, você considera que ações como as realizadas pelo *Aracati Literário* contribuem para o Ensino de História?

Régia: O *Aracati Literário*²⁴ é um projeto desenvolvido pelo professor Rafael Silva, uma proposta que se alinha com o *Becos da Memória*, mas não é o mesmo projeto. E sim, os dois projetos incentivam o estudo pela História de uma maneira geral, bem como, valoriza a história da comunidade e estimula o sentimento de pertencimento, aproximando os jovens de seus avós, da escuta dos anciãos e da busca por histórias, deixando a disciplina de História muito mais prática, dinâmica e prazerosa (LIMA, Régia. Entrevista concedida a Elisa Costa em Aracati, 1 dezembro 2025. Entrevista não publicada).

A partir do relato de experiência da professora Régia, pude perceber como o desenvolvimento do projeto foi importante para a escola em diversos aspectos, mas não deixou de ter seus percalços, pois, apesar de estarem motivados e interessados a participar das atividades, os alunos precisaram ser estimulados a produzir os contos propostos.

A iniciativa teve desdobramentos no ano de 2025. Partindo do trabalho realizado no projeto *Becos da Memória*, a professora desenvolveu com alunos do Curso de Guia de Turismo da E.E.E.P. Elsa Maria Porto, o projeto social *Rota das Assombrações: lendas que conectam gerações*, um percurso guiado pela Rua Grande tendo por inspiração os contos presentes na obra *Histórias de Assombrações do Aracati*. Durante a atividade os próprios alunos atuaram dando vida às personagens-fantasma da cidade.

3.3.3 Projeto Recife Mal-Assombrado

A cidade do Recife é conhecida como a mais assombrada do Brasil. Essa alcunha se deve à contribuição de autores pernambucanos interessados nos temas fantasmagóricos e sobrenaturais²⁵, além de artistas e intelectuais que seguem divulgando e reinterpretando o universo assombrado do imaginário da capital pernambucana²⁶.

O *Recife Assombrado* é um projeto idealizado pelo jornalista Roberto Beltrão e que teve início no ano 2000, em formato de *site* que reunia relatos de assombrações da cidade. Em entrevista concedida no dia 9 de setembro de 2025, ao programa *Conexão Leitura*, da TV

²⁴ No momento da entrevista, acreditei, equivocadamente, que o projeto *Becos da Memória*, proposto pelo Dr. Cristiano Araújo, fazia parte do projeto de extensão *Aracati Literário*. Durante a entrevista, fui informada pela professora Régia de que se tratam de iniciativas distintas. O *Aracati Literário*, desenvolvido pelo Dr. Rafael Guimarães Tavares da Silva, professor de Literatura da UECE-FECIL, também investiga a obra do escritor Antero Pereira Filho. Para uma análise da bibliografia do memorialista aracatiense, consultar: SILVA, Rafael Guimarães. Entre história e ficção, os bons ventos da memória: reflexões sobre a obra de Antero Pereira Filho. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 74, Brasília, 2024.

²⁵ Para além do trabalho de Gilberto Freyre (2008), podemos citar José Maria Carneiro Vilela (1886) e Jayme Griz (1969).

²⁶ RECIFE ASSOMBRADO. Direção de Adriano Portela. Recife-PE: Viú Cine, 2019. (101 min).

O RECIFE ASSOMBRADO 2: A MALDIÇÃO DE BRANCA DIAS. Direção de Adriano Portela. Recife-PE: Viú Cine, 2025. (114 min).

O AGENTE SECRETO. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife-PE: CinemaScópio Produções, 2025. (160 min).

Recife²⁷, o jornalista conta que seu interesse pelas assombrações remonta à sua infância na década de 1970, quando eram constantes os apagões de energia elétrica na capital pernambucana. Ele recorda que as crianças naquela época tinham o hábito de narrar histórias de assombração no escuro.

Na década de 1990, Roberto Beltrão, juntamente com os amigos, tiveram acesso a obra de Gilberto Freyre (2008), *Assombrações do Recife Velho*. Naquele contexto, ele teve a iniciativa de produzir um *fanzine* de maneira independente com o objetivo de escrever e divulgar aquelas narrativas de assombro que, para ele, estavam sendo esquecidas e prestes a entrar em extinção.

A pesquisa que embasou o projeto *Recife Assombrado*, inspirou a criação de um *tour* temático pelo Recife, completando em 2025, 10 (dez) anos de existência. O roteiro, intitulado *Recife Mal-Assombrado*, é um passeio guiado por um personagem chamado Mestre Devas, interpretado pelo jornalista César William Costa, que promove reflexões a respeito da história da cidade, traçando paralelos que interligam história local, arquitetura e tradição oral. O projeto oferece percursos assombrados, em sua maior parte no centro, feitos à pé ou de ônibus²⁸.

Ambos os projetos: *Recife Assombrado* e *Recife Mal-Assombrado*, promovem um encontro com o passado da cidade. Roberto Beltrão, quando perguntado sobre a relação entre História e assombração, afirma que: “tem tudo a ver a História com a história de assombração, porque o fantasma é o passado que volta para assombrar o presente”. No mesmo sentido, César William Costa, em entrevista à *Revista Algo Mais*, realizada em 2022, destacou a importância de se resgatar as assombrações do Recife, justificado pela necessidade da população de criar laços com a sua ancestralidade, conectando-se com o passado e, deste modo, ele acredita que seja possível desenvolver o sentimento de pertença e de amor pela própria cidade.

²⁷ TV CONECTA RECIFE. **Conexão Leitura fala sobre assombrações no Recife com o escritor Roberto Beltrão**. *Youtube*, 9. set. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UuewoCXmuOs>>. Acesso em: 25. abr. 2026.

²⁸ QUEREMOS tornar o Bairro do Recife a Disneylândia da Assombração. **Revista Algo Mais**. Recife, ed. 199. n. 2, 18. out. 2022. Disponível em: <<https://algomais.com/queremos-tornar-o-bairro-do-recife-a-disneylandia-da-assombracao/>>. Acesso em: 25. abr. 2026.

4 RELATOS DE UMA PROFESSORA ASSOMBRANDO AS AULAS DE HISTÓRIA

4.1 Experiências assombrosas entre o interior e a capital cearense

Em agosto de 2021, assumi o concurso como professora de História do Estado do Ceará, período em que se organizava o retorno das aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19.²⁹ Assumi a carência na disciplina de História, na E.E.M. de Amontada³⁰, atualmente renomeada como E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, em homenagem a uma antiga secretária escolar³¹. O desafio foi grande, conhecer toda a equipe escolar no final de um ano letivo que passava por uma pandemia. Nesse momento, as aulas ocorriam em formato híbrido, com aulas remotas através da plataforma *Google Meet* e também presenciais. Metade das turmas frequentava a escola em uma semana, na seguinte a outra parte dos alunos. Além disso, o Novo Ensino Médio estava sendo inaugurado com várias modificações curriculares, em especial a carga horária complementar, que incluía as disciplinas eletivas por áreas do conhecimento.

Em 2022, durante a jornada pedagógica, a gestão escolar preparou o grupo de professores para as mudanças que seriam concretizadas, apresentando os formatos de disciplinas eletivas e o catálogo de ementas elaborado pela SEDUC-CE com sugestões para cada área. A convite da gestão, assumi uma eletiva para as quatro turmas da primeira série existentes no turno da manhã. Idealmente, os alunos deveriam escolher as eletivas que mais os interessassem e, no horário determinado, trocariam de sala, ou seja, seriam reenturmados para participarem das suas respectivas eletivas. No entanto, a estrutura física da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues não permitia que essa logística se concretizasse. Logo, as eletivas foram realizadas com o mesmo grupo de alunos das turmas regulares.

²⁹ O decreto que autorizou o retorno às aulas presenciais em todo o estado do Ceará entrou em vigor no dia 14 de Junho de 2021. Fonte: CEARÁ. Secretaria da Educação. **Novo decreto autoriza retorno presencial para escolas de ensino médio em quatro macrorregiões do Ceará**. Fortaleza, 11. jun. 2021. Disponível em: <<https://www.seduc.ce.gov.br/2021/06/11/novo-decreto-autoriza-retorno-presencial-para-escolas-de-ensino-medio-em-quatro-macrorregioes-do-ceara/>> Acesso em: 25. abr. 2026. Em Outubro do mesmo ano as escolas públicas funcionam em modalidade híbrida, com 50% dos alunos frequentando semanas alternadas o espaço das escolas. Fonte: **RETORNO às aulas presenciais no Ceará**: confira como está a situação das escolas municipais de Fortaleza, estaduais e particulares. G1, Ceará, 13. out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/10/13/retorno-as-aulas-presenciais-no-ceara-confira-como-esta-a-situacao-das-escolas-municipais-de-fortaleza-estaduais-e-particulares.ghtml>>. Acesso em: 25. abr. 2026.

³⁰ O município de Amontada-CE está localizado no litoral leste do estado, há 157 km da capital. No censo de 2022 do IBGE possuía uma população de 42.156 pessoas. O clima do município vai do tropical ao semiárido. No turismo, é famoso pela rota das praias Icarai de Amontada, Moitas e Caetanos.

³¹ CEARÁ. **Decreto n.º 34.907, de 18 de agosto de 2022**. Dispõe sobre a Redenomina a Escola de Ensino Médio de Amontada para Escola de Ensino Médio Rita Estelita dos Santos Rodrigues, no Município de Amontada/CE. Diário Oficial do Estado do Ceará: Fortaleza, CE, 18. ago. 2022.

A escolha da temática ofertada nas eletivas foi feita com a mediação da direção e da coordenação pedagógica. Após apreciação do catálogo de eletivas, cada professor realizava uma breve apresentação na reunião de área, informando os títulos das eletivas e suas ideias para o desenvolvimento das aulas ao longo de um semestre. Em seguida, após o debate, eram escolhidos os temas. No primeiro semestre, ofertei a eletiva de *Gênero e Diversidade*, por ter participado durante a graduação do *PIBID-Educação em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade na Escola*³², possuía familiaridade com a temática, além disso, rapidamente pude diagnosticar que o assunto era urgente e que precisava ser trabalhado não somente nas salas de aula, mas também com a comunidade escolar. Para o segundo semestre, decidimos que a oferta da eletiva atenderia o tema da *História Local*, a partir de um material didático disponibilizado pelo PNLD de 2022 que propunha projetos integradores³³.

Em busca de referências para elaborar o planejamento da eletiva, consultei a biblioteca da escola e me vi diante de um desafio: como ensinar a História de uma cidade que eu também estava conhecendo? Resolvi, então, transformar a eletiva nesse espaço de descoberta e redescoberta da cidade de Amontada para mim e meus alunos. Observando os arredores, conversando com professores e funcionários, dialogando com os estudantes, descobri que estávamos na época de “soltar pipas”³⁴. Era o mês de agosto de 2022, os fortes ventos que sopram na região nesse período chamam crianças e adultos a empinar pipas, colorindo o céu. Deste modo, optamos por desenvolver oficinas de confecção de pipas na eletiva, os próprios alunos levavam o material, ensinavam uns aos outros como construí-las, eles me apresentavam

³² O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem por objetivo “fomentar a iniciação à docência”, de acordo com texto disponibilizado no Portal GOV do Governo Federal. BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 25 abr. 2026. O PIBID Educação em Direitos Humanos: Gênero e Sexualidade na Escola, coordenado pela professora Dra. Ana Rita Fonteles, foi extinto no governo de Jair Bolsonaro. Tratava-se de um programa interdisciplinar entre estudantes de História e Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, atuante em três escolas estaduais do Município de Fortaleza. O programa promoveu a “formação no campo da educação para os direitos humanos, possibilitando que [estudantes] pensem criticamente abordagens e práticas sobre gênero e sexualidade no âmbito escolar, qualificando ações de planejamento e intervenção com vistas a disseminar uma cultura de direitos humanos nas escolas, a construção de uma sociedade democrática, com respeito às diferenças e à dignidade humana.” PIBID-EDH. PIBID Educação em Direitos Humanos: Gênero e Sexualidade na Escola. **WordPress**, [s.d.]. Disponível em: <<https://pibidedh.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 25. abr. 2026. Minha participação no programa foi fundamental para a minha formação enquanto docente, a partir dessa experiência pude me perceber como futura professora.

³³ FTD EDUCAÇÃO; RIBEIRO JUNIOR, João Carlos (Ed.). **Ver o mundo: projetos integradores: área do conhecimento: ciências humanas e sociais aplicadas: volume único: ensino médio**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

³⁴ A “pipa” recebe diferentes denominações que variam de uma região para outra (raia, papagaio). É um brinquedo comumente feito de varetas de madeira em formato de cruz, cobertas por um papel leve, amarradas em uma linha. A brincadeira consiste em guer a pipa no céu, utilizando a força do vento.

os diversos formatos de pipas que existem e, ao final, saímos para soltar pipas em um campo de futebol a alguns metros da escola.

Essa fabricação criava situações de partilha de histórias e experiências, fundamos juntos um espaço de convivência ao longo desse percurso. No formato de aula-oficina, podíamos falar da cidade, das perspectivas individuais, do futuro e do passado. Depois da artesanaria, sair da sala, poder partilhar outros espaços da cidade empregava mais significados aos encontros. Essa quebra de expectativa e inversão nos papéis sociais exercidos em uma sala de aula tradicional, em que eu me colocava como aprendiz da cidade dos alunos, foi o que possibilitou, de certa forma, o desenvolvimento das experiências, posteriormente, com as histórias de assombração.

Percebi que as atividades ocorridas fora da sala de aula despertavam grande interesse nos alunos. Eles me apresentaram a cidade, me contaram mais sobre os seus interesses, *hobbies* e até mesmo as histórias pessoais. Resolvi então planejar mais aulas em que pudéssemos andar pela cidade. No material didático que versava sobre os projetos integradores havia uma proposta de exercício de “deriva pela cidade”. A partir dessa ideia, levei as turmas para caminhar no centro de Amontada. A cidade tem praticamente duas grandes avenidas que se cruzam perpendicularmente, e a escola está localizada exatamente nessa interseção. Ou seja, o percurso se deu na vizinhança da unidade escolar.

Durante o trajeto, os adolescentes entravam nas lojas, paravam para tomar café no posto de gasolina, cumprimentavam a todos os conhecidos que encontrávamos andando pela rua e tiravam fotos. A certa altura, paramos na calçada da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição³⁵. Entramos para visitar o lugar, alguns alunos mantinham relação próxima com a igreja, pois participavam da Pastoral da Juventude. Em um dos momentos de descontração, quando já estávamos retornando para a escola, um grupo de alunos começou a me contar sobre uma história de um corpo que havia sido enterrado no muro da igreja, era sabido que ali havia muitos “fantasmas”. Essa confissão despreocupada, despertou-me a curiosidade pelo tema.

Nas aulas seguintes, apresentei a proposta às turmas: cada aluno deveria escolher uma pessoa para entrevistar e coletar uma história de assombração e, posteriormente, recontar para os colegas durante a aula da eletiva. Como já estávamos chegando ao final do mês de setembro, propus que o dia da contação de histórias de assombração seria em outubro - o “mês das bruxas”. No dia combinado, os estudantes poderiam usar vestimenta a caráter, aproveitando assim o tema de assombro.

³⁵ A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição possui tombamento municipal mediante a Lei 921/2011, por sua vez, incluindo a área de entorno do bem arquitetônico.

No dia 19.10.2022, fizemos um momento de compartilhamento de maquiagens, pintei o rosto de alguns deles e, por fim, sentamos em círculo no chão da sala, onde atualmente funciona o Laboratório Educacional de Informática (LEI) da escola. Com as luzes apagadas, cada adolescente relatou a história de assombração coletada e informou sobre o sujeito entrevistado que lhe repassou a narrativa. Terminada a contação, a turma escolheu a história mais instigante por meio de uma votação, então pensamos juntos em um título para nomeá-la.

Nos encontros subsequentes, propus para o coletivo que transformássemos aquelas histórias em episódios de *podcast*. Àquela época, eu pensava muito sobre a popularização desse tipo de programas, sendo eu mesma uma grande espectadora, pois semanalmente, durante o percurso que eu fazia entre Amontada (local de trabalho) e Fortaleza (local de moradia), ouvia diversos programas, alguns de contação de histórias. Assim sendo, passamos a investigar, nas aulas da eletiva de *História Local*, quais os formatos possíveis para confeccionar um programa de *podcast* e como desenharíamos o produto final da eletiva para socialização com as demais turmas. Ouvimos um episódio do programa *Luz Acesa*, quadro do *podcast Não Inviabilize*³⁶, intencionava com isso aproximar os alunos da linguagem utilizada e da estrutura dessa ferramenta.

O próximo passo era a divisão da turma em equipes menores para que pudessem compor a escrita de um roteiro - episódio. Nos grupos de trabalho, os alunos foram instruídos a pensar em um título e a desenvolver um texto no estilo narrativo que seria compartilhado através de leitura dramática, idealizando ainda os efeitos sonoros a serem adicionados no processo de edição dos episódios. Eles precisavam escolher o narrador, ou narradora na história. A proposta de cada grupo deveria: 1) iniciar com a apresentação feita pelo narrador informando aos ouvintes quem foi o contador que transmitiu a história; 2) a história de assombração seria recontada para os espectadores utilizando os efeitos sonoros para ambientar o clima assombroso e 3) haveria de se criar uma *call to action* (CTA), estratégia de *marketing* muito utilizada, por exemplo, em redes sociais, funciona como um “lembrete” para o espectador agir seguindo a página do programa, ou outro comando de natureza semelhante.

Na proposta inicial, as turmas da eletiva de *História Local*, iria alimentar um perfil no *Instagram* com cenas de gravações, informações adicionais sobre as histórias contadas, fotografias dos narradores, mas não foi possível de ser executado. Essa experiência me fez refletir sobre a importância de delegar funções durante o planejamento de aulas-oficina e projetos escolares.

³⁶ Criado por Déa Freitas, o programa possui mais de 3 milhões de ouvintes mensais e pode ser categorizado como *podcast* de *storytelling*, que narra histórias com a contribuição dos ouvintes ou da própria criadora.

Importante ressaltar que as eletivas eram apenas uma parte das minhas atividades na instituição, totalizavam 10 (dez) horas, das 40 (quarenta) horas previstas na lotação. Sendo assim, tornou-se rotineiro levar atividades para serem concluídas fora do meu horário de trabalho. Foi possível, por exemplo, fazer a correção e apontamentos dos roteiros dos episódios na escola, mas não a edição. Isso se deveu ao fato de a escola não possuir espaço adequado para o planejamento docente. Atualmente, esse problema foi solucionado na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues com a inauguração de uma sala exclusiva para a realização de planejamentos e reuniões pedagógicas.

Considerando a falta de espaço na escola, foi um obstáculo improvisar um estúdio de gravação silencioso para as gravações dos episódios para o *podcast*. Durante as semanas de gravação, aproveitei o horário da eletiva para realizar essa atividade. Foi feito um acordo com a turma, onde quem não fosse essencial para a gravação permaneceria em sala, enquanto que as demais equipes se encaminhariam para algum espaço silencioso da escola. Deste modo, alguns episódios foram gravados na sala do financeiro, outros na sala da direção, utilizando um fone de ouvidos com gravador de voz acoplado e meu aparelho celular.

Posteriormente, eu era encarregada de fazer a edição dos áudios com o uso de um programa chamado *Audacity*, escolhido por ser mais intuitivo e por ser de acesso gratuito. O programa permitia fazer o isolamento dos ruídos que não interessavam à narrativa, como sons de papéis captados por engano, ou das motos que passavam na rua. Os cortes e a nova sequência das falas eram orientadas seguindo os roteiros elaborados previamente. Depois, novamente em sala de aula, escutávamos coletivamente os áudios “crus”, sem efeitos sonoros, nesses momentos os alunos sugeriam novas alterações nos roteiros.

As ideias trazidas pelos estudantes iam desde as estratégias para criar um clima que provocasse o medo no ouvinte até o reforço de uma ou outra informação da história. Novamente, voltei ao trabalho exaustivo de edição, fiz buscas de áudios gratuitos que contemplassem as sugestões da turma, a plataforma escolhida para baixar os efeitos sonoros foi o *Freesound*, local onde pessoas físicas fazem captações de som e contribuem com a formação de um banco de dados de trilhas sonoras. A plataforma é apresentada em inglês e é preciso ter uma reflexão criativa para buscar sons. O exercício, apesar de dispendioso, é fascinante, pois ver um projeto escolar tomar forma, perceber o envolvimento dos adolescentes, a empolgação ao ver os resultados durante o processo, torna a sala de aula um lugar mais acolhedor para professores e estudantes.

Ao final do semestre, a gestão organizou um momento de compartilhamento dos projetos desenvolvidos nas eletivas. Cada professor preparou uma pequena apresentação com

alguns alunos, relatando, assim, suas experiências durante o semestre e mostraram os resultados. Na eletiva de *História Local*, optamos por apresentar alguns *slides* que continham quatro episódios do *podcast*, contemplando as quatro turmas. Da 1ª série A, o episódio apresentado foi *As botijas de Amontada*, da 1ª série B, o episódio *As alminhas de primeira viagem*, da 1ª série C, o episódio *A esposa perseguida* e da 1ª série D, o episódio *Uma família paranormal*.

Em paralelo às eletivas, diversas outras atividades foram realizadas na escola. Dentre elas, um importante evento que estava em planejamento, o Ceará Científico. A iniciativa da SEDUC-CE tem o objetivo de incentivar práticas de pesquisa nas escolas estaduais. O evento acontece em etapas, sendo cada uma delas eliminatória. A gestão escolar convida inicialmente o corpo docente a desenvolver projetos durante o ano letivo. No início do segundo semestre, é realizada a fase escolar em que são convidados avaliadores externos para atribuírem notas aos projetos e apresentações. Ao final do dia, é escolhido um projeto por área para participar da etapa regional, competindo com outras escolas da CREDE ou SEFOR. No caso da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, Crede 2. Já nas primeiras reuniões de área percebi que esse evento é muito valorizado pelas escolas da região. Portanto, buscando refletir sobre as práticas de pesquisa que já vinha realizando junto aos estudantes, convidei quatro alunos da turma que tinha mais horas-aula³⁷ para desenvolvermos um projeto com as histórias de assombração que estávamos coletando nas eletivas.

Em 2022, o Ceará Científico não possuía determinação de tema, ou seja, professores e estudantes poderiam escolher livremente seus problemas de pesquisa. As áreas para o desenvolvimento de trabalhos determinadas pelo edital eram: Ciências e Engenharias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Educação Ambiental, Educação de Jovens e Adulto (EJA) Médio, Expressões Artístico-Culturais na Pesquisa em Educação Ambiental ou nas demais áreas do conhecimento, Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Pesquisa Júnior (Ensino Fundamental II) e Robótica e Automação e aplicação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Optei por desenvolver um projeto de pesquisa na área de “Expressões Artístico-Culturais”, pois alguns alunos já haviam demonstrado interesse em criar vídeos com as histórias de assombração trabalhadas nas eletivas.

Os eixos descritos no edital para essa categoria eram: poema, música, teatro, dança, artes visuais, curta-metragem e cordel. Os projetos deveriam desenvolver um *banner* ou *release* para a categoria de Expressões Artístico-Culturais, assim como, um caderno de campo

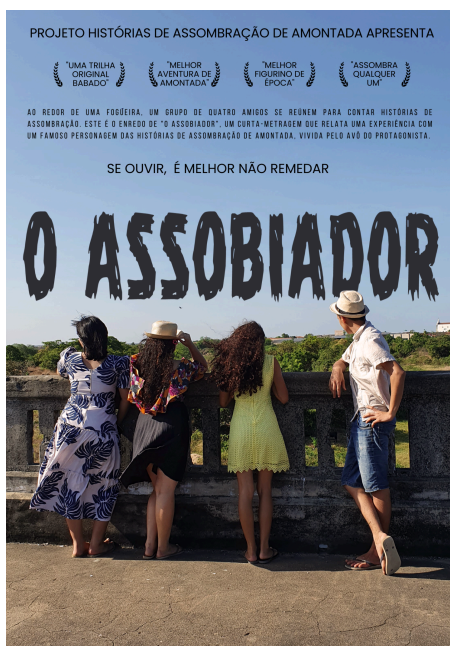
³⁷ Em 2022, eu estava lotada nessa turma como professora de História, Projeto de Vida e eletiva de Ciências Humanas, ou seja, tinha 06 (seis) horas-aula por semana.

apresentando registros do desenvolvimento do projeto. Deveria conter capa, sumário, registro das atividades e anexos.

Em encontros realizados semanalmente no contraturno, uma vez que, os alunos estudavam pela manhã e, como moravam próximos da escola, nós nos reuníamos em tardes específicas para refletir sobre o projeto. Todas as reuniões eram registradas no caderno de campo pela aluna escolhida como relatora, a Sarina Cindy.

Para que os alunos pudessem desenvolver ferramentas para elaborar o roteiro do curta-metragem, convidei o cineasta de terror e sociólogo, Mozart Freire³⁸, que gentilmente conduziu uma oficina prática sobre como estruturar histórias com narrativas envolventes. Eles escolheram contar a história do “Assobiador” - um relato do avô de um dos alunos-pesquisadores, o senhor Norberto Raimundo Magalhães - e os próprios pesquisadores deram vida aos personagens na tela (imagem 01).

Imagem 01 - Cartaz do curta-metragem *O Assobiador*.



Fonte: Elisa Costa, 11. 10. 2022.

A etapa de filmagem foi realizada em duas tardes. No primeiro dia, caminhamos até a beira do Rio Aracatiaçu, onde os alunos fizeram uma pequena fogueira para compor o cenário. Todos os elementos cenográficos foram disponibilizados pelos próprios alunos ou por mim. No segundo dia, as gravações ocorreram em ambiente interno (residência particular) e, posteriormente, na Igreja Matriz. O acesso ao templo, embora estivesse fechado ao público, foi

³⁸ Mozart Freire é mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e possui formação técnica em audiovisual pela Vila das Artes, participou também do Laboratório de Roteiro de Cinema da Escola Porto Iracema das Artes.

viabilizado pelo vínculo de duas integrantes do grupo com a pastoral juvenil local. Ao longo do percurso, percebi que os quatro adolescentes conheciam a vegetação local e que se divertiam ao me apresentar informações sobre suas vivências na cidade.

Na E.E.M. Rita Estelita, havia alguns professores que eram músicos e costumavam tocar nos eventos escolares. Aproveitando a presença na ocasião do amigo Vinícius Mesquita -historiador, músico e produtor cultural - promovi um encontro entre ele, o professor de Geografia Paulo Roberto Ribeiro e o professor Benivaldo Alves, responsável pela biblioteca da escola. Fiz a captura do áudio com o intuito de incluir no filme os improvisos feitos no violão, os assobios e sons tirados da flauta.

Novamente, a etapa da edição foi realizada por mim, com adição dos áudios, das legendas e dos vídeos. O equipamento utilizado foi basicamente o meu celular pessoal e um fone de ouvido com microfone. Reforço que saber delegar é essencial, pois houve momentos em que me sobrecarreguei. No entanto, diante dos desafios enfrentados nessa etapa, a execução direta acabou sendo uma necessidade do momento. Percebi que os estudantes, apesar de muito conectados com os aparelhos celulares, não tinham a mesma intimidade com o uso dos computadores. Além disso, em 2022, o Laboratório Educacional de Informática (LEI) ainda não havia sido reformado e poucas máquinas funcionavam. Essa experiência me ensinou que gerir projetos é, acima de tudo, um exercício de coordenação: exige saber delegar com confiança, liderar equipes e acompanhar todos os processos.

Para a apresentação do curta-metragem durante o evento do Ceará Científico, solicitei a autorização da gestão para que os alunos-pesquisadores pudessem decorar a sala na temática das assombrações, dispondo as cadeiras como nas salas de cinema convencionais. Em reunião com os estudantes envolvidos, nós planejamos a decoração, elaboramos os enfeites e organizamos o espaço cedido para o dia da “estréia” do curta.

No dia da fase escolar do Ceará Científico, duas alunas da equipe percorreram toda a escola distribuindo os ingressos para as sessões de cinema. O evento foi aberto ao público externo, contando com a presença de alunos vindos de outras escolas, familiares dos estudantes e a vizinhança em geral, deste modo, a escola estava cheia de visitantes. Os outros dois alunos-pesquisadores ficaram responsáveis por apresentar as sessões ao público. Dramatizaram o que estava escrito no *release*, inclusive, um deles estava caracterizado de “caveira”. Após a exibição do filme, os visitantes participaram do debate promovido por eles e fizeram diversos comentários sobre a exibição. Muitas pessoas se sentiram à vontade para compartilhar suas próprias histórias de assombração.

Ao final daquele mesmo dia, foi anunciado que o nosso projeto havia sido selecionado para a etapa Regional (imagem 02), que seria realizada na cidade de Itapajé-CE, na Escola Estadual de Educação Profissional (E.E.E.P.) Adriano Nobre.

Imagem 02 - Equipe selecionada para a etapa regional do Ceará Científico 2022.



Fonte: Elisa Costa, 14.10.2022.

Em 04.11.2022, viajamos a Itapajé-CE para participar do evento, acompanhados por alunos e professores de projetos selecionados que representaram as demais áreas do conhecimento. O percurso de cerca de 70 km foi realizado com ônibus cedido pela Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 2 – Itapipoca). Os alunos estavam animados e ansiosos por participar de um evento externo. Chamou a nossa atenção, desde a chegada no local, que a estrutura da escola profissionalizante que nos acolhia, com a planta padrão MEC, era bastante diferente da nossa instituição de origem.

A E.E.M. Rita Estelita estava com a estrutura metálica do teto da quadra esportiva condenada por causa da corrosão, as salas de aula eram em sua maioria sem ar-condicionado, faltava fôrro, as telhas ficavam expostas. Quando chovia, apareciam goteiras. O calor, principalmente no turno da tarde, tornava as salas desconfortáveis. A escola não possuía auditório, o pátio era utilizado de forma improvisada em momentos necessários, para receber palestrantes, por exemplo, além de não haver refeitório.

O contraste foi percebido e comentado entre os alunos. Fomos recebidos com apresentações artísticas no ginásio, era um evento oficial e de grande porte. Todas as escolas da Rede (Crede 2) poderiam enviar participantes. Ao longo do dia as apresentações foram

ocorrendo em vários espaços da escola, e o ambiente destinado à categoria “Expressões Artístico-Culturais” foi o auditório.

O grupo de alunos-pesquisadores havia ensaiado uma fala de apresentação, foram devidamente caracterizados com as camisas com a logomarca do projeto. No auditório, com as luzes apagadas, eles entraram carregando pequenos lampiões pretos com luzes de *led* dentro, e apresentaram o *release* do projeto. Em seguida, exibiram o curta-metragem *O Assobiador*. O projeto ficou classificado em terceiro lugar na categoria. As equipes escolhidas seguiram para a etapa Estadual que se realizaria na capital cearense.

No ano de 2023, o Ceará Científico sofreu algumas alterações. Os projetos de pesquisa deveriam se adequar a um tema determinado pelo edital, em diálogo com o tema do ano letivo que guia as ações da SEDUC. Além disso, a categoria “Expressões Artístico-Culturais” foi suprimida do evento. Desde então, as manifestações artísticas são contempladas pelo *Festival Alunos que Inspiram*³⁹, que já existia desde 2016, ocorrendo no primeiro semestre do ano letivo.

Ainda naquele mesmo ano, a fase regional do Ceará Científico passou por uma transformação intensa. Anteriormente, todas as escolas que desenvolvessem projetos poderiam participar, mas desde 2023 a organização do evento criou uma etapa *online* que seleciona apenas três projetos por categoria de toda a Crede ou Sefor. A avaliação é realizada a partir de um vídeo da apresentação do trabalho de pesquisa produzido pelos alunos e carregado no sistema da Seduc pela gestão escolar.

Diante das transformações do Ceará Científico, o grupo de alunos foi se sentindo desmotivados a participar das pesquisas. Primeiramente, em relação à delimitação prévia de um tema, ainda que as temáticas escolhidas pela secretaria sejam de extrema relevância social⁴⁰, acabam por enquadrar o desenvolvimento de pesquisas científicas à demanda da Seduc, diminuindo a diversidade de projetos e temas.

Em segundo lugar, a exclusão das expressões artísticas do evento científico revela uma concepção de que nas produções de arte não existem pesquisas. Ainda que a Secretaria de Educação tenha destinado o *Festival Alunos que Inspiram* para os trabalhos artísticos, se compararmos os editais do ano de 2023, da VII edição do festival e do Programa Ceará Científico: Mais Solidário, Mais Cooperativo do, é possível observar que enquanto o Ceará Científico valoriza todas as etapas de pesquisa, contemplando desde a elaboração do projeto,

³⁹ O *Festival Alunos que Inspiram* é uma iniciativa da SEDUC-CE desde 2016 que visa incentivar e divulgar a produção artística de estudantes da rede estadual.

⁴⁰ Em 2023, com o tema “Educação científica e as relações étnico-raciais”, em 2024, “Equidade de gênero e proteção às mulheres” e, em 2025, “Saberes científicos em tempos de crise climática global”.

explicitando critérios de avaliação, o outro evento considera somente o produto final. Contribuiu, por fim, para o desinteresse do nosso coletivo, o fato de os trabalhos selecionados para a etapa regional serem apresentados remotamente, suprimindo dessa forma as possibilidades de intercâmbio entre escolas de municípios vizinhos. Nesse cenário, não foi possível continuar o desenvolvimento do projeto *Histórias de Assombração de Amontada: uma pesquisa da tradição oral em linguagem audiovisual*.

No segundo semestre de 2024, ofertei novamente a eletiva de *História Local*, dessa vez com o planejamento focado nas pesquisas em torno das histórias de assombração da cidade. A E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues havia criado estratégias para promover uma logística que viabilizasse a enturmação das turmas nos horários previstos para as disciplinas eletivas, portanto, cada aluno agora poderia escolher o tema que mais lhe interesse. Em 2024, constava no currículo do Novo Ensino Médio as turmas de 1ª e 2ª série para desenvolver eletivas. Fui lotada em uma turma de 1ª série da tarde, com alunos de turmas diversas, conforme a preferência do inscrito, assim como, em duas turmas da 2ª série.

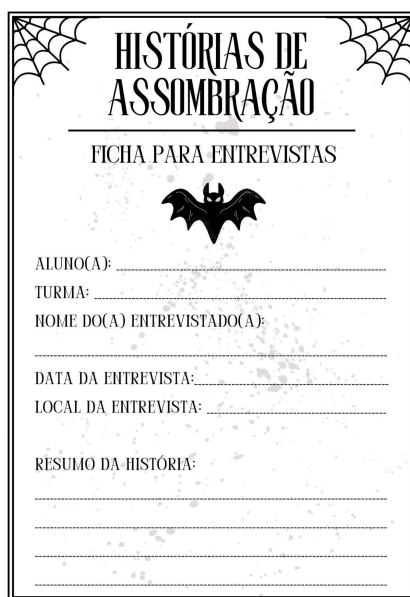
As aulas começaram em agosto, desde o início tínhamos a intenção de realizar a segunda temporada do *podcast Histórias de Assombração de Amontada*. Muitos dos alunos já haviam escutado o programa e estavam empolgados para participar da disciplina. Metodologicamente, resolvi recriar uma oficina de história de vida que participei durante uma formação do movimento Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE), na comunidade rural de Cipó, município de Pentecoste⁴¹. Escolhi essa metodologia porque as turmas eram novas e os alunos ainda não tinham proximidade ou convivência diária.

Durante a oficina, a turma foi dividida em trios escolhidos por mim, cada sujeito teria cinco minutos cronometrados, para dividir entre o grupo a sua história de vida, tudo aquilo que ele considerasse relevante compartilhar. Terminada essa etapa, os trios compuseram um grande círculo onde cada um deveria contar a história do seu colega de equipe, de modo que toda a turma teve a oportunidade de ser ouvida e de ter sua história de vida contada. A ideia com essa oficina era sensibilizar os alunos para a importância de ouvir o outro e como é uma tarefa de máxima responsabilidade contar a história de vida de alguém.

Em outro momento, enquanto promovíamos uma reflexão sobre o tema do medo com a turma, entreguei uma folha, tamanho A4, com o desenho de um morcego no centro, cada

⁴¹ Em 2023, a Crede 2 convidou professores interessados em participar de uma formação de três dias na escola do movimento PRECE, em virtude de uma parceria com a SEDUC-CE. Durante a formação, nós, professores, entramos em contato com a metodologia da aprendizagem cooperativa que promove um espaço de aprendizagem em sala de aula a partir do trabalho em grupos cooperativos. A E.E.E.P. Alan Pinho Tabosa, no município de Pentecoste-CE, funciona a partir da implementação desse método.

Imagem 04 - Ficha produzida para as entrevistas.



HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO

FICHA PARA ENTREVISTAS



ALUNO(A): _____

TURMA: _____

NOME DO(A) ENTREVISTADO(A): _____

DATA DA ENTREVISTA: _____

LOCAL DA ENTREVISTA: _____

RESUMO DA HISTÓRIA:

Fonte: Elisa Costa, 10.09.2024.

Vale salientar as dificuldades para receber essas fichas preenchidas após as entrevistas, isso se deve ao fato de que os alunos, por vezes, perdiam as cópias, esqueciam em casa ou simplesmente não queriam escrever um resumo da história coletada. Embora eu tenha negociado a atribuição de nota para as entregas, o problema foi recorrente.

Agendamos uma aula específica para a contação de histórias no pátio da escola, mantivemos o formato de círculo durante o encontro. Todos tiveram a oportunidade de contar para os colegas como havia sido a experiência da entrevista e narraram a história de assombração colhida. As vivências foram bem distintas umas das outras, alguns alunos demonstravam dificuldade para socializar a experiência em público, nestes casos, o incentivo dado pelos colegas foi fundamental para que compartilhassem. Diferentemente de outros estudantes que se sentiram mais confortáveis para narrar mais de uma história. Apesar de essa oficina já ter sido ministrada em 2022 com outras turmas, desta vez adicionei um elemento novo: o uso do gravador. À medida que os alunos compartilhavam seus relatos, eles passavam meu celular com o gravador de áudio ligado para realizar o registro.

O registro em áudio da oficina foi fundamental para documentar o processo, pois em seguida realizei a transcrição dos áudios com auxílio uma de ferramenta que acelerou esse trabalho, à época ela estava disponível de forma gratuita, *Clipto*. Organizei o texto para que, posteriormente, as falas pudessem ser trabalhadas em sala com o intuito de elaborar os roteiros para o novo *podcast*.

Após a realização das oficinas de contação, promovi atividades de leitura de contos de assombração para serem feitas em grupos menores. Selecionei diversas histórias presentes nos

livros: *Histórias de Assombração do Aracati* (Pereira Filho, 2016); *Assombrações do Recife Velho* (Freyre, 2008); *Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto* (Xavier, 2021) e *Clássicos japoneses sobrenaturais* (Smith, 2023). Todas as leituras escolhidas possuíam propositalmente um tema em comum - contos sobre procissões fantasmas, ou que tivessem lobisomens como personagens, para citar alguns exemplos. Formamos ao todo quatro equipes, cada uma delas recebeu cópias dos textos. Os grupos deveriam realizar a leitura coletiva do texto e juntos identificar elementos naquela narrativa, tais como: onde a história acontece, quem narra, nome do autor e etc. O objetivo dessa oficina era ampliar o vocabulário e o repertório oferecendo subsídios para que eles pudessem escrever seus próprios roteiros com maior apropriação.

Nos encontros posteriores, cada uma das três turmas selecionou, dentre as histórias de assombração apresentadas em oficina pelos colegas, quais delas seriam transformadas em episódios de *podcast*. Em equipes, os alunos se debruçaram no trabalho de elaboração de escrita do texto base, pensaram no título a ser utilizado, quem faria a narração dos contos e quais os efeitos sonoros poderiam auxiliar na ambientação dos episódios.

A plataforma escolhida para fazer o *upload* do *podcast* *Histórias de Assombração de Amontada* foi o *Spotify*, por ser uma ferramenta gratuita e popularizada entre os alunos. Na plataforma é possível adicionar uma capa diferente para cada episódio o que, por sua vez, me impeliu a incentivá-los a criar imagens para representar o tema escolhido na eletiva. Apresentei a proposta para as três turmas e os alunos acataram a ideia. Busquei referências de ensaios fotográficos na plataforma de descoberta visual *Pinterest* e apresentei para os estudantes. A partir disso, além da escrita do roteiro do episódio, as equipes também planejaram como seria a capa de cada um dos produtos.

A elaboração da capa envolveu os elementos que eles gostariam que estivessem na imagem, quem seria responsável por levar cada objeto cenográfico para a escola no dia do ensaio, se algum estudante posaria para a foto, solicitei apenas que evitassem fotografar seus rostos para que não fossem identificados, pois isso implicaria na necessária assinatura de um termo de cessão de uso de imagem por parte dos responsáveis por cada adolescente.

Deste modo, reservamos para o horário da eletiva o ensaio fotográfico. No dia marcado, levei uma *ring light* (anel de luz) que consegui emprestada e um tecido preto que os alunos amarraram no quadro da sala para servir de fundo. As fotografias foram produzidas a partir do planejamento das equipes, que definiram os detalhes da própria caracterização, enquanto os registros foram feitos por mim em uma câmera analógica. Infelizmente o resultado não saiu como o esperado por conta da baixa iluminação, por este motivo, recorri à edição das fotos no celular através do *Adobe Lightroom* para recuperar os detalhes capturados nas imagens.

Para a gravação dos áudios, assim como na experiência de 2022, enfrentamos o desafio de encontrar um espaço silencioso na escola. Devido a dinâmica escolar, cada dia de gravação era uma aventura em busca de um lugar propício (sala de aula vazia, laboratório de informática, sala do financeiro da escola). A edição dos episódios ficou sob minha responsabilidade exclusiva o que, em retrospectiva, avalio que limitou a participação dos alunos em uma etapa importante do processo e também me sobrecarregou.

Devido a sobreposição das demandas escolares, das disciplinas do Profhistória e a escrita da dissertação, a conclusão da segunda temporada do *podcast* não foi possível. Ao final da eletiva, fizemos o lançamento do episódio 1, intitulado - *A Chorona*, idealizado e produzido pela turma da 2ª série, turno manhã.

A partir de 2025, deixei de atuar no município de Amontada e passei a integrar o corpo docente da E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, localizada no bairro Conjunto Ceará⁴², em Fortaleza. À época a escola era regular, funcionando em dois turnos, somente em 2026 ela iniciou a transição para o tempo integral⁴³.

Atualmente, ministro aulas de História, Geografia, Sociologia e Projeto de Vida para as três séries do Ensino Médio. A rotina escolar exige múltiplos planejamentos, para além das diversas atividades que desempenho no dia a dia da instituição, tais como: o desenvolvimento de projetos e olimpíadas científicas. Diante deste cenário, realizei um pequeno projeto de histórias de assombração nas turmas que possuíam maior carga-horária, na 2ª série. Cada aluno deveria entrevistar um familiar em busca de uma história de assombração do bairro Conjunto Ceará e, em sala de aula, compartilhar com os colegas.

No dia previsto para a socialização das histórias, observei que o engajamento foi pouco. Em uma turma de 40 (quarenta) alunos, cerca de 5 (cinco) tinham realizado as entrevistas. Então, após uma conversa e reavaliação feita com as turmas para saber do real interesse em realizar a atividade, remarcamos para a semana seguinte. Na data combinada, levei as turmas para o ginásio da escola, sentamos em roda e quem se sentisse confortável compartilhava sua

⁴² O bairro Conjunto Ceará está localizado no sudoeste da capital cearense, na divisa com o município de Caucaia. O Conjunto Ceará foi instituído enquanto bairro a partir do conjunto habitacional estabelecido no território em 1970, tornando-se bairro em 1989. Para mais informações, ver: SOUSA, E. T. O. Política habitacional brasileira e construção do lugar: o caso do Conjunto Ceará - Fortaleza - Ce. **Revista GeoUECE** - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE, Fortaleza/CE, n. esp., p. 89-106, dez.2014. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE>

⁴³ O governador do Estado do Ceará, Elmano de Freitas, tem como principal pauta para a pasta da educação a integralização completa do ensino médio. O ano letivo de 2024 foi iniciado com 75% das escolas estaduais integralizadas. Fonte: CEARÁ inicia ano letivo de 2024 com 75% das escolas estaduais em tempo integral, anuncia governador. **Portal do Governo do Estado do Ceará**, Fortaleza, 24. jan. 2024. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2024/01/24/ceara-inicia-ano-letivo-de-2024-com-75-das-escolas-estaduais-em-tempo-integral-anuncia-governador/>. Acesso em: 28. abr. 2026.

história. Novamente usei o meu celular como gravador e os alunos passaram o aparelho enquanto narravam as histórias coletadas.

Destaco duas experiências interessantes dessas oficinas: a primeira ocorreu na turma da tarde, onde deixei o grupo livre para quem quisesse contar a história coletada, porém poucos alunos ficaram confortáveis para falar. Quando todos terminaram, resolvi contar a experiência relatada pelo Prof. Dr. Edmilson Alves Maia Júnior durante a banca de qualificação desta pesquisa⁴⁴. O professor viveu sua infância no bairro Conjunto Ceará e compartilhou que a assombração pernambucana “Perna Cabeluda”⁴⁵ teve sua passagem por lá nos anos de 1990. A minha participação na atividade despertou a vontade de vários alunos que estavam tímidos. Em alguns casos, eles informaram que não conseguiram histórias do bairro, pois não viviam lá, ou haviam se mudado recentemente. Isso me fez refletir sobre a noção de lugar para aquele grupo, a escola atende a uma região muito maior do que o bairro, inclusive alunos do município vizinho, Caucaia-Ce.

A segunda experiência foi com um aluno trans e autista da turma da manhã que não se sente confortável em falar em público, mas que de forma espontânea quis compartilhar a história de assombração que sua avó havia contado. Interessante a interpretação que ele teve do que é uma assombração, pois o relato se tratava de uma experiência de violência que a avó havia sofrido em um baile quando era jovem, quando foi obrigada a dançar com um homem que a ameaçou com uma faca guardada no cós da calça. Quando perguntei se, por acaso, aquele homem era um fantasma, ele respondeu: “Era um homem de carne e osso... Eu acho que as coisas mais assustadoras que existem são as ações de pessoas que existem mesmo” (COSTA, Elisa. Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará. Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 01. out. 2025. Aula de História).

Junto ao planejamento das entrevistas, pedi que os alunos respondessem a um questionário do *Google Forms* para que pudessem dar mais detalhes sobre o entrevistado e sobre a localização da história de assombração coletada. Os dados recolhidos foram processados em sala de aula para elaboração de um Mapa das Assombrações⁴⁶, desenvolvido por meio da plataforma *Mapcreator*. Projetei o mapa da cidade de Fortaleza no quadro e cada aluno indicava um endereço da cidade para demarcar onde a sua história havia ocorrido. A

⁴⁴ ALVES JÚNIOR, Edmilson. A Perna Cabeluda. **Blog do Pacote**, 2021. Disponível em: <https://pacotedetextos.com/blog/contos/2021/04/09/conto-4-blog-do-pacote-a-perna-cabeluda-por-edmilson-alves-maia-junior/>. Acesso em: 29/04/2026.

⁴⁵ A Perna Cabeluda é uma assombração recifense que se refere a uma “perna saltitante” que ataca pessoas. Retratada na canção “*Banditismo por uma questão de classe*” de Chico Science e Nação Zumbi, e personagem do longa-metragem “*O Agente Secreto*”, indicado ao Oscar de 2026.

⁴⁶ Os dois Mapas das Assombrações será apresentado no tópico a seguir.

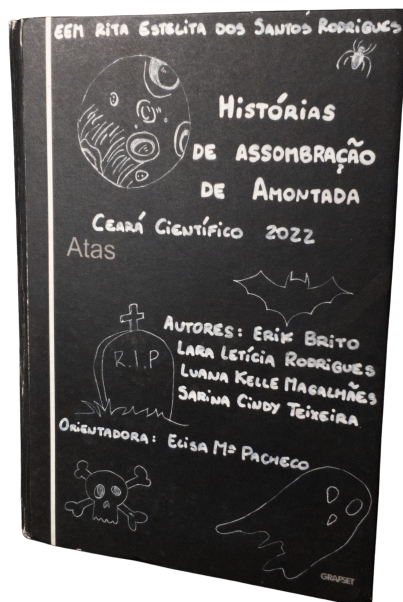
intenção com a atividade era montar uma exposição na biblioteca da escola, aproveitando o mês de outubro e as comemorações do Dia das Bruxas, para compartilhar as histórias coletadas pelos alunos, utilizando o mapa como recurso visual, mas, infelizmente, não foi possível realizar conforme o planejamento inicial, pois me afastei em licença para a conclusão da redação da dissertação.

4.2 Formas de contar uma história de assombração

Durante o desenvolvimento do projeto *Histórias de Assombração de Amontada: uma pesquisa da tradição oral em linguagem audiovisual* para o Ceará Científico de 2022, dois produtos foram gerados como materialização da pesquisa: o caderno de campo e o curta-metragem *O Assobiador*⁴⁷.

O caderno de campo (imagem 05) foi elaborado de forma manuscrita pela aluna-pesquisadora Sarina Cindy e reúne a justificativa e contextualização do projeto, bem como, o objetivo geral, os objetivos específicos, a fundamentação teórica, a metodologia e o cronograma de execução da pesquisa.

Imagem 05 - Caderno de campo para o Ceará Científico 2022.



Fonte: Elisa Costa, 14.10.2022.

⁴⁷ Durante a escrita da dissertação tomei conhecimento de um curta-metragem com o mesmo título, lançado em 2016 pela Preá Cine. Fonte: RODRIGUES, Rubens. **Moradores da Praia do Preá produzem “O Assobiador”, filme de assombração com humor**. Fora da Ordem, Fortaleza, 08. jul. 2019. Disponível em: <<https://blogs.opovo.com.br/foradaordem/2019/07/08/moradores-da-praia-do-prea-produzem-o-assobiador-filme-de-assombracao-com-humor/>>. Acesso em: 29. abr. 2026.

Há uma seção destinada à perspectiva dos autores, na qual a relatora afirma: “O projeto *histórias de assombração de Amontada* está sendo beneficente tanto para a nossa vida escolar, quanto para preservar um patrimônio histórico que são as lendas da nossa cidade. É de suma importância manter em registros algo que possamos lembrar as nossas origens”. Outra aluna escreveu: “Pude aprender mais sobre a história do nosso município” (Brito; Magalhães; Teixeira; Rodrigues. **Caderno de campo**: histórias de assombração de Amontada. Caderno de campo (manuscrito). Amontada, 2022). O caderno de campo contém, ainda, o *release* da apresentação, o relato das reuniões e os dias de gravação, os *stills*⁴⁸ do curta-metragem e as fotografias dos bastidores, com comentários escritos pelos estudantes.

Durante as reuniões do grupo de pesquisa, os quatro estudantes optaram por conversar com seus avós em busca de histórias de assombração. A intimidade foi o principal argumento, mas também a disponibilidade dos idosos para conversar e contar histórias.

Após a coleta das entrevistas, os alunos reunidos na escola narraram as experiências e histórias identificadas. Dentre as narrativas, escolhemos uma contada pelo avô do estudante Erik Brito, o único rapaz do grupo, por considerarem interessante a presença de uma personagem famosa nas histórias de assombração da cidade, conhecida como “Assobiador”⁴⁹.

O entrevistado foi o senhor Norberto Raimundo Magalhães, conhecido como Filho, de 69 anos, um homem que gosta de contar histórias, conforme descrito por seu neto. Agricultor, mas atualmente trabalha como condutor de uma carroça de fretes, fazendo as mudanças dos casais que se divorciaram na cidade. Essa é a maneira brincalhona que explica seu ofício⁵⁰.

Escolhida a narrativa de assombração, os estudantes passaram por uma oficina formativa sobre escrita de roteiros. Na sequência eles puderam elaborar um roteiro simples de curta-metragem baseado na história contada pelo Sr. Norberto, planejaram onde se dariam as locações, quais os figurinos, os materiais necessários e toda a logística de gravação que duraria 03 (três) dias, conforme apresentado no capítulo anterior.

O *podcast Histórias de Assombração de Amontada*⁵¹ possui nove episódios postados na plataforma *Spotify*, com os títulos: *A esposa perseguida*, *As alminhas de primeira viagem*, *As botijas de Amontada*, *Uma família paranormal*, *A casa assombrada do Poço Comprido*, *O*

⁴⁸ *Stills* são fotografias retiradas de fragmentos de um vídeo.

⁴⁹ Vídeo elaborado para a segunda etapa do Ceará Científico: ASSOMBRAÇÕES DE AMONTADA. **Histórias de Assombração de Amontada | Ceará Científico 2022**. Youtube, 19. out. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i-lCmR2JOCA>>. Acesso em: 29. abr. 2026. Link para acesso ao curta-metragem: ASSOMBRAÇÕES DE AMONTADA. **O Assobiador**. Youtube, 16. out. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4UqM4f7JVz8&t=1s>>. Acesso em: 29. abr. 2026.

⁵⁰ Entrevista concedida pelo Sr. Norberto Raimundo Magalhães ao aluno Erik Brito, em 12.03.2024.

⁵¹ COSTA, Elisa. História de Assombração de Amontada. *Spotify*, data. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/5sE0ekw57TOHToUBYvbWYk?si=20c73cb8c36e4fd9>>. Acesso em: 29. abr. 2026.

caçador assombrado, *A fogueira de São João*, *A Chorona* e *A cachorra mole*. Os episódios seguem a mesma estrutura: iniciam com a vinheta do *podcast*, em seguida o narrador se apresenta informando quem contou aquela história e, por fim, narra o relato de assombração com efeitos sonoros que ambientam o enredo assombrado. Todas as histórias citam os lugares, os hábitos e as crenças da cidade de Amontada.

Analisarei, a seguir, trechos dos episódios em que há relatos de assombração. O primeiro episódio, intitulado *A esposa perseguida*, apresenta a seguinte narrativa:

Havia uma mulher que morava perto da Rádio Aracatiaçu FM. Ela sempre ia deixar o almoço de seu marido por uma pequena estrada que ligava a rádio ao trabalho do seu esposo e quase sempre, ao longo do percurso, tinha a sensação de estar sendo perseguida por um bicho. Toda vez que chegava em casa após o dia de trabalho, ela contava ao seu marido sobre seu mal-estar de estar sendo perseguida e ele dizia: “Deixa de besteira, mulher. Tu tá é vendo coisa!”. Mas um certo dia, ela o acompanhou até o seu trabalho e, no meio do caminho, seu marido sentiu vontade de fazer necessidades. Dizendo que não iria aguentar chegar no trabalho ele entrou no mato. Segundos depois, um bicho apareceu e começou a persegui-la, mas ela conseguiu escapar subindo num pé de eucalipto. Durante a fuga, o bicho ainda conseguiu arrancar um pedaço do seu vestido. Após o sufoco, ela desceu da árvore, reencontrou com seu marido e perguntou indignada: “Onde você estava, homem! O bicho quase que me pega!”. Ao que ele respondeu rapidamente: “Lá vem tu com essas conversas de novo, mulher.” No dia seguinte, enquanto ela catava piolho do seu marido, a mulher viu o pedaço de seu vestido na boca dele. Ela pegou a faca que estava usando para matar as lêndeas e cortou seu pescoço (COSTA, Elisa. *A esposa perseguida*. **História de Assombração de Amontada**. *Spotify*, 25. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4Qutv0pX8r1FVygj7BoAAE>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Essa história de assombração apresenta elementos do cotidiano de Amontada, como o marcador da rádio local, como ponto de referência. É curiosa a escolha da espécie de árvore figurada no relato, pois o eucalipto não é uma planta da região e, apesar de ser amplamente utilizada na indústria nacional, causa sérios impactos ambientais.

Ouvi muitos relatos de lobisomens em Amontada. Esse “monstro” está presente no imaginário local, mas também em diferentes partes do mundo. No Brasil, a superstição informa que um homem pode se transmutar por dois motivos: por ser o sétimo filho gerado por um casal, ou por manterem relações incestuosas (Cascudo, 1983). A condição pode ser igualmente transmitida através da mordida de um lobisomem, ou ser herdada de pai ou avô (Simas, 2024).

No segundo episódio, intitulado *As alminhas de primeira viagem*, a narradora relata a história da sua bisavó:

Antigamente, aqui em Amontada, o acesso à água era escasso. Era preciso andar até o Rio Aracatiaçu para buscar água. Minha bisavó fazia sempre o mesmo caminho, cruzando o grande descampado. Em um dia aparentemente comum, passando pelo campo, ela vê três amontoados de pedras, cada um com uma cruz em cima. Ela muito curiosa desempilhar as pedras, revelando o corpinho de um bebê recém-nascido.

Segundo a crença popular, quando uma criança não-batizada morre, ela não pode ser enterrada num cemitério comum. Por isso, são enterrados em qualquer local. E como a minha bisa as desenterrou, ela ficou com a missão de batizá-los, e passou a ser atormentada por essas alminhas. Um dia, visitando sua filha, minha vó, ela pediu um pouco de algodão para tapar os ouvidos dos barulhos que as estavam incomodando. Foi nesse dia que ela falou que já ouvia há anos o choro das crianças pedindo para serem batizadas (COSTA, Elisa. As alminhas de primeira viagem. **História de Assombração de Amontada**. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0lV4rOaaKQuGjz9C5nQ6Il>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

No início do relato, são apresentadas as transformações urbanas ocorridas na cidade de Amontada, sobretudo quanto ao acesso à água, que anteriormente era obtida no Rio Aracatiaçu.

O historiador Cícero Joaquim dos Santos (2017), em sua tese de doutorado *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*, investiga narrativas orais sobre os mortos, em especial as aparições de teor sobrenatural. Ao investigar a tradição que envolve o sepultamento de crianças em matos ou cruzeiros em beira de estrada, surgem muitos depoimentos das crenças populares sobre a morte de crianças, chamadas de “anjinhas”. Na crença do Cariri e da tradição medieval católica, esses mortos não possuem pecado e, portanto, estão destinados a irem para o céu.

Entretanto, existe uma zona de incerteza quando se trata de bebês que não foram batizados. Caso tenham falecido sem ter se alimentado, nem mesmo do leite materno, os bebês são considerados “anjos serafins” e vão direto para o céu. Do contrário, os anjinhas, após enterrados, manifestam-se aos vivos por meio de um choro sobrenatural, o que indica que estão pedindo para serem “salvos”. Alguns entrevistados apontam ritos para batizar as crianças que faleceram sem o batismo (Santos, 2017). A partir dessas informações, é possível inferir que a bisavó da narradora, provavelmente, seguiu sendo atormentada pelo choro das criancinhas, uma vez que não havia sido realizado o rito do batismo dos “anjinhas pagãos”.

O terceiro episódio, *As botijas de Amontada*, se trata de uma narrativa mais informativa, sobre um tipo comum de assombração da região:

As botijas são jarros, potes, entre outros recipientes que antigamente eram usados para guardar objetos de valor, como dinheiro, joias, itens de ouro, dentre outras riquezas, eram enterradas e muitas delas se perdiam. Após a morte do dono de alguma botija, se estivessem perdidas, a alma do tal não teria descanso e ele seria destinado a encontrar alguém vivo para desenterrá-la. Através de sonhos, as almas se comunicavam e instruíam ao vivo onde se encontrava as botijas e pedia para que ele mantivesse segredo, caso contrário todos os tesouros seriam imediatamente transformados em carvão. Ao ir atrás das botijas, chegando no local, coisas estranhas surgiam para espantar quem fosse desenterrá-las. O que tornava mais assustador era o fato de ter que ir à noite. Ultimamente acabaram-se as botijas, pois o método de guardar dinheiro fora substituído e as que existiam foram encontradas. Se você tem esperanças de encontrar uma botija, lembre-se, mantenha em sigilo, ou então seu precioso tesouro se tornará carvão (COSTA, Elisa. As botijas de Amontada. **História de Assombração de**

Amontada. *Spotify*, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4ZRorIBBgRrUrrxpt6EKUi>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Ao optarem por produzir um episódio sobre um tipo de assombração, e não propriamente um caso em específico, os alunos evidenciam a abundância de histórias, em Amontada, de narrativas acerca de tesouros escondidos revelados por fantasmas, chamados botijas. Como dissemos, Cipriano (2010) entende as botijas como artefatos histórico-culturais, por meio dos quais são expressos aspectos fantásticos do universo daqueles que contam. Ao redor do Brasil, as histórias de tesouros escondidos em potes podem aparecer ligadas aos jesuítas, aos holandeses, aos cangaceiros, ou a sítios arqueológicos nas regiões de mineração.

O quarto episódio, *Uma família paranormal*, apresenta um acontecimento familiar:

Certo dia, numa casa solitária, viviam três irmãos e duas irmãs. A casa era muito estranha, pois lá aconteciam coisas que nenhum dos irmãos sabiam explicar. Numa manhã em que não tinham mistura para o almoço, resolveram, com muita dó, sacrificar a galinhazinha preta que criavam em casa. Acontece que essa galinha era choca e dizem que não se pode matar, mesmo que ela não tivesse ovos para chocar no momento. Para não morrer de fome, eles tiveram que matar a galinha. Fizeram o almoço, comeram e, quando deu 1 hora da tarde, eles ouviram cacarejos no canto da parede, local que ela ficava e sempre cantava no mesmo horário. Também escutaram pancadas nas panelas. Vários outros eventos estranhos passaram a acontecer, e já não suportando, resolveram tomar uma atitude: colocaram um cigarro aceso e uma garrafa de cachaça sobre a mesa e, quando eles deram fê, a garrafa estavam com o líquido pela metade e do cigarro restava apenas a pontinha acesa. Já não aguentando mais tantos acontecimentos sobrenaturais, os irmãos resolveram abandonar aquele lugar. Marcaram o dia da mudança e, no fatídico dia, ao saírem da casa, viram uma sombra escura e tenebrosa entrando no lugar que chamaram de lar por tantos anos. (COSTA, Elisa. Uma família paranormal. **História de Assombração de Amontada.** *Spotify*, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0h7uYO1cUA2YHrggX9jJL7>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

A crença de que consumir uma galinha poedeira faz mal não somente para o corpo⁵², mas também atrai assombrações, indica uma relação entre a alimentação e o sobrenatural. Como já citado, é através do alimento que os espíritos entram em contato com o pecado (Santos, 2017). Ainda sobre a conexão entre a alimentação e o sobrenatural, Santos analisa que:

[...] o alimento foi imerso numa rede de relações culturais complexas marcadas por seleções, prescrições e restrições, cujo equilíbrio da vida coloca em cena a posição central da comida como um elemento que estabelece os liames entre as esferas material e espiritual. Destarte, em outras culturas não cristãs, o alimento pode carregar

⁵² Não encontrei na literatura consultada nada que confirme a restrição ao consumo de galinhas que chocam. Em contrapartida, criadores de aves informam em diferentes canais do *Youtube* que é seguro, negando efeitos colaterais como febre ou queda de cabelo.. Fonte: MATOS, Rodrigo. Pode comer galinha choca? O que acontece? **Mundo Caipira.** *Youtube*, 17. set. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/PkIQUb4ShYA?si=SNU4_Ls9ZFBS3eGb>. Acesso em: 29. abr. 2026.

espíritos malignos para o interior dos corpos, como Chiara Vangelista e Claude Lévi-Strauss registraram (Santos, 2027, p. 68).

O ovo, ainda, é símbolo de prosperidade para muitas culturas, representa a unidade primeira de criação do mundo nas cosmogonias chinesa, grega, fenícia, hindu, celta, dentre outras (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Logo, comer uma galinha “choca” pode significar simbolicamente o fim da possibilidade de multiplicação da vida.

No quinto episódio, *A casa assombrada do Poço Comprido*, um evento estranho é relatado:

Era o ano de 1966 quando um casal se mudou para uma casa localizada num interiorzinho chamado Poço Comprido. Tudo ia bem até que depois de um mês vivendo lá, começaram a ouvir barulhos estranhos, como gemidos e sons de panelas batendo vindos do chão. A princípio, os dois acharam que eram os vizinhos, mas as coisas foram ficando cada vez mais estranhas. Certo dia, a esposa viu uma substância vermelha esquisita e viscosa escorrendo pela parede da cozinha. O marido tentou acalmar a esposa, dizendo que provavelmente era uma tinta antiga reaparecendo. Somente quando o fenômeno começou a acontecer em outros cômodos da casa que os dois decidiram chamar a polícia. A investigação chegou a uma conclusão assustadora: não era tinta, mas sangue humano! O casal então decidiu passar uma semana fora de casa para desopilar e desenvolver um plano. Espalharam farinha pelo chão de todos os cômodos na tentativa de marcar pegadas de alguém. Quando voltaram, no entanto, não encontraram nenhuma pegada, somente todas as paredes manchadas de sangue. Resolveram chamar um padre que deu o veredito final: tratava-se de uma obra demoníaca e a casa deveria ser demolida o quanto antes. Quando a casa veio abaixo, foram descobertos corpos de mais de 50 pessoas (COSTA, Elisa. *A casa assombrada do Poço Comprido. História de Assombração de Amontada*. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7tQISlvpBnffilQ7Yp5ejo>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Frequentemente, histórias de assombração são narradas a partir de experiências traumáticas, ligadas a espaços arquitetônicos em ruínas ou ausentes (Gabriel, 2020).

No sexto episódio, intitulado *O caçador assombrado*, os alunos apresentam uma personagem do bestiário amontadense:

Certa vez, meu vô estava conversando com um amigo sobre a sua juventude. Falava que era um ótimo caçador e se divertia contando suas histórias. Uma dessas histórias era sobre um amigo que quase todas as noites caçava com ele, mas tinha maus hábitos. Comia com as mãos, não tomava banho, não fazia as necessidades no banheiro, tinha as unhas grandes e vivia quase sempre solitário. Nas noites que saíam para caçar juntos, misteriosamente nunca encontravam nenhum bicho, mas quando meu avô resolvia ir sozinho, sempre encontrava caça. Em uma das noites que ele decidiu ir só, encontrou um tatu-peba. Acertou um tiro no peito do animal e o levou para casa. Quando acordou no dia seguinte, a casa estava toda bagunçada como se um animal tivesse passado por ali, havia rastros de sangue pelo chão. Vovô seguiu o caminho de sangue até a mata, onde encontrou seu amigo morto, ferido com um tiro no peito. Correu para casa assustado e, chegando lá, notou que o tatu que ele havia caçado não estava mais lá (COSTA, Elisa. *O caçador assombrado. História de Assombração de Amontada*. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0uoSBxROvIE4UkZHLAAXIz>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Algumas assombrações brasileiras são apresentadas como protetoras das matas, rios e animais, a exemplo disso podemos citar o “Curupira” - espírito da mata. Ao que parece, o “tatu-homem”, personagem narrado nesse episódio, se encaixa no rol de espíritos guardiões da natureza.

O sétimo episódio, chamado *A fogueira de São João*, apresenta uma experiência com um lobisomem:

Era uma certa noite de lua cheia, numa sexta-feira, o povoado do bairro de Buenos Aires se reunia para fazer uma fogueira de São João. Como era de costume, eles faziam uma fogueira bem grande que era usada para assar carne e milho. Aproveitavam o clima da noite para fofocar e contar causos mal-assombrados. Mas essa noite estava muito diferente, o vento soava estranho, só se ouvia os cachorros que de vez em quando, soltavam latidos. Estava um clima estranho quando, de repente, lá do alto vieram vários cachorros correndo. Meu avô tinha dois cachorros por nome de Brasileirinho e Rabito. Eles correram também para o alto, onde estava um bicho indefinido. O pessoal ficou observando, assustado, aquela cena. Viam um animal de pelagem preta, de características que pareciam de lobisomem, era do tamanho de um jumento. Meu vô, que estava perto da fogueira, ficou paralisado e em poucos minutos, aquele animal passou entre ele e o fogo. A cachorrada veio em bando atrás. As comadres do meu avô ficaram apavoradas e pediram para ele as acompanhar até em casa. Ao retornar para casa, meu avô ficou pensando em dúvida no que se tratava aquele bicho (COSTA, Elisa. *A fogueira de São João. História de Assombrção de Amontada*. Spotify, 30. nov. 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4S53prCmuYAGbHV3EUD8cW>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

A lua é o símbolo oposto ao sol, representa a ausência de luz (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Essa narrativa de assombrção, como tantas outras, acontece à noite, nesse caso em específico, era uma noite de lua cheia. O medo da noite foi construído historicamente tendo por base perigos concretos, porém foram paulatinamente transformados em subjetivos, “o medo *na* escuridão [tornou-se] um medo *da* escuridão” (Delumeau, 2009, p. 146). Na ausência da luz, o silêncio noturno abre espaço para nossa imaginação fantasiar medos inimagináveis. Na história, um animal não identificado é rapidamente associado a um lobisomem.

O episódio narrado tem como cenário o bairro Buenos Aires, em Amontada. É comum em alguns conjuntos habitacionais no Brasil que as ruas e bairros sejam nomeados com nomes de países ou estados. Neste sentido, o bairro se localiza em uma zona periférica da cidade. As festas santas que ocorrem no período de colheita, como o São João, são celebradas na cidade. O cotidiano é atrelado às atividades de cultivo, sendo relativamente comum conciliar a agricultura a outras profissões. Na E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, professores e funcionários produziam feijão, mandioca, criavam galinhas, castanha de caju dentre outros gêneros alimentícios.

No oitavo episódio, denominado *A Chorona*, é apresentado uma história de assombrção popularmente conhecida na região. O relato que se segue nos informa:

Havia uma jovem conhecida por sua gentileza e doçura, sempre disposta a ajudar os outros, mas que vivia sob a rigidez de sua mãe, uma mulher severa e profundamente devota. Certo dia, a jovem se apaixonou por um homem, e juntos mantiveram um relacionamento em segredo, para evitar o julgamento da mãe. O romance crescia entre encontros furtivos e promessas silenciosas. No entanto, a vida da moça mudou completamente quando ela descobriu que estava grávida. Assustada, mas cheia de esperanças, ela foi contar a notícia ao seu parceiro, na expectativa que, juntos, formariam uma família. Porém, o que ela encontrou foi raiva e frieza. Ele confessou que já tinha uma família e que aquele filho não poderia existir em sua vida. Desolada, a jovem voltou para casa com o coração em pedaços, já sabendo que não teria o apoio de sua mãe. Assim, ela se viu completamente sozinha. Com o tempo, ela tentou se preparar para ser mãe, buscando força em seu interior, mas o destino tinha planos mais cruéis. Quando chegou o momento do parto, sem ninguém para ajudá-la, a jovem foi até a beira do rio, esperando que ali pudesse dar à luz. Os gritos de dor dela se misturavam ao som da chuva forte que caía naquela noite. Quando o bebê finalmente nasceu, uma tragédia ainda maior aconteceu; a correnteza do rio levou a criança embora, afogando-a. Arrasada pela perda, a jovem não suportou a dor. Em um estado de completo desespero, naquela mesma noite, sua vida também foi ceifada pelo rio. Desde então, os moradores de Amontada acreditam que seu espírito, agora chamado de *A Chorona*, vaga pelas margens do rio, chorando incessantemente à procura de seu filho perdido. A lenda diz que nas noites mais escuras, quando seus lamentos podem ser ouvidos, é melhor não reclamar ou tentar silenciá-la. Aqueles que o fazem são punidos de maneira cruel; a chorona arranca suas línguas, carregando consigo, como um troféu macabro, um lembrete da dor de uma mãe que nunca poderá calar seu próprio sofrimento (COSTA, Elisa. *A Chorona. História de Assombração de Amontada*. Spotify, 04. dez. 2024. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/58ppmd26X8EjChYu3Xis5k>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Conforme abordamos anteriormente, de acordo com Alessandro Portelli, a história oral “nos conta menos sobre eventos que sobre significados” (Portelli, 1997, p. 31). Essa história de assombração expõe uma sociedade patriarcal, profundamente marcada por uma tradição religiosa cristã, e apresenta um relato de abandono parental. Elementos que estão presentes no cotidiano dos adolescentes de Amontada que surgem nos relatos da memória coletiva da comunidade. Jean Delumeau (2009) aponta em *História do medo no Ocidente* que na tradição cristã, mulheres que morriam no parto poderiam se tornar fantasmas.

Ao apresentar a tradição do “corpo-seco”, defunto que não teve seus pecados perdoados, tamanha a gravidade cometida que a própria terra o rejeitou, Câmara Cascudo (1983), em *Geografia dos Mitos Brasileiros*, indica a existência de “espíritos-bradadores” na tradição folclórica europeia, são espíritos que choram e gritam, como a assombração de Amontada. Cascudo também apresenta um mito originário dos sertões do Araguaia-GO, trata-se de um monstro que arranca as línguas do gado.

O nono e último episódio que foi publicado no perfil do *podcast*, cujo título é *A Cachorra Mole*, apresenta uma história que ultrapassa os limites geográficos do município de Amontada:

O relato que irei contar hoje pertence ao meu avô [...] no qual ele conta sobre seu bizarro encontro com uma estranha criatura enquanto morava temporariamente em Palmeira, distrito da cidade de Trairi...Meu avô conta que enquanto morava com sua

família em Palmeira, ele escutava uma lenda de uma criatura estranha, uma lobisomem, para ser mais exato. Digo *uma*, pois aparentemente aquela coisa era uma fêmea, chamada de *A Cachorra Mole*, na qual todos temiam ela. Apesar do nome, todos tinham medo dela e seja lá o que ela poderia fazer com quem ela encontrasse por aí. Mas, meu avô, apesar de seus joviais 20 anos, não era tolo, então ele não era de acreditar naquelas coisas tão facilmente. Na verdade, muito pelo contrário, ele era extremamente corajoso, esperto e confiante! Sempre que saía tarde da noite, seja que fosse para caçar ou até mesmo para namorar por aí na casa de alguma amiga, ele sempre carregava consigo mesmo um facão na cintura para se proteger de qualquer mau feitor ou animal nas ruas. Diz ele que não tinha medo de nada, mas naquela noite, ele sentiu um imenso pavor... Era uma noite de lua cheia, meu avô diz que estava se preparando para sair e dar uma namorada por aí. A mãe dele, no entanto, discordou da ideia e o alertou para que não saísse mais tarde naquele horário, mas ele achou bobeira e logo pegou seu facão, colocou-o em sua cintura e partiu pelas ruas da cidade, atento e de cabeça erguida. Eis que, enquanto caminhava, ele tem a ideia de seguir por um beco que ele usava como atalho para chegar na casa de sua parceira, mas bastou dar poucos passos após adentrar o beco que ele avista ao longe uma figura torta, enorme e gorda. Com orelhas grandes e caídas como a de um burro, rabo largo e arrepiado e que gemia excessivamente pelas ruas, semelhante a uma mulher chorando desesperadamente. Diz meu avô que ele até se paralisou de medo na hora por um curto segundo, mas então logo ele decide agir, pulando uma cerca que havia ao lado do beco e começando a correr em desespero, e logo a criatura começou a persegui-lo. Apesar de seu grande e pesado porte, aquela criatura era bizarramente ágil, dando passos largos e pesados de forma extremamente rápida. Sem dúvidas, aquela era a Cachorra Mole na qual ele tanto ouvia falar. Após pular outro cercado e seguir para a casa de seu tio, ele consegue despistar a criatura e corre para dentro da casa de seu tio que além de surpreso e aliviado por ele estar vivo, começa a então contar a história da Cachorra Mole. Seu tio conta que a Cachorra Mole era, na verdade, uma mulher de Canaã que matou o próprio marido, porém, após tal ato, ela se arrependeu tanto que todo aquele remorso a própria amaldiçoou, a transformando naquela espécie de lobisomem toda noite (COSTA, Elisa. *A Cachorra Mole. História de Assombramento de Amontada*. Spotify, 06. dez. 2024. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5hz77xcWLIXODLhOSaXKGh>>. Acesso em: 29. abr. 2026).

Segundo Cascudo (1983), a metamorfose em forma bestial, seja temporária ou permanente, era entendida como uma manifestação da raiva divina nas tradições greco-romanas. O autor aponta a existência da história de uma mulher transformada em cachorra após desrespeitar a morte do Padre Cícero, em 1934, dizendo que seria mais digno velar por sua cadelinha falecida. Instantes depois, a mulher se transformou em cachorra, como forma de castigo.⁵³ Sobre o surgimento de monstros:

Há um elemento comum entre os tipos de monstros presentes nas mais diversas culturas: eles não se encaixam nos padrões vistos como normais por aquela sociedade. Assim, o que um determinado grupo social define como monstruoso diz muito sobre o que ele considera humano e desumano, natural e sobrenatural, normal e anormal [...]. É verdade que, em geral, achamos que os monstros ameaçam destruir a ordem social ou moral que organiza uma comunidade. São inúmeros os exemplos de mulheres que, ao afrontar o machismo vigente em certos grupos, foram retiradas da caixa da normalidade e associadas ao bestiário ameaçador dos monstros (Simas, 2024, p. 12).

⁵³ Cascudo insere como prova da coleta da história da “Cachorra da Palmeira”, um cordel publicado por Moisés Matias de Moura, em 20 de junho de 1936, em Fortaleza–CE, de título “A moça que virou cachorra porque disse uma palavra contra o Padre Cícero Romão Batista” (Cascudo, 1983).

O ato que transformou a mulher de Canaã em cachorra-mole foi o assassinato de seu marido. O que fica oculto nessa assombrção é o que motivou o assassinato. A partir da análise de Simas (2024) sobre a relação entre a formação de monstros e o afrontamento ao machismo, podemos conjecturar que essa mulher que se transfigurou estava ameaçando a ordem social de Canaã - Trairi.

Segundo informamos, alguns episódios não foram publicados, são eles: *A Bruxa de Arengas* (2022), *Corpo Seco* (2024), *Mulher Macaca* (2024), *Riacho das Galinhas* (2024), *Episódio narrado pelo Erisvaldo* (2024), *Episódio narrado pelo João Gabriel* (2024), *Episódio narrado pela Larissa* (2024), *Episódio narrado pelo Ramon* (2024), *A Besta Fera* (2024), *Visagem da Fazenda* (2024), *O Mistério da Casa* (2024), *A Mulher que Chorava* (2024), *Botija do Pica-pau* (2024), *A Tocha* (2024), *A Casa* (2024), *Noite de Terror* (2024), *Episódio narrado pelo Romário* (2024), *O Motoqueiro Fantasma da BR-402* (2024)⁵⁴.

Durante a realização das oficinas de roteiro para produzir o *podcast*, em 2024, uma dupla de alunos me pediu para fazer a entrega do roteiro em um formato diferente. Recebi a atividade em formato de livreto (imagem 06), ou fanzine, ilustrado e diagramado como uma história em quadrinhos (HQ). Esse trabalho tão cuidadoso aponta para a necessidade de oferecer aos estudantes variadas formas de manifestação dos seus conhecimentos e aptidões nas aulas de História e no cotidiano escolar.

Imagem 06 - Fragmento do roteiro do episódio *A Cachorra Mole*.



Fonte: Elisa Costa, 06.11.2024.

⁵⁴ Alguns episódios não chegaram a ser intitulados pelos alunos, por isso optei por identificá-los com o nome do narrador.

O ensaio fotográfico realizado em 2024 para a identidade visual da segunda temporada do podcast *Histórias de Assombração de Amontada* gerou um acervo composto por vinte registros. No entanto, somente dois episódios foram ao ar, consequentemente, apenas duas imagens foram utilizadas.

Foi interessante observar, durante o processo de desenvolvimento das capas, como as equipes adequaram suas ideias às possibilidades materiais que tinham acesso (imagem 07). Para representar um lobisomem - fotografaram um aluno fazendo um gesto de rasgar o uniforme escolar, indicando a transformação. Ou ainda, as garras animais simbolizadas em unhas grandes feitas com pequenas tiras de papel em sala de aula e coladas nas unhas de um deles. Não sendo possível fazer uma fogueira na sala, as próprias mãos em uma composição simbolizaram uma chama. Uma palha de coqueiro resgatada da horta da escola se tornou uma moita. O capacete emprestado do professor de Geografia com uma lanterna do celular acesa por dentro dele virou o capacete do *Motoqueiro Fantasma da BR-402*.

Imagem 07 - Registro das fotografias produzidas na eletiva de História Local (2024).



Fonte: Elisa Costa, 30.10.2024.

Nas oficinas realizadas em 2025 na E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, foi aplicado um questionário via *Google Forms*, contando com a participação de 31 (trinta e um) discentes, provenientes de ambas as turmas. Destes, 16 (dezesesseis) eram do turno da manhã e 15 (quinze) do turno da tarde, com participação de 10 (dez) meninos e de 21 (vinte e uma) meninas. Do número total de alunos que responderam ao questionário, 24 (vinte e quatro) deles escolheram um membro da família como colaborador e os outros 7 (sete) entrevistaram pessoas sem vínculo familiar. A faixa etária do grupo entrevistado variou entre 16 (dezesesseis) e 81 (oitenta e um) anos, com uma idade média de 45 anos entre os que forneceram informação.

É válido informar que, salvo duas exceções, todos os entrevistados nasceram em municípios cearenses. Os bairros citados como cenário das histórias de assombração coletadas foram: Conjunto Ceará, Jacarecanga, Genibaú, Parangaba, Centro, Granja Lisboa, Montese, Joaquim Távora, além dos municípios da região metropolitana, Caucaia e Maracanaú. Onze histórias de assombração se passam em algum lugar público, foram citados teatro, casarão, igreja e hospital.

Durante a realização das oficinas de contação, 23 (vinte e três) alunos compartilharam as histórias com a turma. Destaco, dessas experiências algumas das histórias de assombração para serem analisadas de forma mais detida.

A minha história se passa no Pirambu [...] porque lá, onde tem o Centro Fashion, antes era uma fábrica. Aí, aquela fábrica foi desativada. Aí, o meu pai morava lá em frente, aí ele escutava que, mesmo a fábrica desativada, ele escutava barulhos como se fosse máquina funcionando. Essas coisas. Aí, depois, [...] a mãe da minha prima, aquele muro caiu por cima dela. Aí, ela morreu. Aí, a gente também ficava vendo como se fosse a imagem dela lá (COSTA, Elisa. **Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará**. Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 01. out. 2025. Aula de História).

A fábrica a que se refere a estudante é a Fábrica de Tecidos São José. Na ocasião, a turma estava estudando as fases da Revolução Industrial nas aulas de Geografia e sobre a Segunda Revolução Industrial nas aulas de História. A história de assombração, que representa um trauma familiar, se localiza na extinta Fábrica de Tecidos das Redes Filomeno, no bairro Jacarecanga. Na aula seguinte à oficina, exibi trechos de um filme produzido em 1928 e disponibilizado pelo canal do *YouTube*, chamado *História de Fortaleza do Ceará*, para que pudéssemos analisar o cotidiano da referida fábrica, quando estava em funcionamento⁵⁵.

⁵⁵ Para assistir ao vídeo: FLAVIO, João. *Fábrica São José - Filme Completo de 1928 - Colorizado*. **História de Fortaleza do Ceará**. *Youtube*, 16. abr. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=19TZ5R8Sxhc&t=1s>>. Acesso em: 29. abr. 2026.

Algumas das histórias de assombração compartilhadas escapam das fronteiras da cidade, como a transcrita a seguir demonstra:

A história da minha mãe. Eu perguntei à minha mãe sobre uma história de terror, quando a minha mãe morava lá em Itapipoca. Minha mãe falou que, quando dava sempre meia-noite, todo mundo escutava uma mulher gritando nos trilhos, que ela foi morta. Lá nos trilhos, e quando dava sempre meia-noite, todo mundo ouvia ela gritando (COSTA, Elisa. **Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará**. Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 01. out. 2025. Aula de História).

Essa narrativa se assemelha ao tipo de assombração que surge com as transformações urbanas, principalmente em relação ao desenvolvimento dos meios de transporte. Por fim, relatos como o registrado acima podem indicar sobre os percursos familiares dos estudantes, no caso em questão, a família da aluna que contou a história veio da cidade de Itapipoca–CE, município vizinho à Amontada–CE.

Outra narrativa de assombração ambientada fora da capital, mas situada na Região Metropolitana, produzida nos relata:

Essa história foi a minha vó que me contou. Ela mora lá no interior de Caucaia. Aí lá tem muita coisa assim de lenda de magia e tal, porque lá é terra indígena. Então, tem muita coisa assim, sabe? Porque os índios mexem com isso. E aí uma vez ela estava me contando que um colega dela, que ele é tipo aquele senhorzinho que cuida de fazenda e tal, uma vez ele foi ver uma plantação dele na serra. Aí ele foi entrando na serra e tem uma parte na serra perto de onde ela mora que as pessoas não conseguem entrar. Ele falou para ela que, quando ele estava entrando nessa parte dessa serra, entre as árvores, ele andava e começava a escutar uma voz de uma mulher falando, tipo como se fosse uma menina falando alguma coisa. E gritando, aí ele continuava entrando e quanto mais ele entrava, mais ele ficava zozinho. Ele começava a ver tudo embaçado. Aí chegou um momento que ele desmaiou e ele disse que, quando acordou, ele estava na entrada de novo. Aí não é a primeira vez que isso acontece; já aconteceu com outras pessoas e eles dizem que é tipo como se fosse uma princesa indígena que tem lá, tipo como se fosse um encanto de uma princesa, alguma coisa assim. Aí que alguma coisa deve ter acontecido lá e como se ela não deixasse ninguém entrar lá, só depois que quebrassem esse encanto. Só que ninguém sabe se realmente é isso mesmo, se é um encanto, como é que quebra. Mas é isso, as pessoas não conseguem entrar lá. Quem entra, volta pro início de novo (COSTA, Elisa. **Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará**. Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 30. set. 2025. Aula de História).

A princesa indígena, como descrito pela narradora, tem semelhanças com outros espíritos protetores das matas que aparecem em relatos por todo o país. Importante informar que as duas alunas que contaram histórias envolvendo povos indígenas, narradas por seus familiares, são de turmas diferentes. Porém, em ambos os casos, os relatos foram feitos a partir da reflexão sobre como o contato com os encantados faz parte do cotidiano das duas famílias.

A assombração seguinte também tem como personagem uma mulher, mas dessa vez se passa na zona urbana de Fortaleza:

Tem um relato que meu pai contou, né? Vou ler aqui, vou ler em primeira pessoa porque ele mandou em primeira pessoa: 'Ó, conheci um homem amigo do meu pai que era taxista nos anos 80. Ele contava que um dia, umas nove da noite, ali no bairro da Parangaba, viu uma moça parada que fez sinal pra ele. Ele achou estranho aquela moça vestida de roupas compridas, com um véu na cabeça, que fazia penumbra sobre seu rosto, ele a pegou próximo ao bar Avião, ponto bastante conhecido da Parangaba. A moça deu um papel a ele com um endereço. Ele, então, seguiu; ela não disse uma palavra e ele sentiu uns arrepios e também não quis falar. E, ao chegar próximo ao local indicado, a moça fez sinal, desceu, deu a ele o dinheiro certinho da corrida e saiu andando. Ele ficou observando e viu que ela entrou em uma casa. Dali, ele foi embora e não trabalhou mais pela manhã. Ao meter a mão no bolso pra ver o apurado, notou que o dinheiro que a moça pegou não era dinheiro; eram folhas de castanhola e o papel com o endereço sumiu. Ele decidiu ir na casa da moça, chamou e saiu uma senhora de idade. Ele contou o que aconteceu pra cobrar o dinheiro e a senhora mostrou um quadro na parede e perguntou se era aquela menina, a Matilde, a filha dele, e ela morreu três anos atrás, próximo ao bar Avião. E aí ele ficou todo assustado e, desde aquele dia, ele nunca mais trabalhou à noite e disse que até hoje evita o bar Avião (COSTA, Elisa. **Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará.** Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 30. set. 2025. Aula de História).

A assombração da “moça do táxi” é popular em Belém–PA, e foi transformada em conto por Walcyr Monteiro (2016), em *Visagens e Assombrações de Belém*. Nesse caso, a aparição de uma moça (falecida) que faz corrida com um taxistas deixando a cobrança da corrida para posteriormente ser paga por seu pai (vivo), é justificada no percurso como sendo um presente de aniversário deste.

No caso desse relato, resolvi fazer uma pergunta para a turma:

Elisa: Vocês sabem onde é esse Bar Avião? Vocês já viram?

Aluna: Eu não lembrei do nome, mas quando eu vi no *Google*, acho que todo mundo já viu quem anda de ônibus.

Elisa: Sim, lá perto do Terminal da Parangaba.

Aluna: Tem um bar que eu acho que nem funciona mais. Eu passei por lá e vi uma placa de aluga-se. Sendo que no *Google* está falando que é patrimônio da Prefeitura [de Fortaleza], só que [na foto] ele está bem pintadinho, mas hoje em dia está bem acabado. Ele tem um aviãozinho em cima do bar (COSTA, Elisa. **Aula-oficina Histórias de Assombração do Conjunto Ceará.** Conjunto Ceará (Fortaleza): E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, 30. set. 2025. Aula de História).

A história de assombração despertou o interesse da aluna em busca de um lugar da cidade que ela não conhecia. Trouxe ainda a possibilidade de debater a ideia de Patrimônio Cultural e conservação de edificações no município. Os mapas (imagens 08 e 09) que apresento a seguir foram produzidos em sala a partir dos relatos da turma.

torno do universo mal-assombrado podem ser trabalhados a partir de diferentes abordagens e sob óticas distintas.

Compreendo que foi mediante as múltiplas estratégias, explanadas ao longo deste texto, que eu pude acessar as experiências dos meus alunos e compreender um pouco melhor sobre as formas como eles interagem com a cidade/comunidade que lhes cerca. Para além dos nomes de ruas e dos limites dos bairros onde habitam, foi possível criar um ambiente de escuta e compartilhamento de aspectos ligados à ancestralidade e à sensibilidade dos envolvidos. Antonio Paulo Rezende (2007), na introdução do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* de Gilberto Freyre, promove uma análise primorosa acerca da pluralidade de significados que compõem o espaço urbano:

A cidade não se revela em todos seus segredos, por mais atento que seja o olhar de quem a observa. Ela é uma invenção humana, resultado de inúmeras aventuras, território das múltiplas travessias da cultura. Mas, efetivamente, nada se revela na sua nudez plena. Há sempre algo que se oculta, há uma magia escondida em cada ato, em cada objeto da sociedade. A cultura é um espaço aberto ao sim e ao não, com ambiguidades que se sucedem e se entrelaçam. Quem conta ou decifra os mistérios de uma cidade sabe dos limites, dialoga com travessuras, descreve o que for possível. A história é a construção da possibilidade, uma construção inesgotável e as cidades fazem parte dessa construção (Rezende, 2007 *apud* Freyre, 2007, p. 11).

Integrar as narrativas de assombração ao ambiente escolar permite que o ensino de História incorpore as ambiguidades, os mistérios e as dinâmicas culturais urbanas e comunitárias que residem nas margens da “oficialidade”.

5 CADERNO DIDÁTICO: AULAS-OFICINA MAL-ASSOMBRADAS

Diante das experiências vividas nas aulas-oficina (Barca, 2004) a partir do tema das histórias de assombração nas escolas E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues e E.E.F.M. Doutor Gentil Barreira, assim como, da pesquisa desenvolvida no ProfHistória–UFC, proponho como produto da dissertação um caderno didático com propostas de aulas-oficina que investigam diferentes linguagens (entrevistas, contação de histórias, fanzines, contos, *podcast*, fotografias e mapas afetivos), apresentado em anexo à dissertação.

O caderno didático é um material aberto, diferentemente do plano de aula que apresenta uma sequência a ser seguida. A proposta que será apresentada possibilita que professores e alunos possam utilizar o material de forma livre, elaborando suas experiências com as histórias de assombração conforme julguem mais adequado às suas realidades e necessidades.

O projeto gráfico do *Caderno didático: aulas-oficina mal-assombradas* foi elaborado pelo designer Félix Perini, que visou traduzir os sentidos da pesquisa através de um produto visual. A sobreposição de imagens e texturas, além da fluidez da distribuição dos textos nas páginas, remete à oralidade das histórias de assombração. Já o traçado difuso das ilustrações, feitas a partir das fotografias produzidas ao longo da pesquisa, dialoga com a ideia das coisas que são imaginadas, que não são nítidas. As fontes escolhidas evocam o diálogo entre a tradição e o novo, que emergem das reflexões sobre ouvir e contar histórias de assombração. E, por fim, as cores escolhidas para o produto foram pensadas a partir das fotografias do curta-metragem *O Assobiador*, fazendo uma releitura de elementos da natureza: azul, verde e marrom, além de um vermelho saturado que introduz um efeito surpresa, provocando o espanto característico das assombrações.

Espero que as propostas de aula-oficina mal-assombradas contribuam para que professores e estudantes resgatem o mistério e a surpresa nas aulas de História.

Boas assombrações!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tayane Ferreira de. **Didática da história e arquétipos em quadrinhos de terror: uma análise a partir de “Carniça e a Blindagem Mística”**. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.
- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**. São Paulo, 14, p. 125 – 136, 1995.
- ARAÚJO, Edcarlos da Silva. **Depois da meia-noite: experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos que narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969)**. / Edcarlos da Silva Araujo. – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021.
- ARRAIS, Cristiano. **Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood**. ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza-CE, 2009.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. *In*. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BEZERRA, Francisca Eudésia Nobre. **As vozes da "Maldizença" - Memória e Imaginário sobre a morte e o morrer no Sertão Central do Ceará**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Recurso eletrônico.
- CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. *In* MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de e KHOURY, Yara Aun. **Outras Histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- CARVALHO, Ana Paula. O que não é empatia histórica? Definição e usos de um conceito controverso. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 12, nº 26, 2023.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1983.
- CERRI, Luis Fernando. Cartografias Temporais: metodologias de pesquisa da consciência histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 36, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15076>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHAPMAN, Arthur. **Desenvolvendo o pensamento histórico: abordagens conceituais e estratégias didáticas**. Trad. Lucas Pydd Nechi e Marcelo Fronza. Curitiba: W.A. Editores, 2018.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

CIPRIANO, Maria do Socorro. A botija de Rio Formoso e outras histórias. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 28, n. 1, p. 173–190, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24237/19659>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: 3. Do mal do século XIX até hoje**; tradução de Maria Ferreira. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2020.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EGAN, Kieran. Layers of historical understanding. **Theory et Research in Social Education**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 280-294, 1989.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

FENTREES, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1992.

FILHO, Francisco Wellington. Espaços de assombração: uma microanálise do imaginário rural em narrativas de Limoeiro do Norte (CE). **Revista História em Reflexão**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 216-241, mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008.

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Herança assombrada: Espaço e história como repositórios de memória cultural em Gilberto Freyre e Jayme Griz. **Revista Letras Raras**, [S. l.], v. 9, p. 39-50. n. 2, jun. 2020.

GAGO, Marília. Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 5, no 9, p. 76-93 - 2016.

GALZERANI, José Claudio; PRADO, Guilherme do Val Toledo (org.). **Imagens que Lampejam**: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades/ de autoria da Professora Maria Carolina Bovério Galzerani. Campinas, SP: FE UNICAMP, 2021.

KOVACS, Maria Júlia. Educação para a morte. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, [S. l.], v. 25, no 3, p. 484-497, 2005.

LINO, Vanessa de Melo. **Mitos Afro-Ameríndios na Educação**: Os 'Contos da Terra' nas

aulas de História. 2022. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Garopaba, 2022. Orientadora: Aline Dias da Silveira.

LUTFI, Eulina Pacheco, SOCHACZEWSKI, Suzanna e JAHNEL, Teresa Cabral. As Representações e o Possível. In MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec. 1996.

MARTINS, José de Souza (org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

MELO, Miguel Ângelo Silva de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; TORQUATO, Emanuel Marcondes de Souza; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Ars moriendi, a morte e a morte de si**: representações da morte real e simbólica sob o foco da interdisciplinaridade. São Paulo: Alexa Cultural, 2018.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. Belém: Smith Editora, 2016.

NASCIMENTO, Mara R.; DILLMANN, Mauro. (Org.). **Guia Didático e Histórico de verbetes sobre a morte e o morrer**. Porto Alegre: Casalettras, 2022. Recurso eletrônico.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 2012, [S. l.], v. 10, p. 07-28.

PAULA, Karuna Sindhu de. “A lenda do Bicho do Rio”: Imaginário e Memória no rio Jaguaribe. In: Eurípedes Funes, Kênia Sousa Rios, Ana Isabel Cortez, Emy Falcão Maia Neto. (Org.). **Natureza e Cultura Capítulos de História Social**. 1ªed.Fortaleza, Ceará: Expressão Gráfica Editora, 2013, v. 10, p. 189-200.

PEREIRA FILHO, Antero. **Histórias de assombração do Aracati**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p.103-130.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História** – Cultura e Representação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. No 14. SP: Educ. Fevereiro/1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/revph/issue/view/788/showToc>. Acesso em: 25 de abr. 2026.

REIS, José Carlos. Tempo, História E Compreensão Narrativa Em Paul Ricoeur. **Locus**: Revista de História, [S. l.], v.12, nº 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20634>. Acesso em: 25 de abr. 2026.

RÜSEN, Jörn. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo**: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE - 2017. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,

Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2017. Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SILVA, Adriano; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. Refletindo sobre a morte, o morrer e os mortos com estudantes do ensino fundamental. **Revista Educação: Teoria e Prática/ Rio Claro**, São Paulo, v. 32, n.65, p. 01-17. 2022.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Tiago Nilson da. Ensino de História e História Oral: Educar pelas narrativas. In: BEZERRA, Danilo Alves; RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos (org.). **Ensino de história: teorias, práticas e novas abordagens – volume 3: patrimônio cultural, memórias, identidades e mundos do trabalho no ensino de História**. Recife, PE: EDUPE, 2023. p. 187–202. Recurso eletrônico.

SIMAS, Luiz Antônio. **Bestiário brasileiro: monstros, visagens e assombrações**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

SOUSA, Ricardo Costa de; CAMARGO, Cássio Michel dos Santos. Ensino de História: Memórias de mestres griôs em comunidades quilombolas. **Revista Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 164-182, jan./jun. 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção Debates).

TREVISAN, Daniele; MACIEL, Cristiano. Panorama de pesquisas sobre aspectos educativos da morte no contexto da educação básica a partir de uma Revisão Sistemática de Literatura. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jan./jun. 2023.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Oralidade e Tradição na Caatinga: Experiências do sertanejo cearense com assombrações. **Projeto História**. São Paulo, v. 22, p. 303-313, jan./jun. 2001.

VEYNE, Paul. **Os gregos acreditavam em seus mitos?: ensaio sobre a imaginação constituinte** / Paul Veyne; tradução Mariana Exalar. - 1. ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VON BORRIES, Bodo. Lidando com histórias difíceis. In: VON BORRIES, Bodo. **Jovens e consciência histórica**; organização e tradução de Maria Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza, Lucas Pydd Nechi. Curitiba: W.A. Editores, 2016, p. 32-54.

WANZELLER, Claudionor. **Mosqueiro: lendas e mistérios**. 3.ed.-Belém, PA: Paka-Tatu, 2023. XAVIER, Ângela Leite. **Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto**. Ouro Preto: Edição da autora, 2021.

APÊNDICE A – TABELA DE CATALOGAÇÃO DAS FONTES

FONTES	LUGARES	COSTUMES/ CRENÇAS	PERSONAGENS HISTÓRICOS	EVENTO SOBRENATURAL	NOTAS
PEREIRA FILHO, Antero. O baile de carnaval. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 13-17.	• Casa de Câmara e Cadeia; • Cais da Ribeira; • Barra do Jaguaribe; • Morro do Chapéu; • Gabinete de Leitura Aracatiense.	O quarto 07 da cadeia apresentava as piores condições: era o mais escuro e tinha sal espalhado no chão.		Anahí, fantasma de uma jovem que faleceu no quarto 07 após ser acusada de assassinato.	
PEREIRA FILHO, Antero. O clarinete da orquestra. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e	• Bar-pensão de Dona Chiquinha da Barra; • Volta (difícil navegação);		Conjunto do maestro Cazuza.	Clarinete do falecido músico, Antonino.	

Editora, 2016. p. 18-20.	● Barreira Preta (local de maior profundidade do Jaguaribe).				
PEREIRA FILHO, Antero. O rosário do Mirinho. <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 21-24.		Jogo do bicho; Preparar o corpo para o velório.	Rosa Ermira (meretriz).	Mirinho do jogo do bicho (voz) pede seu rosário roubado do túmulo.	
PEREIRA FILHO, Antero. No tempo dos pontões. <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 25-27.	● Porto José Alves; ● Hotel Central da Rua Grande.	Pontões: embarcações utilizadas na travessia do Rio Jaguaribe antes de existir uma ponte. Na noite mais escura do ano, muitas pessoas no rio.		Barqueiro fantasma.	

PEREIRA FILHO, Antero. As lavadeiras das Pedrinhas. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 28-30.	• Pedrinhas (entre Majorlândia e Quixaba); • Igreja Matriz e Cruzeiro.	Lavadeiras.		Missa dos mortos à meia-noite.	
PEREIRA FILHO, Antero. O sobrado das corujas. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 31-36.	• Sobrado das Corujas; • Beco da Viração; • Igreja do Rosário.	Medo da coruja corta-mortalha.	Operário Manuel Fineza, tecelão da 3ª turma da Fábrica Santa Tereza; Banda de Músicos Euterpe Operária; Diretório Emancipador dos Escravos de Aracati [Fotografia de 25 de maio de 1883].	Reunião fantasma em casarão abandonado.	
PEREIRA FILHO, Antero. A morte da escrava. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza:	• Sobrado do Senhor Dias.		Rosário de Barreira dos Vianas (mulher escravizada) cujo relato da morte foi noticiado nos jornais: “O Aracaty” de 1º de maio de 1863; “O	Rosário chora sempre que uma criança visita o casarão.	

Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 37-43.			Aracaty” (Partido Liberal) da família Pacheco e “A Epocha” (Partido Conservador) da família Caminha.		
PEREIRA FILHO, Antero. O perfume do sonho. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 44-47.	• Casa de Câmara e Cadeia; • Cemitério São Pedro.		Em 25 de junho de 1923, aterrisavam no hidroavião Junker's, dois pilotos alemães. Foi construído um monumento em homenagem aos pilotos falecidos em 1942. A população destruiu o monumento por ocasião da convocação dos reservistas para a guerra.	Rosely sonha com um moço loiro e sente um forte perfume. Encontra uma orquídea vermelha do túmulo do piloto alemão.	
PEREIRA FILHO, Antero. O cortejo. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e	• Cabaré da Albetiza (estabelecimento vizinho ao	O enterro de pessoas pobres era feito em caixão comum que pertencia a uma irmandade religiosa ou em uma rede. Os velórios eram na própria casa do	J. Penha; Rosa Fogo (prostituta); Manuel Toalhinha (coveiro); Os salineiros do Cumbe e da Beirada que	Cortejo fantasma. Um vaqueiro do Tanque Salgado teve seu sepultamento negado por terem chegado no avançado da noite. Por isso, o cortejo vaga a	

Editora, 2016. p. 48-50.	Cemitério São Pedro).	morto. Agosto é o mês da assombração.	movimentavam o comércio da cidade.	procura de um lugar para sepultar o morto.	
PEREIRA FILHO, Antero. Mestre Romeiro. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 51-52.		A morte de pessoas ricas era anunciada pelo sinal da morte através das batidas do sino da Igreja Matriz. Para homens os caixões eram pretos com enfeites prateados, cobertos por um pano preto; para donzelas, rosa com enfeites dourados; para crianças eram cobertos com um pano azul, simbolizando o céu para onde iriam.	Mestre Romeiro (artesão que fazia os caixões da cidade).	Na noite do enterro do Mestre Romeiro a comunidade ouvia o bater do martelo, como se um caixão estivesse sendo fabricado.	
PEREIRA FILHO, Antero. O passeio da moça loura. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e	• Igreja do Bonfim; • Rua Grande; • Igreja Matriz;			Fantasma de uma moça loira fazendo passeios noturnos pela cidade escura. Um rapaz que resolveu segui-la e que pôde ver seu rosto de caveira	

Editora, 2016. p. 53-54.	• Cemitério São Pedro.			indagando: “Por que persegues os mortos?”.	
PEREIRA FILHO, Antero. O beco do barão. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 55-57.	• Travessa das Flores / Beco do Encontro; • Cais da Ribeira; • Rua do Apolo; • Rua Sete Pecados; • Várzea da Castanheira.			Um marinheiro viu um casal flutuando no beco que sabia-se fechar à meia-noite.	
PEREIRA FILHO, Antero. O rosto do baú. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 58-61.		Transformar crianças oriundas do interior, trazidas para estudar, em empregadas domésticas.	Dona Gonçalves Hilda de Azevedo.	Dona Hilda viu uma procissão fantasma e um homem lhe entregou uma vela, a qual guardou no baú. Na semana que se seguiu viu o rosto do homem, era calvo, tinha bigode e um riso cínico. Ela precisou passar por um exorcismo e	

				receber rezas do padre em sua intenção.	
PEREIRA FILHO, Antero. A botija da Cruz das Almas. In: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 62-66.	• Boteco de Rosa Caroço; • Rua da Castanhola; • Capela dos Prazeres; • Rua do Piolho; • Bar <i>Maison Moderne</i>; • Rua do Comércio; • Igreja do Bonfim; • Cruz das Almas; • Rua do Apolo (atual Santos Dumont).	O Bar <i>Maison Moderne</i> pode ser interpretado como uma influência da “Belle Époque”, com todas as aspas possíveis, em Aracati; A encenação da peça “pastoril”.		Um rapaz chamado Carça (trabalhador no porto), recebe o recado de um vulto, de que havia uma botija há 99 (noventa e nove) passos da Cruz das Almas, alertou-o de que deveria ir até lá sozinho. No entanto, ele foi com mais dois amigos, encontrou a botija, mas como não seguiu o conselho do vulto o tesouro virou carvão.	

PEREIRA FILHO, Antero. A Moça do Castelo (Rigolletto). <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 67-76.	• Casarões na zona rural - os Franceses, o Castelo (ambos no Sítio Santarém); • Casa Grande dos Soares (Cacimba do Povo).	Fazendas na zona rural que serviam de casas de veraneio para as famílias abastadas; Festas de São João.		Nas noites de São João quem passa pelo Castelo vê as fogueiras acesas e o fantasma de uma moça vestida de vermelho na janela.	
PEREIRA FILHO, Antero. O Lobisomem da Várzea da Matriz. <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 77-81.	• Várzea da Igreja Matriz; • Canoa Quebrada.	Acreditava-se que se o homem batesse na própria mãe, ele viraria um lobisomem.		Antônio Quaresma agride sua mãe em uma quarta-feira que precedia a semana santa, transformando-se em uma espécie de lobisomem, porém, havia nele características de porco.	
PEREIRA FILHO, Antero. A Botija da Lagoa Nova. <i>In</i>: PEREIRA FILHO,	• Aroeiras; • Lagoa Nova.	Lavar roupas no rio.		Uma menina, filha de Dona Neném, tem vários encontros com uma moça loira que	

Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 82-84.				pede para rezarem missa por ela, e oferece uma botija em troca do serviço.	
PEREIRA FILHO, Antero. Assombração. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 85-87.	• Galego (Distrito de Fortim); • Gamboa Três Irmãos.			Sr. Pedro Conrado estava pescando com tarrafa na Praia do Galego quando ouviu gritos vindos da água. Apavorando, o pescador recolheu a rede e fugiu, ouvindo ao longo do caminho, choros e gemidos,.	
PEREIRA FILHO, Antero. Sufraia. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 88-90.	• Maloca.			Sufraia virava lobisomem com forma de um bezerro preto. Um dia, não voltou ao normal, pois não ouviu o canto do galo. Ele se transformou em uma figura híbrida permanentemente, assustando as pessoas da região.	

PEREIRA FILHO, Antero. O Castigo da Oração. <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 91-93.	• Várzea do Aracati; • Beirada; • Cantinho; • Córrego dos Rodrigues; • Córrego da Nica.			Barrão e Cambeba foram de madrugada fazer uma espécie de ritual religioso. Barrão deveria vestir uma fantasia de frade com um cordão amarrado na cintura. Quando o sino da Igreja Matriz indicou que era meia-noite um buraco se abriu no chão, e o rosto de Cambeba se transformou na cara de um porco, sendo absorvido pela terra. Barrão enlouqueceu e passou a assombrar a região das “três carnaubeiras”, andando em círculos.	
PEREIRA FILHO, Antero. O galo despertador. <i>In</i>: PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e			Cantora de rádio Margarida.	A irmã da cantora herdou seu galo-despertador que despertava mesmo sem dar corda.	

Editora, 2016. p. 94-98.					
PEREIRA FILHO, Antero. Velho Cabeleira. <i>In:</i> PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 99-103.	• Infunca; • Campo da Espinha; • Porto dos Barcos.	Haviam bombas de água no Porto dos Barcos para que a população pudesse se abastecer.		Cabeleira, um senhor morador da Infunca, virava lobisomem e teve seu encanto quebrado por Abílio Marques, que lançou um arpão na perna do bicho. Quando um lobisomem é ferido em seu estado de transformação e seu sangue jorrar na terra, o encanto é quebrado.	
PEREIRA FILHO, Antero. O Garupeiro. <i>In:</i> PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 104-107.		No final dos anos 1960, a luz elétrica da cidade era fornecida pela CERNE (Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste), gerada por motores movidos a diesel na usina instalada na margem do Rio Jaguaribe.		Boboca, dono de um bar na Duque de Caxias, deu uma carona a um funcionário da CERNE que havia perdido a condução para casa. Finalizada a carona, na viagem de retorno, sentiu uma assombração subindo na garupa de sua moto.	

PEREIRA FILHO, Antero. Ofício. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 108-111.	• Rua do Comércio; • Várzea do Prado; • Cruz das Almas.	Torrar o próprio grão de café. Havia irmandades no Aracati Colonial.		Uma senhora chamada Luzia teve contato com o ofício de Nossa Senhora que, se rezado, revelava o dia de sua morte três sábados antes. Assim ela indicou aos seus conhecidos que morreria e passou o café para o próprio velório.	
PEREIRA FILHO, Antero. Oração do Soldado 33. <i>In</i> : PEREIRA FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati . Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 112-114.	• Várzea Preta.	Jogo do bicho e o hábito de rezar a Oração do Soldado 33 para acertar no jogo.		Duas mulheres, Oscarina e Ambrósia, resolveram fazer o ritual de oração para o soldado 33 revelar a milhar do jogo do bicho e a aparição surgiu sobre um cavalo com um chicote de fogo marcando as duas mulheres nas costas com o número 33.	
PEREIRA FILHO, Antero. O Choro do bebê. <i>In</i> : PEREIRA	• Lagoa Nova.	Na seca de 1877, mais de 80.000 retirantes se		Um casal de retirantes que esperava um bebê foi	

FILHO, Antero. Histórias de assombração do Aracati. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 115-120.		abrigaram em Aracati. Pelo porto, os retirantes eram enviados à força para o Sul e o Norte do país.		separado pela viagem compulsória do homem, enviado à força no porto. A mulher ficou sozinha em uma casa abandonada que haviam ocupado e acabou morrendo no parto. O bebê sobreviveu e retirantes que passavam pelo caminho ouviram o choro, resgatando o bebê e sepultando a mulher. A cada 7 anos se pode ouvir o choro dos bebês que morreram na seca de 1877 sem batismo.	
XAVIER, Ângela Leite. Relato do sr. Francisco de Paula Mendes, seu Tito. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da	• Casa do governo (?) onde ficou a cabeça de Tiradentes	Medo de sair nas noites de quaresma; Comidas regionais.	Tiradentes - inconfidência; Rei de Portugal.	Casa que tem ouro enterrado fica assombrada para sempre; a cabeça de Tiradentes enterrada no quintal; mulher que casa com padre vira mula; homem que bate na mãe vira lobisomem, homem	A autora relata a crença da hora das almas, em que não se deve sair na rua.

autora, 2021. p. 190-193.				com olhos vermelhos vira lobisomem na quaresma; mulher, se estiver mancando, é mula.	
XAVIER, Ângela Leite. Almas penadas. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto . Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 194.	• Cemitérios das Irmandades.	Medo de sair nas ruas após a meia-noite.	Escravizados nos trabalhos das minas.	Aparições próximas aos cemitérios das irmandades.	
XAVIER, Ângela Leite. A história da moça da casa das lajes. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto . Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 195.	• Casarão das Lajes.	Casamento arranjado; Discriminação de relacionamentos interracialais.		Fantasma da moça que foi prometida em casamento.	Relacionar com o Beco do Encontro de Aracati - arquétipo.
XAVIER, Ângela Leite. Cavaleiro misterioso. <i>In</i> : XAVIER, Ângela			Fantasma de um padre cavalgando, há 200 anos procura a		

Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 196-197.			chave da sacristia que ele perdeu.		
XAVIER, Ângela Leite. Procissão das almas. <i>In:</i> XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 198-201.	• Igreja de São Francisco de Assis; • Cemitério da Igreja de Santa Efigênia; • Patronato (orfanato para meninos até 1970).	Não se saía na quarta-feira de cinzas à noite, a polícia abordava transeuntes após as 10hs da noite. Procissões com roupas medievais eram realizadas de madrugada, na sexta-feira da paixão.		Procissão fantasma.	Relacionar com outros contos de procissão fantasma.
XAVIER, Ângela Leite. Fantasmas nos templos. <i>In:</i> XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro	• Matriz N. Senhora do Pilar; • Capela da Piedade;			Diversas aparições de fantasmas de homens escravizados e padres nos templos católicos.	

Preto: Edição da autora, 2021. p. 202-203.	• Igreja do Rosário; • Igreja de São Francisco de Assis; • Igreja do Carmo; • Igreja de Santa Efigênia.				
XAVIER, Ângela Leite. A missa das almas. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 204-205.	• Igreja das Mercês de Cima.	Rezar missa em <i>latim</i>, o padre de costas para os fiéis.		O sacristão João Leite, responsável pela igreja, presenciou uma missa fantasma, onde todos eram caveiras.	
XAVIER, Ângela Leite. Bailes no 15 de Novembro. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da	• Clube 15 de Novembro; • Ponte da Barra;			Uma moça dança com uma espécie de diabo com pés de bode, à meia-noite o chão se abre e ele é absorvido pelo buraco. Em outro episódio, um menino	

autora, 2021. p. 206-209.	• Fonte da Mãe Chica; • Ponte do Alto da Cruz.			vê um homem negro com pés de pato dançando com as moças do baile. Um rapaz vai ao baile de carnaval na quarta-feira de cinzas e à meia-noite já iniciaria a quaresma, então ele encontra com um bode de olhos vermelhos e um homem sem cabeça mais alto que um poste o persegue. Um rapaz bêbado voltando para casa enfrenta o diabo e é encontrado dormindo embaixo da ponte.	
XAVIER, Ângela Leite. Sacis. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 210-211.	• Beco da Mãe Chica.			São três relatos de aparição de sacis.	

XAVIER, Ângela Leite. Monsenhor Horta. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto . Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 212-213.	• Capela do Taquaral; • Chafariz das Águas Ferreas.		Monsenhor Horta, sacerdote e cônego da Arquidiocese de Mariana no início do século XX, em 2010 foi aberto o processo de sua beatificação.	O sacerdote era responsável por curar enfermos e exorcizar demônios, mesmo depois de sua morte.	
XAVIER, Ângela Leite. Aparições. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto . Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 214-216.	• Estrada de Saramenha, Patronato.	Garrafadas para curar doenças, benzer.		O fantasma do Sr. Alexandre apareceu para um rapaz que passava bêbado em frente à casa em que ele viveu; Mulher e filha avistam a aparição de um homem de poncho (assim como o sr. Alexandre); Um homem e seu sogro veem o fantasma de um homem branco de barba ruiva no porão, desapareceu quando o homem disse: "Nossa senhora!".	
XAVIER, Ângela Leite. Lugares	• Lagoa do Gambá;	Lugar que recebia viajantes, pousos,		As ruínas que ficam dentro do clube	

assombrados. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 217-218.	• Ruínas do século XVIII; • Fazenda do Arranchadouro; • Fundação de Arte de Ouro Preto.	onde os tropeiros se hospedavam.		recreativo dos funcionários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) são cenário para diversas aparições. Uma senhora negra de pano na cabeça, fumando cachimbo, resmungando. Barulhos vindo de um quartinho que já serviu para castigar os escravizados da fazenda. Por volta de 1930, a casa onde viveu Bernardo Guimarães (Fundação de Arte de Ouro Preto) era ocupada por várias famílias pobres do interior que não conseguiam dormir ouvindo barulhos no andar de cima, passos de botas com esporas, chicote,	
---	---	---	--	---	--

				correia batendo, gemidos de dor.	
XAVIER, Ângela Leite. Visão do sofrimento. <i>In:</i> XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 219-220.	• Casa de Câmara e Cadeia; • Museu da Inconfidência; • Casa dos Contos; • Calabouço (restaurante no porão na Rua Direita).	Boa parte das construções de Ouro Preto foi feita por africanos escravizados ou pessoas detidas por circular tarde da noite, embriaguez ou briga.		Uma mulher teve uma visão durante o carnaval passando na Casa de Câmara e Cadeia, homens negros sendo torturados para construir. Um turista viu fantasmas escravizados na senzala Casa dos Contos. Uma mulher estrangeira que trabalhou no Calabouço viu duas mulheres negras com um alicate que o senhor havia utilizado para arrancar seus dentes.	A autora sugere que o aparecimento de muitos fantasmas negros em estado de sofrimento reforça uma percepção de dor e injustiça.
XAVIER, Ângela Leite. O fantasma do sino. <i>In:</i> XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto:	• Vila próxima a Ouro Preto.	O toque do sino da igreja.		Em uma vila próxima a Ouro Preto o sino da igreja, inexplicavelmente, toca todos os dias das 11:30 à meia-noite. Um tropeiro que	

Edição da autora, 2021. p. 221-222.				estava na cidade toma coragem e dorme embaixo do sino para investigar o fenômeno e descobre que é o fantasma de um padre que morreu devendo uma missa para uma alma, o tropeiro assiste a missa do padre fantasma e recebe como recompensa a chave de um quarto com todos os pertences do padre, em troca de encomendar uma missa para o padre e o homem que havia encomendado a missa.	
XAVIER, Ângela Leite. Mulas sem cabeça e os lobisomens. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto . Ouro Preto: Edição da				<u>Mula sem cabeça</u> : mulher que tem relacionamento com padre vira mula sem cabeça na quaresma. A mula corre percorrendo sete paróquias. Para pegá-la é preciso	

autora, 2021. p. 223-224.				montar uma armadilha: colocar um terço faltando contas em algum lugar que ela vai passar, isso atordoa a mula, pois ela enfim para de correr e passa a procurar as contas. Nesse momento de fragilidade ela pode ser desmascarada. Era comum em Ouro Preto encontrar terços faltando contas nos cruzeiros. Para evitar que a amante vire mula o padre tem que amaldiçoá-la sete vezes antes de rezar uma missa. <u>Lobisomem</u>: pode ser o sétimo filho homem, ou um filho que bate na mãe, ou ainda um homem que fez muitas maldades em vida, exemplo os feitores e capatazes que martirizaram pessoas escravizadas. Costuma sair depois	
----------------------------------	--	--	--	--	--

				da meia-noite e ataca pessoas que estão na rua nesse horário. Amanhecem arranhados, descabelados e com pedaços de tecido na boca. O lobisomem tem dentes afiados, pelo no corpo e também pode aparecer em forma de porco. Gostam de comer carvão e fralda de bebês. Só enxergam o branco dos olhos, dos dentes e das unhas, então para se esconder basta fechar a boca, os olhos e esconder as unhas.	
XAVIER, Ângela Leite. Mulheres de branco. <i>In</i> : XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto:	• Rua São José; • Ponte dos Contos; • Rua das Flores;	Rapazes ficavam nas ruas esperando as moças que passeavam darem sinais de que estavam interessadas em paquerar. Sair pela madrugada de bar em		Um soldado estava na rua em busca de uma mulher para paquerar e viu uma moça toda de branco, caminhou com ela, com o objetivo de deixá-la em casa e marcar outro	

Edição da autora, 2021. p. 225-228.	• Igreja das Mercês de Cima; • Igreja de São Francisco de Paula; • Rua de São José.	bar fazendo uma "via sacra".		encontro, mas o fim do passeio foi no cemitério e ela desapareceu. O soldado foi acordado pelo zelador da igreja do cemitério na manhã seguinte. Três rapazes fazendo a "via sacra" pela madrugada avistam uma mulher de branco e decidem segui-la. Um desiste quando uma coruja passa voando raspando por sobre suas cabeças. Quando chama a moça com assobios ela vira, eles se aproximam, um toca nela e a renda do vestido se desfaz, ela era uma fantasma, estava enterrada há mais de cem anos.	
XAVIER, Ângela Leite. Misteriosas mulheres de preto. In: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros,	• Ponte do Rosário; • Rua de São José;	Aparentemente, era comum homens seguirem mulheres		Uma mulher toda vestida de preto abordou o senhor Wile à luz do dia e diz que está com a	

fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 229-231.	• Ladeira de Santa Efigênia,	que andavam sozinhas pelas ruas.		barriga roncando. Ela tenta levá-lo para o cemitério. Um rapaz segue uma bela mulher toda de preto pelas ruas de Ouro Preto, até o necrotério da Igreja de Santa Efigênia, ela pediu para que ele tirasse seu véu constatando que era uma caveira. O rapaz foi encontrado desmaiado e faleceu no dia seguinte na Santa Casa.	
XAVIER, Ângela Leite. Festa fatal. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 232-233.				Um rapaz foi ao forró e lá avistou uma moça loira. À meia-noite, ele a acompanhou até em casa e deixou a sua jaqueta com ela como desculpa para encontrá-la depois. No dia seguinte, ele retornou à mesma casa e uma senhora atendeu dizendo que sua filha tinha	

				falecido havia anos, se tratava do fantasma dela. Ambos foram visitar o túmulo no cemitério e a jaqueta estava lá.	
XAVIER, Ângela Leite. Amantes separados. <i>In</i>: XAVIER, Ângela Leite. Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto. Ouro Preto: Edição da autora, 2021. p. 234.	• Pouso Quinta dos Barões; • Ladeira do Gambá.			D. Márcia era cozinheira de um restaurante e a filha do patrão tinha pesadelos com uma moça que pedia para que seus restos mortais fossem levados para o cemitério junto do amor de sua vida, era um romance proibido. Ela oferecia um tesouro em troca. Os funcionários resolveram ajudar a moça, apesar de seu pai não acreditar no sonho. Foram descobertos pelo patrão e nunca conseguiram descobrir que os restos mortais da	

				moça estavam mesmo enterrados no restaurante.	
MONTEIRO, Walcyr. A Porca do Reduto. <i>In</i>: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 23-26.	• Bairro do Reduto; • Igarapé das Almas; • Rua 28 de Setembro (Localizada no Bairro do Umarizal é uma homenagem ao dia no qual foi sancionada a Lei que declarava livres os filhos nascidos de mãe escravizada. Anteriormente esta rua tinha o	Já houve em Belém racionamento de luz, os transportes eram precários, as pessoas conversavam na calçada.	"[...] já nos fins da Cabanagem, um grupo de cabanos havia escondido neste Igarapé suas armas, na fuga que então empreenderam. E o nome ficou Igarapé das Armas, até o dia em que habitantes das redondezas afirmaram ter visto espíritos de cabanos falecidos vaguearem atrás das armas escondidas."	Todas as noites às 22 horas uma porca saía correndo até o Igarapé das Almas. Cismados, os moradores resolveram caçar o animal à pedradas e pauladas. A porca morreu e em seu lugar apareceu uma senhora morta.	

	nome de Rua dos Mártires • Praça Magalhães.				
MONTEIRO, Walcyr. A Matinta Pereira do Acampamento. In: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 27-30.	• Acampamento próximo à rua Nova; • Clube Estrela Negra; • Posto Policial da Pedreira; • Bairro do Jurunas.			Matinta Perera (Mat-taperê) é um pássaro amazônico que assobia à noite para que lhe ofereçam tabaco. No outro dia uma senhora aparece cobrando o que foi prometido. Após ouvirem assobios por várias noites seguidas os moradores do Acampamento montaram uma armadilha: à meia-noite enterraram uma tesoura aberta no quintal com uma chave no meio e um terço. Às quatro da manhã um porco apareceu preso no lugar, era a Matinta	

				que pode aparecer em forma de qualquer animal, horas depois ela se transformou em mulher e foi levada à delegacia.	
MONTEIRO, Walcyr. O Lobisomem da Pereira. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 31-34.	Bairro da Pedreira.	Campeonato de dominó (1946).		Durante uma partida de dominó, em noite de lua cheia, um homem se transformou em lobisomem.	
MONTEIRO, Walcyr. O Homúnculo do Largo da Sé. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 35-40.	- Governador José Malcher (Antigo São Jerônimo); - Almirante Barroso (Antiga Tito Franco);	Nomes de ruas que foram mudados mas permanecem conhecidas pela nomenclatura antiga.	Tremor de terra em 12 de janeiro de 1970. Talvez o receio do lugar se deva ao fato de se ter conhecimento que os Tupinambá aí residiam e naturalmente aí enterravam seus mortos, como também o devem ter feito os primeiros	Existe uma cobra sob o território da cidade de Belém, cuja cabeça estaria bem abaixo da Catedral e a cauda sob a Basílica de Nazaré. No dia em que a cobra acordar, a cidade desmoronará e será tragada pelas águas da Baía do Guajará. Um	

	• Praça da República (antigo Largo da Pólvora); • Praça Frei Caetano Brandão (antigo Largo da Sé); • Basílica de Nazaré; • Ver-o-Peso; • Bairro da Cidade Velha.		colonizadores com aqueles que não podiam enterrar nas igrejas. Era costume da época os sepultamentos serem realizados nos templos religiosos e somente os escravos e os condenados à morte ali não podiam descansar seus restos mortais. Tal prática, apesar de proibida em 1801 pelo então regente D. João, foi desobedecida em Belém até 1850, quando houve a epidemia de febre amarela.	homúnculo saiu de dentro de um bueiro e atacou José, na década de 50.	
MONTEIRO, Walcyr. A Matinta Pereira da Pedreira. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 41-46.	• Bairro da Pedreira; • Marquês de Herval; • Curuzu;	A Velha Mariana era uma benzedeira conhecida. Quando “brechavam” a sua casa, a viam dançando, seus objetos eram sincréticos.	Velha Mariana, que enriqueceu durante a “Áurea Fase da Borracha”. Depois, com o surgimento da borracha asiática, quando o produto amazônico entrou em declínio, também	Assobio da Matinta Perera, que era a Velha Mariana, arquétipo de bruxa.	

	• Antônio Baena; • Visconde de Inhaúma.		declinou a fortuna da Velha Mariana.		
MONTEIRO, Walcyr. A Mãe D'água do Igarapé de São Joaquim. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 47-52.	• Bairro do Souza; • Almirante Barroso (antiga Avenida Tito Franco); • Igarapé do São Joaquim.	As pessoas lavavam roupas no Igarapé de São Joaquim.		Anita, uma menina que acompanhava a lavagem de roupa no Igarapé, brincando jogou flores no rio em oferenda à Mãe d'Água. Ela viu uma cobra coral com uma cruz branca na cabeça. Depois do evento a menina e sua irmã ficaram assombradas, viram cobras descendo nas suas redes, isso por terem desrespeitado a Mãe d'Água.	Essa história cita lavadeiras e pode ser relacionada a uma assombração de Aracati-CE.
MONTEIRO, Walcyr. Morada de um Caboclo. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith	• Passagem São Silvestre; • Bairro da Cremação.	A crença amazônica no tajá (planta) para proteção da casa. Deve ser regado com água de carne e cachaça, tornando-o "curado", quando um		O tajá assobia à meia-noite para avisar que está vigiando a casa. Um rapaz é desafiado pelos amigos a pegar o tajá da Tia Nair.	

Editora, 2016. p. 53-58.		espírito de indígena passa a morar na planta; Assistir ao jogo do Remo e Paissandu; Conversar na calçada.		Quando o jovem, enfim, o agarrou apareceu um gigante caboclo de olhos flamejantes.	
MONTEIRO, Walcyr. O estranho cliente do Dr. X. In: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 59-66.	● Bairro da Campina; ● Rua Padre Eutíquio.		A modernização da cidade de Belém na fase da borracha, a construção do cais do porto durante o governo de Augusto Montenegro.	O Dr. X, no início do século XX, foi chamado com urgência para realizar um parto, mas ele deveria ir vendado. Pela caminhada conseguia identificar que estava indo em direção ao Armazém nº 4 no cais do porto. Pareceu viajar no tempo pois quando retirou a venda estava em uma sala em que os elementos de decoração indicavam estar em outra época. Realizou o parto, recebeu uma bolsa de couro com moedas e ao chegar em casa e	

				retirar as moedas viu que eram dobrões espanhóis de ouro, do século XVII.	
MONTEIRO, Walcyr. As Ilhas Encantadas do Marajó. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 67-72.	• Ilha de Marajó; • Rio Camará; • Município de Salvaterra; • São Tomé; • Joanes; • Beirada; • Condeixa; • Jubim.			As Ilhas C'roa Grande e C'roinha são encantadas. Quem vai para lá não retorna. Lá vive a "gente do fundo".	
MONTEIRO, Walcyr. O Pai de Santo do Jurunas. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith	• Ilha do Marajó; • Bairro do Jurunas; • Avenida Portugal.	Antiga linha de ônibus Circular Externa.		A convite de um amigo um homem vai visitar um pai-de-santo famoso - Raimundo. Ao chegar no local indicado, ele não pode atender, pois	

Editora, 2016. p. 73-80.				tinha acabado de comer e só pode incorporar de estômago vazio. Entretanto, o Pai de Santo imediatamente vomita o almoço e incorpora um encantado da Ilha de Marajó, um "gente do fundo". A entidade informa que para visitá-lo é preciso ir na sexta-feira, meia-noite na escada no Armazém nº 4.	
MONTEIRO, Walcyr. Fantasma erótico da Soledade. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 81-86.	• Avenida Serzedelo Corrêa; • Escola Kennedy; • Cemitério da Soledade; • Santa Izabel.		Túmulos referenciados na história: General Gurjão (herói da Guerra do Paraguai), Preta Domingas, Menino Cícero, Raimundinha Picanço (milagrosos).	Um homem foi solicitado a ajudar uma mulher desconhecida a encontrar o túmulo dos seus avós. O homem foi seduzido e quando negou ter relações com a mulher ela desapareceu.	

MONTEIRO, Walcyr. Noivado sobrenatural. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 87-94.	• Cemitério de Santa Izabel.			Pedro tinha passado por uma decepção amorosa, pois seu noivado havia sido rompido. Andava a esmo por Belém quando uma moça o chamou, era tarde da noite e havia começado a chover. Ele a acompanhou até sua casa e dormiram juntos. A moça era virgem e ele a pediu em noivado naquela mesma noite. Ao acordar, Pedro estava dormindo numa sepultura, de Maria de Souza Oliveira (1902-1918). As alianças estavam lá.	
MONTEIRO, Walcyr. Encontro na Praça. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith	• Praça da República; • Cemitério de Santa Izabel.			Carlos encontra uma moça chamada Mariza na rua e a acompanhou caminhando até sua casa, emprestou sua capa de chuva para	

Editora, 2016. p. 95-100.				que ela não se molhasse na chuva. Marcaram de se encontrar no dia seguinte, promessa que não se cumpriu. Carlos foi até a casa da moça e sua irmã disse que Mariza havia falecido há um ano e meio. Os pais da moça o levaram até a sepultura onde encontraram a capa de chuva dobrada.	
MONTEIRO, Walcyr. A moça sem face. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 101-106.	• Núcleo de Parque de Aeronáutica de Belém; • Bairro do Marco; • Bairro da Pedreira; • Bairro de Canudos;			Vinícius, um soldado que estava embriagado certa noite, vê uma mulher de branco vestida de "merengueira" e passa a assediá-la caminhando para acompanhá-la no caminho de casa. Quando ele tentou beijá-la a força percebeu que a moça não tinha rosto.	

	• Rua Almirante Barroso; • Largo de São Braz; • Bairro de Santa Izabel; • Cemitério de Santa Izabel.				
MONTEIRO, Walcyr. O espectro e a botija. <i>In</i>: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 107-112.	• Bairro de Santa Izabel; • Avenida José Bonifácio.	Sentar na calçada para ver o movimento.	"Naquela noite de abril chovia intensamente. Natalino olhava de esguelha seu Tio Reinaldo, que parecia bastante preocupado sem conseguir dormir. Talvez pensasse nas marés de água grande, que, aliadas à intensa chuva, naturalmente encheriam a área do Ver-o-Peso, criando-lhe problemas para	Seu Reinaldo, ouvindo chamados, foi até o quintal e se deparou com um espectro que o encaminhou para um coqueiro, indicando onde deveria cavar. Havia uma botija enterrada com jóias e moedas. Mandou rezar duas missas pela alma.	Não esquecer dos mortos! Me parece que essa é a lição desse tipo de história de assombração.

			chegar ao local de trabalho" (Monteiro, 2016, p. 109).		
MONTEIRO, Walcyr. Receitas e operações sobrenaturais. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 113-118.	• Cemitério de Santa Izabel.			O Sr. Antônio estava doente há muito tempo e não encontrava cura. Esbarrou com um senhor certo dia na rua que o receitou uma medicação que o curou. Seu nome era Camilo Salgado. José que trabalhava no Cemitério também sofria de dores, hérnia e hidrocele e pediu ajuda do milagreiro Dr. Camilo Salgado que o operou em uma aparição. Há também outra alma milagreira, o Dr. Crasso Barboza.	
MONTEIRO, Walcyr. O fantasma do Hirondele. <i>In</i> : MONTEIRO,	• Aeroporto de Val-de-Cans.	Dia 13 é dia de azar, sexta-feira dia da feiticeira, agosto mês	Suicídio de Vargas em agosto de 1954, renúncia de Jânio	Após um acidente de avião no dia 13 de março de 1970, um cozinheiro que	

Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 119-124.		do desgosto, ano bissexto é azarento.	Quadros em agosto de 1961.	trabalhava nas buscas dos destroços na Baía do Guarajá, avistou o cadáver de uma moça que havia sido encontrada morta boiando.	
MONTEIRO, Walcyr. O Cruzeiro do Telégrafo. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 125-128.	• Cruzeiro; • Rua Curuçá; • Igreja de São Raimundo; • Parragem Goiabal.	O fantasma do padre costuma aparecer na quadra carnavalesca e na quadra junina, período de excessos.	O Cruzeiro foi colocado por padres da Igreja de São Raimundo para comemorar as Santas Missões em 1958.	Meia-noite no Cruzeiro um padre sem cabeça de batina ajoelhado. Costumam vê-lo moças que voltavam de festas.	
MONTEIRO, Walcyr. Aparições no Parque. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 129-134.	• Núcleo de Parque de Aeronáutica de Belém; • Hangar de Nariz; • Estrada de Sacramento;		Nos anos 60 os uniformes da Aeronáutica mudaram, antes cáqui viraram azuis. Inicialmente eram brancos. A Avenida Duque de Caxias era um matagal. Durante o governo Juscelino os quartéis estavam de prontidão.	Um homem desesperado pede ajuda aos soldados pois está sendo perseguido, mas não encontram nada.	

	• Juliano (hospital psiquiátrico, hospício de alienados).				
MONTEIRO, Walcyr. A Ponte dos Igarapés das Almas. <i>In</i>: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 135-140.	• Igarapé das Almas; • Doca Souza Franco.		Nos anos 50 "não havia o canal agora existente, e a feira, juntamente com o Mercado Municipal, situado na esquina da Doca com a Rua Gaspar Viana, dava um colorido todo especial àquelas paragens. Na continuação da Doca, à direita da Rua 28 de Setembro, do outro lado, continuava a feira, porém apenas com objetos de cerâmica. E no prolongamento do Igarapé, moleques procuravam pescar matupiri para pretensos aquários. À altura do fim da Rua Manoel Barata e	Mapinguari ouviu a voz de seu falecido amigo, Cavalo, ao atravessar a ponte, chamando-o para acompanhá-lo.	

			início da Rua Jerônimo Pimentel, havia uma ponte de madeira que permitia a passagem sobre o Igarapé unindo as duas ruas (depois da construção do canal, foi construída uma ligação de concreto). As ruas eram matagais e nenhuma das construções atuais existia, inclusive o colégio do Senac" (Monteiro, 2016, p. 136).		
MONTEIRO, Walcyr. A Procissão das Almas. <i>In</i>: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 141-146.	• Bairro de Santa Izabel; • Travessa Castelo Branco; • Rua Conselheiro Furtado;			Dona Carmelina, uma mulher conhecida como fofqueira, certa madrugada ouviu latidos de seu cachorro, além de passos e sons sem cânticos da rua. Foi olhar e havia uma procissão à meia-noite. Uma das "pessoas" entregou-lhe uma	

	• Travessa José Bonifácio; • Cemitério de Santa Izabel.			vela. Ela entrou para deitar, deixando a vela na cômoda. Pela manhã havia se transformado em um fêmur humano. À noite ela esperou a procissão passar novamente para devolver o osso.	
MONTEIRO, Walcyr. O grito dos lenhadores da Pedreira. <i>In:</i> MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 147-152.	• Bairro da Pedreira; • Travessa Timbó; • Visconde de Inhaúma; • Marquês de Herval.		No final do século XVIII, Pedreira deixou de ser floresta virgem. Nordestinos vindos das várias capitâneas estavam engajados na derrubada de árvores de grande porte para serem vendidas. Haviam ladrões de lenha e homens morriam na batalha, sendo enterrados no local ou comidos por urubus.	Ainda hoje se escutam os gritos dos lenhadores da Pedreira.	
MONTEIRO, Walcyr. A Moça do Táxi. <i>In:</i>	• Avenida Independência;			Aparição de uma moça que faz corrida com taxistas para	

MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 153-160.	• Largo de Nazaré (Praça Justo Chermont); • Avenida José Bonifácio; • Cemitério de Santa Izabel; • Largo de São Braz; • Travessa Quintino Bocaiúva; • Travessa Rui Barbosa; • Rua São Jerônimo (Avenida Governador José Malcher);			cobram depois o valor ao seu pai, pois é o seu presente de aniversário dar uma volta na cidade. Ela já havia morrido e seu pai em vida lhe presenteava com uma corrida. Trata-se de uma história de assombração muito popular em Belém.	
---	---	--	--	--	--

	• Travessa Benjamin Constant; • Travessa Dr. Assis; • Bairro da Cidade Velha; • Largo da Sé (Praça Frei Caetano Brandão); • Largo do Carmo; • Porto do Sal; • Arsenal da Marinha; • Avenida Pedro Miranda; • Avenida Duque de Caxias;				
--	---	--	--	--	--

	• Bosque Rodrigues Alves; • Marambaia; • Estrada Augusto Montenegro; • Bairro do Marco; • Bairro da Pedreira; • Largo do Côndor (Praça Princesa Izabel).				
MONTEIRO, Walcyr. Aposta macabra. <i>In</i>: MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém. Belém: Smith Editora, 2016. p. 161-166.	• Cemitério de Santa Izabel.	Fazer a novena das almas.		Um grupo de amigos desafia João, que se dizia muito corajoso, a entrar no cemitério à meia-noite de uma sexta-feira, andar até o meio do Campo Santo e fincar uma madeira numa sepultura com o nome de todos os	

				amigos que apostaram. No dia seguinte, João não apareceu na porta do cemitério conforme combinado e foi encontrado morto em cima de uma sepultura, o pedaço de madeira fincado no chão.	
MONTEIRO, Walcyr. O carro assombrado. <i>In</i> : MONTEIRO, Walcyr. Visagens e Assombrações de Belém . Belém: Smith Editora, 2016. p. 167-172.	• Bairro da Cremação; • Travessa 9 de Janeiro; • Avenida São Jerônimo; • Avenida Conceição; • Rua dos Caripunas;		Fase Áurea da Borracha, desigualdade no desenvolvimento de Belém, o progresso demorava a chegar nos subúrbios, facilmente inundáveis.	Um barulho de carro mal-assombrado vizinho ao Cemitério de Santa Izabel.	

	• Cemitério de Santa Izabel.				
FREYRE, Gilberto. O Boca-de-Ouro. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 62-63.	• Cais do Capibaribe; • Bairro Santa Isabel.			Um homem no início do século XX saiu de madrugada pelo cais do Capibaribe numa onda meio boêmia, encontrou uma assombração de chapéu panamá desabado cobrindo os olhos, com a pele roxa de defunto, comida de bicho. Dava uma gargalhada mostrando seus dentes de ouro, um bafo de latrina. Caiu desmaiado na rua, sendo socorrido pelo "preto do leite" que espalhou a história.	
FREYRE, Gilberto. Um Lobisomem Doutor. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho:	• Poço da Panela; • Caldeireiro; • Monteiro;	Comprar azeite de lamparina para os santos. Vermelho era a cor do pecado, e não era cor para moças virgens	José Mariano foi um político abolicionista, o lobisomem não gostava dele, era abertamente racista.	Josefina Minha-Fé quando era jovem foi à venda do português comprar azeite para a lamparina dos santos e foi atacada por uma	Esse relato é muito doloroso. Possível cena de estupro.

algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 64–69.	• Rio Capibaribe.	usarem, mas sim azul. Pescadores também acreditam que o azul é uma cor positiva que espanta sereias e agrada Nossa Senhora, por isso as embarcações são pintadas dessa cor, ou de verde. A mãe de Josefina tinha sido escravizada, era católica e tinha horror a Exu. O Poço da Panela era um centro de saúde espiritual que concentrava pessoas que vinham de todo o Pernambuco em busca de banhos milagrosos, inclusive o lobisomem.		coisa amarelenta que despedaçou seu vestido, era um lobisomem e ela foi socorrida quando gritou por Nossa Senhora da Saúde. Dias depois sua mãe que lavava roupas para pessoas de posses encontrou no meio das roupas de um bacharel pedaços do vestido da sua filha.	
FREYRE, Gilberto. Luzinhas Misteriosas nos Morros do Arraial. In: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas	• Casa-Forte; • Morro do Arraial; • Casa Amarela.	William Butler Yeats informou a Freyre que essas luzes são uma crença celta.	Encontros entre flamengos e luso-brasileiros.	Nos morros onde houveram batalhas aparecem luzinhas. Assim como também as almas de soldados vagam por esses lugares (onde	

históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 70-73.				morreram em guerra).	
FREYRE, Gilberto. O Barão de Escada, num Lençol Manchado de Sangue. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 74-75.		No século XIX era costume das sinhás após fazerem suas compras, retirarem o espartilho apertado e sentar em uma cadeira de balanço de casa, algumas até fumavam charuto ou cigarro de palha.	Barão de Escada, Belmino da Silveira Lins, assassinado em eleição senatorial.	Uma sinhá descansava após fazer compras quando viu o fantasma do Barão de Escada, seu tio, enrolado num lençol branco todo manchado de sangue. Ele havia sido assassinado durante as eleições.	
FREYRE, Gilberto. O Mastro de Navio da Casa de Ponte d'Uchoa. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas	• Dois Irmãos; • Casarão gótico de Ponte d'Uchoa; • Country Club.	Um velho comandante inglês que enriqueceu no comércio, construiu uma casa em estilo gótico e colocou um mastro que pertenceu ao seu navio.		Muitas pessoas viram o fantasma do marinheiro inglês no mastro mal-assombrado.	GIBSON, Gustavo. Mansão Henry Gibson. Blog Família Gibson , s/d. Disponível em: < https://familiagibson.com.br/mansaogibs

históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 76-78.					on>. Acesso em: 29/04/2026.
FREYRE, Gilberto. No Riacho da Prata. In: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 79-83.	• Riacho da Prata; • Apipucos; • Rio Beberibe; • Rio Capibaribe.	Nas noites de São João havia a crença dos banhos abençoados nos rios. Também de quem olhasse na água à meia-noite e não visse seu próprio reflexo teria morte próxima. Mulheres se casavam com 13, 14 anos, e aos 20 já eram consideradas solteironas.	Branca Dias foi uma mulher judia sefardita que, em 1540, chegou em Recife fugindo da inquisição. Conta-se que ela jogou sua riqueza no rio que ficou conhecido por esse motivo como Riacho da Prata.	Uma sinhá decidiu ver seu futuro na água na noite de São João e não vendo seu reflexo acabou sendo assombrada pelo fantasma da Branca Dias, após a visão ela faleceu. As duas mulheres seguem aparecendo nuas nas águas do Riacho da Prata.	PORTELA, Tatiana. Conheça Branca Dias: pioneira, rebelde e mal-assombrada. Aldeia da Gente , 2020. Disponível em: https://aldeiadagente.com.br/2020/09/24/conheca-branca-dias-pioneira-rebelde-e-mal-assombrada/ . Acesso em: 30. abr. 2026.
FREYRE, Gilberto. Uma Rua Inteira Mal-assombrada. In: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em	• Avenida Malaquias; • Estrada Dois Irmãos;	A Avenida Malaquias, quando não tinha estrada construída, era cheia de jaqueiras e mangueiras. Muitos homens foram assassinados ali.		A Avenida Malaquias era conhecida por ser mal-assombrada e os acendedores de lampião costumavam morrer de medo de trabalhar por lá. Apareciam vultos, lobisomens, mulas	

torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 84-85.	• Estrada do Arraial; • Padaria do Castor.			sem cabeça, vozes de outro mundo.	
FREYRE, Gilberto. Rodar de Carro. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 86-88.	• Avenida Malaquias; • Cemitério de Santo Amaro.			Como em muitas cidades velhas do Brasil, em Recife se ouve o barulho de um carro velho rodando pelas ruas de madrugada. Algumas pessoas já viram um carro de cavalos fúnebre, cheio de penachos e dourados.	
FREYRE, Gilberto. Assombração no Rio. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense.	• Rio Capibaribe.	O Rio Capibaribe foi cenário de muitos momentos de dor. Afogamentos, suicídios, crimes, doenças.		Um homem escravizado quase se afogou ao atravessar de Ponte d'Uchoa em direção a Torres. Foi salvo ao gritar por Nossa Senhora da Conceição que apareceu. Um ex-voto em agradecimento foi	Ademar Vidal foi um folclorista que pesquisou superstições do Nordeste.

São Paulo: Global, 2008. p. 89-91.				deixado no Museu do Estado.	
FREYRE, Gilberto. Doutores e Assombrações, inclusive Certa "Mensagem" de Raul Pompeia Morto, para Martins Júnior, Vivo. <i>In:</i> FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 92-97.		No final do século XIX, havia um homem de negócios que realizava sessões espíritas na sua casa. O lugar era frequentado por homens ilustres da cidade.	Médico Tomás de Carvalho, Ribeiro de Brito (senador federal por Pernambuco), Raul Pompéia e Martins Júnior.	O espírito de um médico negro, chamado Dornelas, era evocado com frequência nas mesas. Acredita-se que em vida o Dr. Dornelas era muito respeitado. Nessa mesma casa, Martins Júnior entrou em contato com Raul Pompéia, que já havia falecido.	
FREYRE, Gilberto. O Papa-Figo. <i>In:</i> FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural		Consultar negros-velhos para cura de doenças que a medicina não resolve.		Um homem rico adoecido, acreditava-se estar virando lobisomem. Um preto-velho o aconselhou a comer fígado de menino para se curar e o velho saía pelas ruas	

no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 98-99.				com um saco pegando meninos e depois arrancando o fígado para o homem se curar. O Papa-figo é comedor de fígado.	
FREYRE, Gilberto. Fantasma de Menino Feliz. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 100-101.	• Rua da Boa Vista.			Um simpático fantasma de um meninozinho aparece na Boa Vista, ele não tem medo de gente viva e, às vezes, quer beijar os vivos.	Freyre (2008) cita um fantasma estudado por Lord Halifax, também Osbert Sitwell, de um jovem rapaz que morreu afogado aos 15 anos e que aparece em bailes para dançar com as moças. Teria sido Henry Scheverell, falecido em 1724. Parece a história do gasparzinho (HAFFENDEN, John. The ghost of Renishaw Hall: The Boy. <i>In</i>: The TLS, [s. l.], 11 abr. 2025. Disponível em: https://www.the-tls.co.uk/history/ghost-renishaw-hall-boy-in-pink-essay-john-haffen

					ded. Acesso em: 30 abr. 2026).
FREYRE, Gilberto. O Adolescente que Assassinou a Namorada. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 102-103.	• Sobrado de São José; • Casa Grande não identificada em um engenho no sul de Pernambuco.		No início do século XX, um rapaz matou sua namorada em um sobrado na Rua São José.	O texto aponta sons de ranger de escada, punho de rede e cadeira de balanço em três lugares considerados mal-assombrados.	Aqui fica bem evidente a ideia de que eventos traumáticos forjam assombrações.
FREYRE, Gilberto. Um Barão Perseguido pelo Diabo. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense.	• Bairro Torres; • Bairro Piranga; • Santo Amaro.	Existem diversas histórias sobre pactos com o diabo para explicar a riqueza de pessoas avarentas. Existe um ditado português "Na arca do avarento, o diabo jaz dentro".		Um barão pernambucano do século XIX, era conhecido por ter feito pacto com o diabo e não conseguia se livrar. Sempre que era chamado pelo demônio era visto galopando por aí. Quando o Visconde morreu, conta-se que	

São Paulo: Global, 2008. p. 104-107.				o diabo levou seu corpo e a família enterrou um caixão cheio de pedras.	
FREYRE, Gilberto. A Velha Branca e o Bode Vermelho. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 108-113.	• Country Club; • Estrada dos Aflitos; • Ponto de Parada do Arraial; • Clube Náutico; • Rosarinho.			Uma senhora que vivia com suas duas irmãs e era avarenta, mas possuía muitas joias e um Menino Jesus com cabelo humano no seu altar cheio de santos. As joias eram usadas para adornar os santos. Certo dia ela viu um bode demoníaco em casa, que deixou um cheiro de enxofre.	
FREYRE, Gilberto. O Velho Suassuna Pedindo Missa? <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural	• Casarão do Visconde Suassuna; • Bairro Pombal; • Casa-Forte.		Visconde Suassuna (velho Suassuna) torturava escravizados, chegando a matar, e enterrara-los no seu jardim.	O fantasma de um velho alto e branco é visto no casarão pedindo perdão a escravos que maltratou e missa por sua alma.	

no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 114-117.					
FREYRE, Gilberto. O Vulto do Salão Nobre. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 118-122.	● Palácio do Governo do Estado de Pernambuco; ● Praça da República; ● Edifício das Docas; ● Ponte de Santa Isabel.		Golpe de 1930.	Existe uma assombração cíclica no Palácio do Governo que aparece quando está para acontecer uma desgraça.	
FREYRE, Gilberto. O Negro Velho que Andava em Fogo Vivo. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras		Em noites de São João se acende uma fogueira no quintal para o diabo não dançar em frente à casa.		Havia um senhor negro que pisava em brasas na fogueira de São João gritando: "Viva, São João!", para Freyre isso era mágico e ele traça paralelos com	

tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 123-126.				tradições orientais de pisar em fogo.	
FREYRE, Gilberto. O Pobre que Ganhou no Bicho Graças a Nossa Senhora. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 127-129.	• Poço da Panela; • Casa-Forte; • Ilha do Joaneiro; • Convento do Carmo; • Torre; • Rua Nova; • Café Rui.		Criação do jogo do bicho por Barão de Drummond.	Um homem pobre teve uma revelação de Nossa Senhora do Carmo que apareceu no céu indicando uma nuvem no formato de um animal. Ele jogou no bicho e enriqueceu.	Freyre (2008) diz que existe um jogo oriental com 36 (trinta e seis) bichos semelhante ao jogo do bicho, citado por Pierre Nicolas. O tema foi apresentado em forma de questão na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) de 2025.
FREYRE, Gilberto. Cemitério de Carros. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em	• Rua do Imperador; • Teatro Apolo; • Caxangá; • Capunga;		Casa Agra era uma empresa funerária e de aluguel de carros de passeio. Eram presentes nas ruas do Recife até a Primeira Guerra Mundial.	Um vigia do cemitério de carros que já não tinha utilidade, dizia que o cupê com forro cor-de-rosa era mal assombrado, pois aparecia lá o fantasma de uma	

torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 130-134.	• Aflitos; • Rua do Sossego; • Cemitério de Santo Amaro.			moça toda vestida de seda.	
FREYRE, Gilberto. Outro Lobisomem. In: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 135-137.	• Beberibe; • Salgadinho; • Tacaruna; • Lingueta; • Praia do Brum.			Havia um barão, do tempo do Império, que por ser tão branco era conhecido como “barata descascada”. Acreditavam que ele era um lobisomem. Ele teria sido visto por algumas moças que iam tomar banho de mar na Praia do Brum. Conta-se que tomou o leite de uma mulata e que isso o curou.	
FREYRE, Gilberto. Luís do Rego Assombrado. In: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho:			Luís do Rego foi um militar encarregado por D. João VI a reprimir a Revolução	No Recife colonial havia uma casa em que aparecia o fantasma de uma mulher. A sua aparição indicava que	

algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 138-139.			Pernambucana de 1817.	uma desgraça iria acontecer - espécie de mau presságio. Luís do Rego viu o fantasma da mulher, como que prevendo o que lhe aconteceria. Em 1821, enquanto atravessava a Ponte da Boa Vista, levou um tiro.	
FREYRE, Gilberto. O Visconde Encantado. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho : algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 140-143.	• Campo do Encanta-Moça.		O Visconde (Pierre) de Saint-Roman foi um aviador militar francês que decidiu, em 1927, atravessar o Oceano Atlântico partindo de Paris para a cidade de Recife. Ele nunca chegou ao destino.	Os recifenses escutam barulhos de um avião fantasma que nunca pousa.	Dialoga com a história dos aviadores de Aracati.
FREYRE, Gilberto. Duas Experiências de um Psicólogo Ilustre. <i>In</i> : FREYRE, Gilberto.				Na primeira experiência sinistra, Sílvio Rabelo, era criança e viu um vulto vestido de preto	

Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 144-145.				numa balança de algodão. Na segunda, estava com sua família em casa quando ouviram um barulho de vidro quebrando, ao investigarem nada tinha acontecido. No dia seguinte, porém descobriram que uma amiga de sua irmã havia falecido naquele mesmo instante.	
FREYRE, Gilberto. O que conta a filha de outro psicólogo ilustre do Recife. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008.			Pai Adão, segundo Freyre, o maior babalorixá do Recife.	No texto, Freyre fala do grande destaque que representam os psicólogos do Recife. Um dentre eles, A. Gonçalves Fernandes, foi viver na Paraíba e quando estava lá recebeu um aviso de que Pai Adão do Fundão havia falecido.	HALLEY, Bruno. Nas veredas e lugares de um catimbolado: geomemórias de Pai Adão do Recife, em Salvador e na África (1878 – 1936). XIX Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa-PB, 2018.

FREYRE, Gilberto. Visita de Amigo Moribundo. <i>In</i>: FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 2008. p. 150-151.	• Olinda; • Hospital Pedro II.			Dois amigos que estudavam e moravam em Olinda fizeram um acordo: aquele que chegasse tarde da noite deveria pular a janela para não acordar o amigo que já dormia. Uma noite, o que estava dormindo viu o amigo pular a janela como de costume. Entretanto, no dia seguinte não tinha ninguém lá. Acontece que o amigo havia dormido em Recife. Receberam uma ligação de que um terceiro amigo estava quase morrendo no Hospital Pedro II, e chegando lá, o moribundo falou que tinha ido visitá-lo para se despedir.	
--	---	--	--	--	--

APÊNDICE B – AULAS-OFICINA MAL-ASSOMBRADAS: UM CADERNO DIDÁTICO

Aulas-
oficina

Mal-
assom-
bradas

um
caderno
didático

Saudações arrepiantes, professor(a)!

Este caderno didático é fruto da minha dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Ceará (ProfHistória UFC) e reúne propostas de aulas-oficina na temática das histórias de assombração, voltadas para alunos nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Histórias de assombração são narrativas orais que têm como personagens fantasmas, lobisomens, dentre outros seres sobrenaturais, e acontecem em cenários reconhecíveis (como o cemitério do bairro, a pracinha, a rua escura, etc.). Essas histórias são atrativas para todas as idades e seu compartilhamento estabelece vínculos sociais, geracionais e comunitários, além de revelar aspectos importantes das comunidades em que são contadas, como medos e traumas coletivos, tópicos relevantes de serem trabalhados nas aulas de história. As propostas de aulas-oficina mal-assombradas a seguir podem ser realizadas de forma independente. Sinta-se à vontade para adaptá-las à realidade da turma.

**Assombradamente,
Elisa Maria Pacheco Costa**

1

**Contação
da história
do outro
p. 7**

2

**Contação de
histórias de
assombração
p. 11**

5

**Ensaio
fotográfico
p. 21**

3

**Produzindo
contos de
assombração
p. 15**

6

**Fanzines
p. 23**

4

**Oficina de
produção de
podcast
p. 17**

7

**Construindo um
mapa afetivo das
assombrações
p. 27**

1

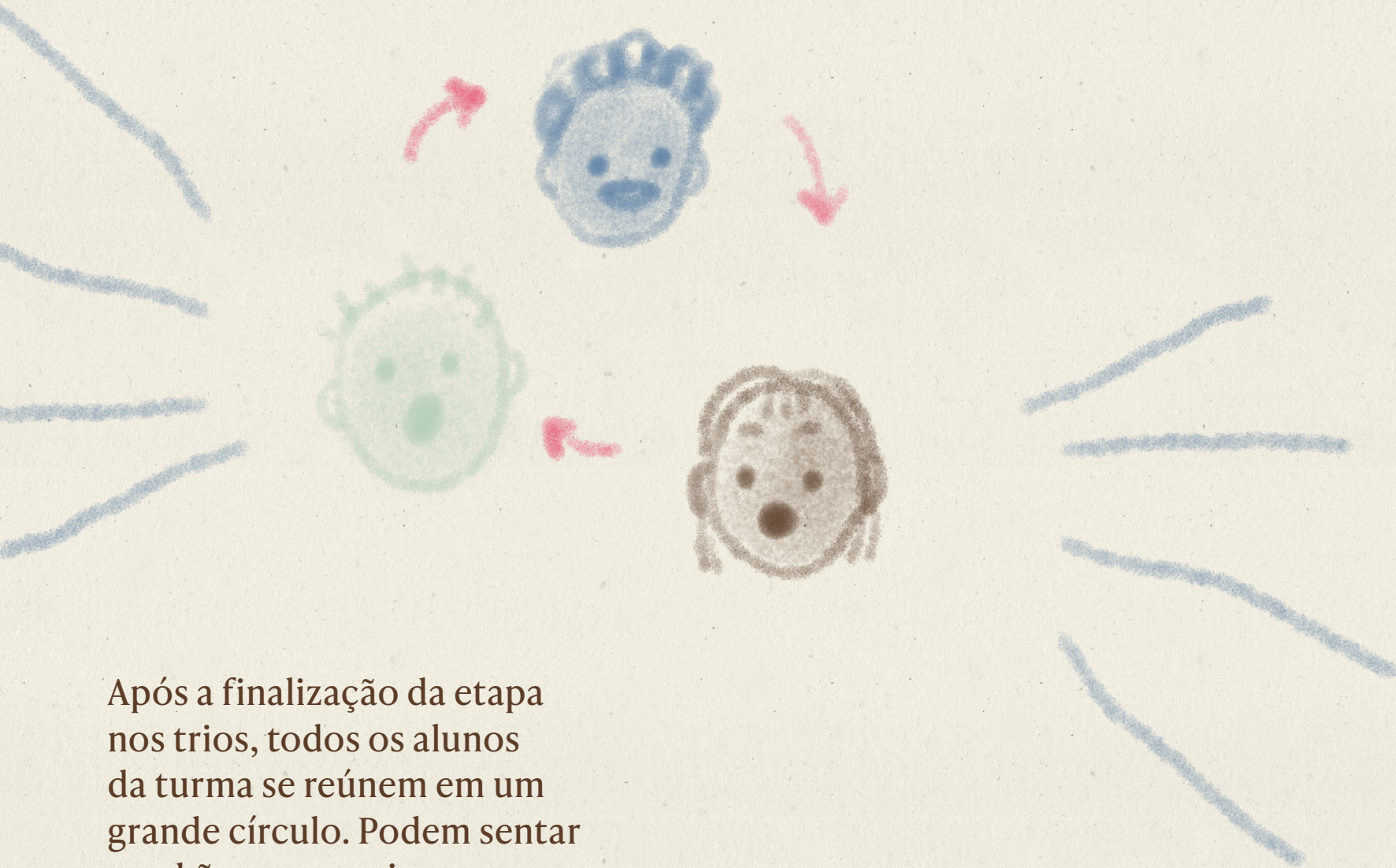
Contação da história do outro



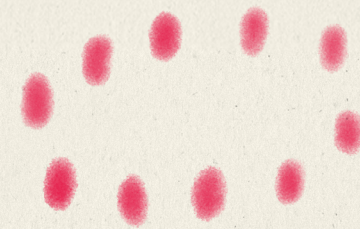
Esta aula-oficina tem o objetivo de exercitar, entre os alunos, a escuta ativa e o ato de narrar histórias. Também objetiva incentivar a criação de laços afetivos, à medida que os estudantes vão conhecendo a história de vida dos colegas. É necessário algum aparelho medidor de tempo, como cronômetro ou ampulheta.

Inicialmente, a turma será dividida em trios. É interessante garantir uma heterogeneidade durante a separação dos grupos, pois quanto menos os alunos se conhecerem, mais enriquecedor será o exercício. O professor pode distribuir números para isso.

Em seguida, os trios devem se juntar na sala, de modo que os três possam se ouvir e se ver confortavelmente. Cada aluno terá 5 minutos para contar sua história de vida para os colegas do trio e esse tempo deve ser regulado pelo(a) professor(a), de modo que toda a turma realize a atividade simultaneamente.



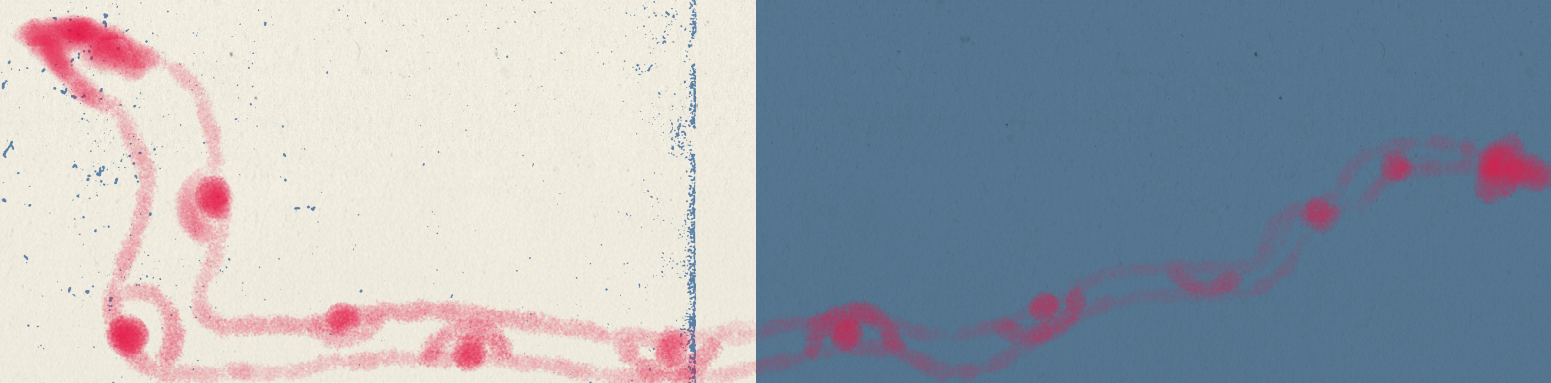
Após a finalização da etapa nos trios, todos os alunos da turma se reúnem em um grande círculo. Podem sentar no chão ou organizar as cadeiras de forma circular. Nesse momento, cada aluno contará a história de um colega do trio para a turma, de modo que todos terão sua história narrada.



Esta oficina é inspirada na metodologia do Programa de Estímulo à Cooperação na Escola (PRECE). Ela sensibiliza os alunos para realizar entrevistas em busca de histórias de assombração, como é a proposta da próxima aula-oficina.

2

Contação de histórias de assombração



Esta aula-oficina procura desenvolver um projeto de coleta e compartilhamento de histórias de assombração da comunidade escolar. Para tanto, é necessário que cada estudante planeje, antecipadamente, a realização de uma entrevista para coletar uma narrativa de assombro. O público-alvo pode ser acordado previamente com a turma (moradores do bairro, familiares, funcionários da escola, etc.). Sugiro a elaboração de uma ficha de planejamento para as entrevistas, que pode ser impressa e entregue aos alunos, contendo:

- ≧ Nome do aluno(a);
- ≧ Turma;
- ≧ Nome do(a) entrevistado(a);
- ≧ Data da entrevista;
- ≧ Local da entrevista;
- ≧ Resumo da história.

Após o planejamento, é importante agendar uma data para a realização da aula-oficina. Criar uma ambientação pode deixar a atividade mais interessante, apagando a luz da sala, por exemplo, ou colocando um som ambiente.

É importante que a atividade seja realizada em círculo, para que todos os alunos possam se ver e ouvir. Além disso, é importante que, no momento de compartilhar a história de assombração com os colegas, eles possam dizer como foi a experiência ao realizar a entrevista, usando a ficha de planejamento como guia.



O professor pode gravar o áudio da oficina para registrar as histórias e posteriormente trabalhá-las em sala de aula, relacionando as narrativas aos temas previstos no planejamento anual escolar.

3

Produzindo contos de assombração



Esta aula-oficina propõe a elaboração de contos a partir das histórias de assombração coletadas pelos alunos. Esse projeto pode ser realizado em parceria com professores de redação ou língua portuguesa. Para tanto, é interessante iniciar com o desenvolvimento de repertório com a turma. O professor pode fazer a seleção de contos de assombração para serem analisados em sala de aula.

A turma deve ser dividida em grupos de quatro alunos. Cada equipe receberá um conto impresso e fará a sua leitura coletiva, buscando responder às seguintes perguntas:

- ≧ Quem são as personagens?
- ≧ Onde se passa a história?
- ≧ Quando se passa a história de assombração?
- ≧ Resuma o enredo da história.
- ≧ Qual evento sobrenatural aparece na narrativa?

Em seguida, um representante de cada equipe deverá compartilhar com toda a turma o resultado da análise dos contos de assombração. Como atividade de casa, cada aluno deve produzir um conto, a partir da história coletada em entrevista.

4

Oficina de produção de podcast



Esta aula-oficina tem o objetivo de elaborar um podcast original a partir da pesquisa dos alunos em torno das histórias de assombração da comunidade. Iniciando com a compreensão da linguagem de podcast, o professor pode compartilhar com a turma um episódio previamente selecionado. Indico o podcast produzido pelos alunos da E.E.M. Rita Estelita dos Santos Rodrigues, Histórias de Assombração de Amontada. A partir da escuta do episódio, o professor pode indicar elementos que compõem um podcast de contação de histórias, tais como:

- ≧ Vinheta;
- ≧ Narração;
- ≧ Efeitos sonoros.

[Confira aqui o podcast Histórias de Assombração de Amontada](#)

Caso a oficina de contos tenha sido realizada, os alunos, divididos em equipes, poderão elaborar o roteiro do seu respectivo podcast a partir de um desses textos. Não havendo contos de antemão, os roteiros podem ser elaborados diretamente a partir de histórias coletadas na comunidade. Sugestão para estrutura de roteiro:

- ≧ Vinheta do podcast;
- ≧ Apresentação do narrador (indicar quem contou a história em entrevista);
- ≧ Narração da história, com início, clímax e desfecho, ambientando personagens e cenários;
- ≧ Despedida do episódio e créditos;
- ≧ Indicar no roteiro os efeitos sonoros pretendidos para a edição.



Com o roteiro em mãos, as equipes podem gravar o áudio da narração com os próprios aparelhos celulares e realizar a montagem do episódio em um programa de edição de áudio para computador ou aplicativo de celular. Sugiro o programa Audacity, para computador, por ser gratuito e intuitivo. Os episódios podem ser compartilhados em plataformas de áudio ou apresentados na escola.

Para o caso de serem compartilhados online, é necessária autorização de uso de voz pelos responsáveis legais, para alunos menores de idade.

5

Ensaio fotográfico



Esta aula-oficina pode ser realizada em conjunto com a produção do podcast, para construir as capas dos episódios, ou ainda de forma independente. O objetivo é incentivar a criação de imagens a partir das histórias de assombração coletadas em entrevistas, e não tem um compromisso com técnicas formais de fotografia.

Inicialmente, a turma pode pensar coletivamente em um estilo que gostaria de seguir para o projeto. Buscar referências fotográficas em sites de busca de imagens e refletir sobre elementos como cores, composição da imagem, cenário e iluminação. Após a definição do estilo, as equipes devem elaborar uma lista com os materiais necessários para a realização da fotografia planejada. O ensaio pode ser realizado no próprio horário de aula e o professor pode auxiliar na composição das imagens e na montagem do cenário.

Outra possibilidade seria que os estudantes elaborassem as fotografias como atividade de casa, o que permite investigar outros cenários. Após a edição, cada equipe pode compartilhar sua produção com a turma, ou ainda montar uma exposição fotográfica na escola. Caso as fotografias sejam publicizadas, é necessário coletar a autorização de uso de imagem pelos responsáveis legais de estudantes menores de idade.

6

Fanzines



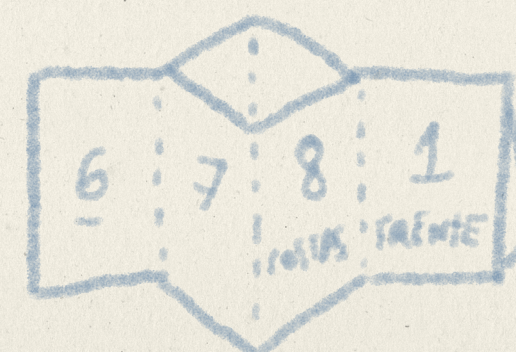
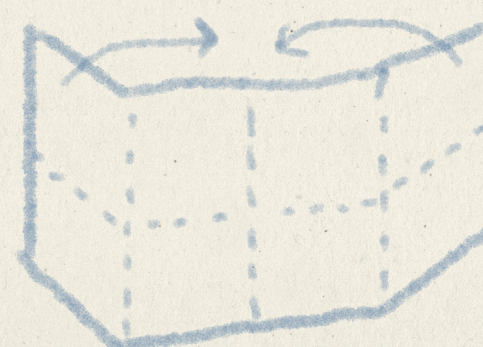
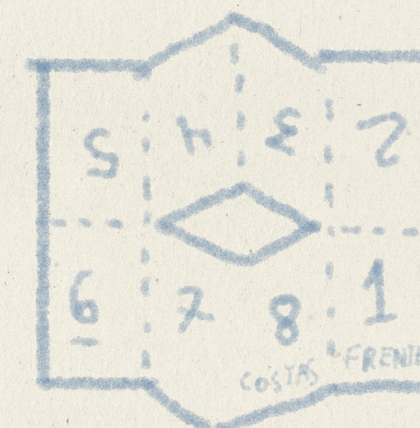
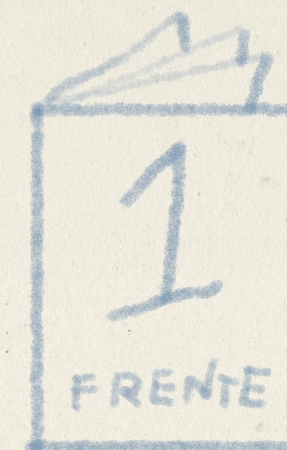
Esta aula-oficina busca criar fanzines como suporte para reunir as produções da turma ao longo da pesquisa em torno das histórias de assombração. Fanzines são publicações independentes de produção caseira. Esse formato é de fácil acesso para ser desenvolvido em sala de aula, sendo um suporte para compilar a produção dos alunos sobre o tema das histórias de assombração. Nos grupos de trabalho, os alunos podem iniciar com o planejamento dos fanzines, refletindo sobre:

- ⊃ O formato físico do fanzine;
- ⊃ Se será digitado, manuscrito ou ambos;
- ⊃ Quais os conteúdos do fanzine (relatos das entrevistas, fotografias, colagens, desenhos, poemas, etc.);
- ⊃ A distribuição de tarefas entre os membros da equipe.

Existem muitos formatos possíveis para fanzines; indico aqui um modelo simples que pode ser feito somente com dobraduras e recorte em uma folha A4.

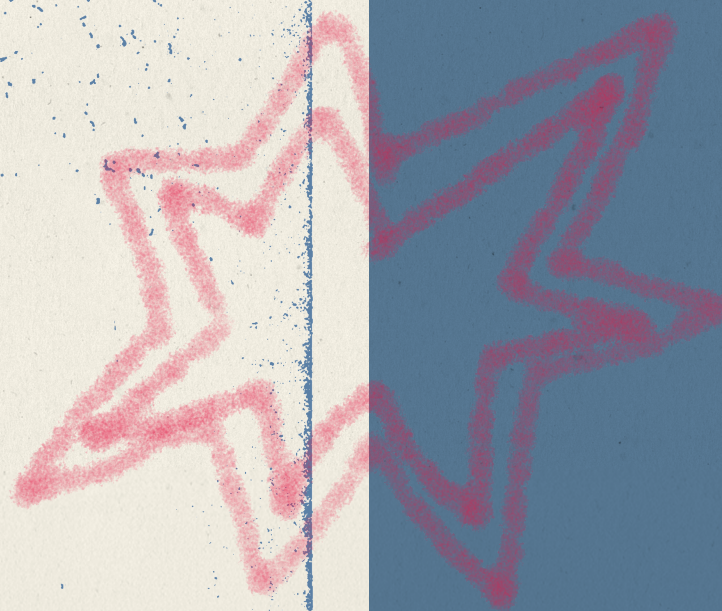


Após a elaboração dos fanzines, o professor pode fazer cópias para distribuir na turma, ou digitalizar o material para compartilhar entre os alunos.



7

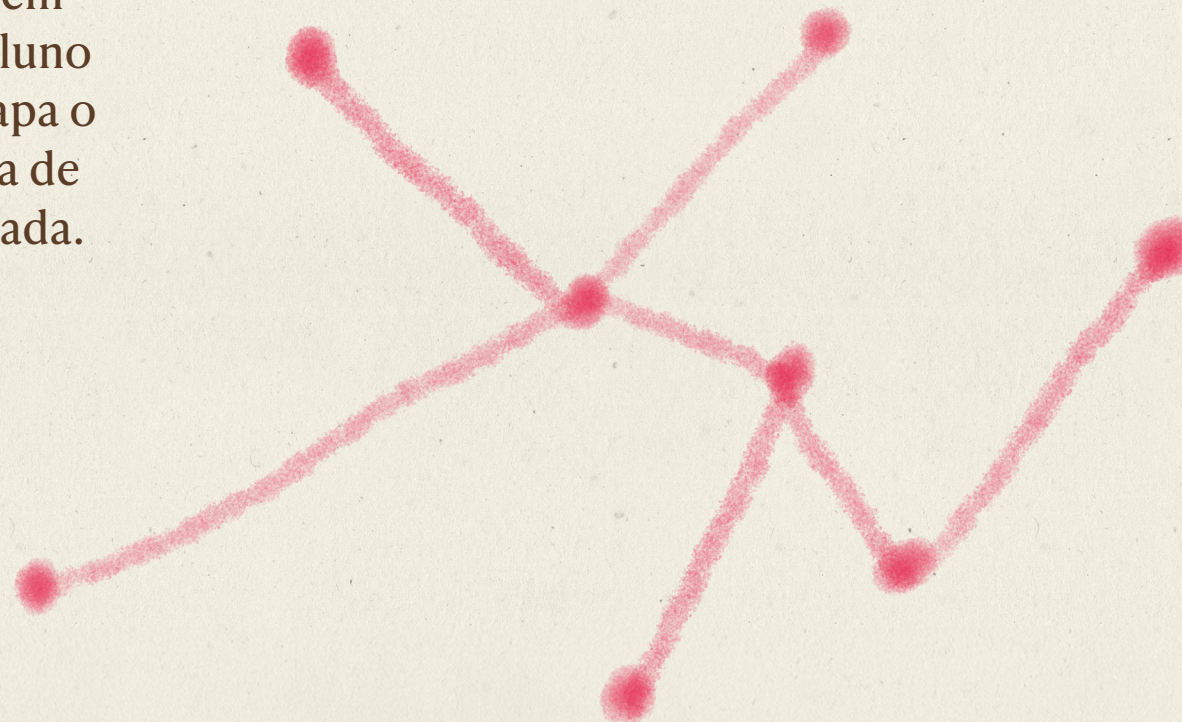
Construindo um mapa afetivo das assombrações



Nesta aula-oficina, o objetivo é a elaboração de um mapa afetivo das assombrações. Pode ser realizada de forma digital ou analógica. Para o formato digital, é necessária a utilização de um projetor e um computador com acesso à internet. O professor deve projetar, para que toda a turma possa ver, o site Mapcreator, um criador simples de mapas. Cada estudante pode indicar um local no mapa que represente a sua história de assombração coletada, permitindo assim uma observação de onde estão as assombrações do território investigado.

Para o formato analógico, o professor precisará, previamente à oficina, baixar o mapa da cidade ou do bairro em que as histórias de assombração foram coletadas. O Google Maps permite o download de mapas em PDF. Com esse arquivo em mãos, no Canva, o professor consegue transformá-lo em uma impressão de um cartaz dividido em folhas tamanho A4.

Após impressas, é só colar e o professor terá um mapa impresso em um tamanho grande, para que a turma possa visualizar. Já em sala de aula, cada aluno pode marcar no mapa o local da sua história de assombração coletada.



Em ambas as versões, é possível realizar uma exposição do mapa na sala de aula ou na escola, indicando na sua legenda um pequeno resumo da história de assombração coletada naquele local.

Tantas possibilidades de assombro...

O tema das histórias de assombração pode ser trabalhado em muitas outras linguagens. Nas aulas de história ou em parceria com outras áreas, as narrativas que assustam têm muito a nos ensinar. Espero que este caderno didático possa servir de incentivo para resgatar o mistério nas aulas de história.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Elisa Maria Pacheco

Aulas-oficina mal-assombradas [livro eletrônico] :
um caderno didático / Elisa Maria Pacheco Costa. --
Fortaleza, CE : Ed. da Autora, 2026.

PDF

ISBN 978-65-02-01964-1

1. Aprendizagem - Metodologia 2. Aulas (Educação)
3. Ensino 4. História - Metodologia 5. Suspense -
Ficção I. Título.

26-348146.0

CDD-469.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Oficina de textos : Português : Linguística :
Estudo e ensino 469.8

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

AUTORA

Elisa Maria Pacheco Costa

ORIENTAÇÃO

Dr. Jailson Pereira da Silva (UFC)

PROJETO GRÁFICO

Félix Perini



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**